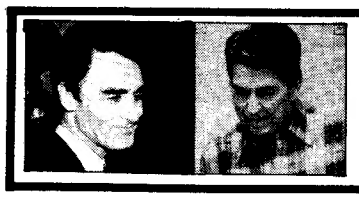
GOLFO

Iraque volta ao ataque a dois dias da visita de Cuellar a Teerão

Págs. 12 e 13



CAVACO «AMEAÇA» COM RENEGOCIAÇÃO DE ACORDO DA BASE DAS LAJES EM 1988

Pág. 3

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 460 Quinta-feira, 10 de Setembro de 1987 Preço 45$00

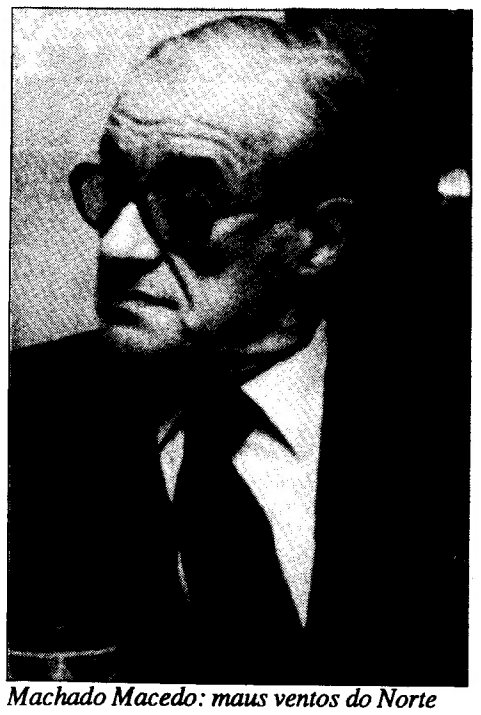
Norte e Sul mostram divergências

Beleza: dividir (também) é reinar

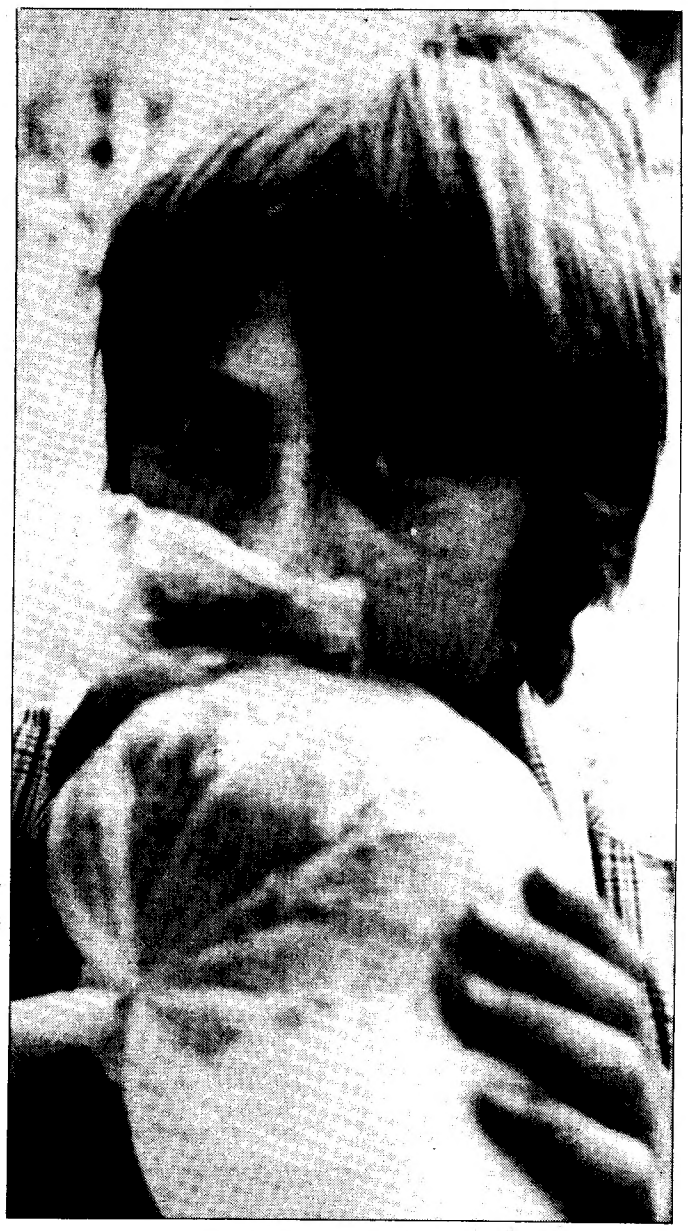
BELEZA DIVIDE ORDEM DOS MÉDICOS

Sinais de graves divergências no seio da Ordem dos Médicos transpareceram esta manhã com a divulgação de um comunicado do Conselho Regional do Sul em que este manifesta «a maior consternação» pelas declarações proferidas pelos dirigentes do Norte, acerca da reunião de sábado em Coimbra. Os médicos do Sul consideram-se, deste modo, «libertos de qualquer acordo e acham ser sua obrigação esclarecer a opinião pública sobre a posição assumida naquela reunião». Como pano de fundo desta fractura, está a questão dos «inspectores de saúde», com as quais o Conselho do Norte concorda, mesmo na forma dada por Beleza, enquanto os do Sul consideram o diploma «inaceitável e lesivo do direito à privacidade» do doente. Beleza terá deste modo marcado pontos, até porque o próximo director-geral dos Hospitais deverá «vir do Norte».

Pág. 5



Machado Macedo: maus ventos do Norte



PSP entregou-os ao Tribunal de Menores

OS 'PUTOS DA COLA' FORAM 'DENTRO'

Pág. 8

Silva Resende, em conferência de Imprensa

"Para avisar o País da invasão suspeita, se perfila a nossa candidatura"

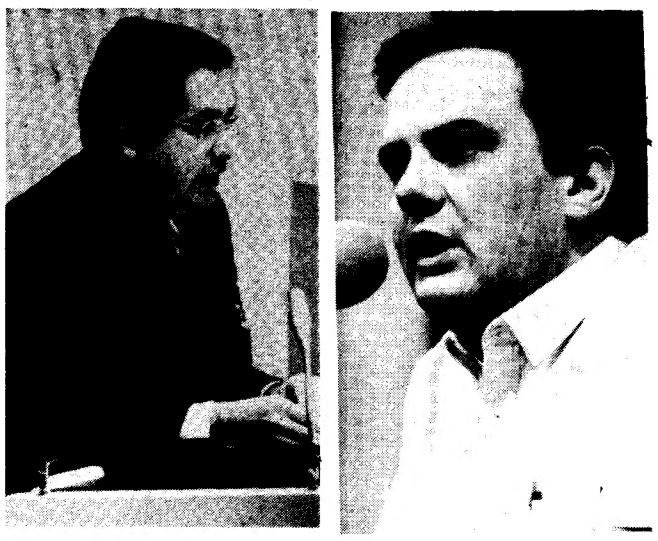
Págs. 14 e 15

Desconhecida "qualquer posição" da direcção nacional

CANDIDATURAS À CÂMARA DE LISBOA EXIGEM "CUIDADOSA PREPARAÇÃO"

— declara a FAUL do PS

A Federação da Area Urbana de Lisboa do PS(FAUL), tornou pública uma nota dando conta da sua «perspectiva» sobre as recentes notícias, consideradas «especulativas», relativas a candidatos socialistas à câmara de Lisboa.



Jaime Gama e João Soares: duas candidaturas «PS» à Câmara de Lisboa que o partido considera prematuras

Segundo a FAUL, a apresentação de «candidaturas fortes» do PS ao município de Lisboa em 1989 exige uma «cuidadosa preparação das suas condições e termos políticos» que ultrapassa a «mera indigitação à presidência da câmara».

A nota, assinada pelo secretário coordenador, Neves da Silva, acrescenta que, dada a «relevância» do município lisboeta no «contexto regional da Grande Lisboa», a FAUL «não poderá alhear-se deste processo eleitoral, pelo que naturalmente nele se empenhará, em estreita colaboração com as estruturas concelhias e com os activistas autárquicos de Lisboa do PS— com os quais o secretariado da FAUL prosseguirá uma actuação política, que não deixa de consubstanciar também uma preparação remota dessas eleições».

Depois de frisar que os orgãos dirigentes da FAUL «virão naturalmente a ter uma contribuição política importante para a indigitação do candidato político do PS à câmara de Lisboa», a nota remete tal contribuição para a nova direcção da FAUL a ser eleita em Congresso previsto para a Primavera de 1988.

«Vários perfis adequados»

A mesma nota refere, por outro lado, que a FAUL está atenta a «quaisquer manifestações de interesse» pela candidatura à presidência da câmara lisboeta que possam surgir «na área do PS, onde existem vários perfis adequados» mas acrescenta que «até ao momento não teve fundada notícia de qualquer interesse manifestado».

Finalmente, Neves da Silva refere o desconhecimento por parte da FAUL de «qualquer posição sobre este assunto tomada pela direcção nacional do PS» e conclui, certa de que «tal não aconteceria à revelia das estruturas locais e federativas competentes», serem «especulativas todas as notícias sobre esta questão».

Recorde-se, tal como já foi noticiado pelo «DL», que Vítor Constâncio já manifestou, embora não formalmente, interesse na candidatura de Jaime Gama à câmara de Lisboa e que também João Soares, membro do secretariado da FAUL, deverá manifestar, na altura própria, a sua disponibilidade para a «corrida» à CML.

Críticas no PS-Açores

Dois deputados socialistas da Assembleia Regional dos Açores, José Bettencourt e Raimundo Mesquita, criticaram, em carta enviada ao líder do PS/Açores, Leonildo Vargas, a direcção local do partido pela «terminologia utilizada nos seus comunicados públicos sobre acontecimentos da vida regional».

Os dois deputados, eleitos pela ilha Terceira, referem em particular o comunicado sobre a cerimónia de posse, em Julho passado, do novo secretário das Finanças do Executivo açoriano, Raúl Gomes. Nesse comunicado, Mota Amaral é apelidado de «barão da autonomia» e «caricatura regional do príncipe Maquiavel».

A carta diz que esta linguagem «não se compatibiliza com a crítica democrática» e acusa a direcção local do PS por não ter ainda demonstrado «capacidade de intervenção» e por retirar «credibilidade| ao partido.

O secretário coordenador, Leonildo Vargas, escusou-se a comentar a missiva antes da próxima reunião do Secretariado regional dos socialistas.

Pinto da Costa e Mário Soares, ontem, no Algarve

Depois de encontro com Soares

Pinto da Costa garante boas condições para investidores em S.Tomé

O presidente da República de São Tomé e Príncipe Manuel Pinto da Costa, afirmou no Algarve que «não existem problemas de espécie alguma para os investimentos portugueses no meu país».

O governante são-tomense, que se encontra em Portugal, em visita particular a convite do Presidente português Mário Soares, viajou ontem de manhã, de avião de Lisboa para o Algarve, para se encontrar com Soares na sua casa da praia do Vau.

Em declarações aos jornalistas, Pinto da Costa, além de acentuar a existência em São Tomé de «um clima extremamente favorável» para os investidores portugueses, referiu-se também às relações bilaterais, onde não detectou «nenhum problema».

«O que é necessário é que as pessoas encarregadas de concretizar a vontade dos dirigentes dos dois países sejam suficientemente dinâmicas e agressivas», salientou.

Pinto da Costa considerou, por outro lado, que «somos um país que luta para sair do subdesenvolvimento, daí que toda a cooperação relacionada com o sector económico tenha uma importância prioritária para nós».

O chefe de Estado são-tomense acrescentou ser necessária uma maior concertação entre os industriais portugueses, para assim poderem distinguir as melhores formas de actuarem em São Tomé.

Pinto da Costa, chegou ao aeródromo da Penina, em Portimão, cerca das 13 horas, onde era aguardado pelo Presidente Mário Soares, que ao volante do automóvel conduziu depois o seu hóspede para o Vau.

Após o almoço, que serviu para uma troca de pontos de vista relacionados com a cooperação luso-são-tomense, os dois chefes de Estado deslocaram-se à cidade de Lagos e passearam por algumas artérias, detendo-se numa esplanada para tomar um refresco, depois visitaram o Museu Regional.

Pinto da Costa, apreciou o à-vontade da visita e os contactos directos e informais de Mário Soares com a população.

«Era bom que muitos presidentes vissem isto», comentou o visitante.

O presidente sãotomense regressou hoje a Lisboa, onde tem agendadas audiências com o Primeiro-Ministro Cavaco SIlva, e outros membros do executivo.

Solidariedade contra Pinochet

Jovens portugueses fazem manifestação em frente à embaixada do Chile

Jovens portugueses de «vários quadrantes políticos e áreas de intervenção diversas» concentrar-se-ão amanhã em frente da Embaixada do Chile numa manifestação de solidariedade «com a luta do povo chileno».

Passa amanhã o décimo quarto aniversário do derrube e assassinato do presidente chileno Salvadodr Allende e subida dos militares ao Poder, sob a direcção do general Augusto Pinochet.

Num abaixo-assinado que os organizadores pretendem entregar na embaixada diz-se que «cada ano se tornou no Chile um tempo de prisões, torturas, desaparecimentos, assassinatos, de reppressão crescente».

«Vestimo-nos de negro - lê-se noutro passo - porque protestamos contra a violência que denuncia o isolamento, o inevitável fim da ditadura».

O documento alude ainda a «notícias de uma ampla unidade nacional (no Chile) em oposição à ditadura».

Os signatários exprimem a sua solidariedade «com a luta do povo chileno» e exigem «a libertação imediata dos presos políticos».

Além da concentração em frente da embaixada, estão ainda programados um desfile para o Rossio e um «happening» na Rua Augusta.

Do abaixo-assinado constam, entre outros, os nomes de Anabela (vocalista dos Mler If Dada), Carlos Paredes, Anamar, os deputados «Verdes» Maria Santos e Herculano Pombo, J. Nuno Represas, Teresa Sobral, Maria Guinot, Júlio Costa (da Juventude Socialista), Marta Delgado Martins, Tiago Bastos e João Paulo Silva (da juventude do PRD, Paula Coelho e Rogério Moreira (da Juventude Comunista).

Partido Popular Português: "comissão de fundação" é formada por dez pessoas

O Partido Popular Português, em formação no Norte do País, constituiu uma «comissão de fundação» formada por 10 pessoas e que é presidida pelo industrial Carlos Brás.

Fazem ainda parte da comissão os advogados Pimentel Alves (porta-voz) e Abel Assis, o economista Joaquim Silva, o professor universitário Velasco Paz Seixas, o industrial Pinto Ferraz, o técnico de informática João Ramalho, o técnico de rádio Carlos Barreira, o engenheiro químico Edgar Melo e a jornalista Francelina Silva.

O presidente da comissão, Carlos Brás, disse à Lusa que o processo de constituição do partido é irreversível e que a sua legalização ocorrerá «muito em breve».

Afirmou também que o Partido Popular Português tem obtido «muita adesão», sobretudo no Norte do País, e que «o público português está a aceitar com alegria e carinho a declaração de princípios».

Disse ainda que o partido tem «mais assinaturas» que as necessárias para a legalização no Tribunal Constitucional e que ainda este mês os seus responsáveis darão uma conferência de Imprensa na cidade do Porto.

Da Associação de Desenvolvimento Regional

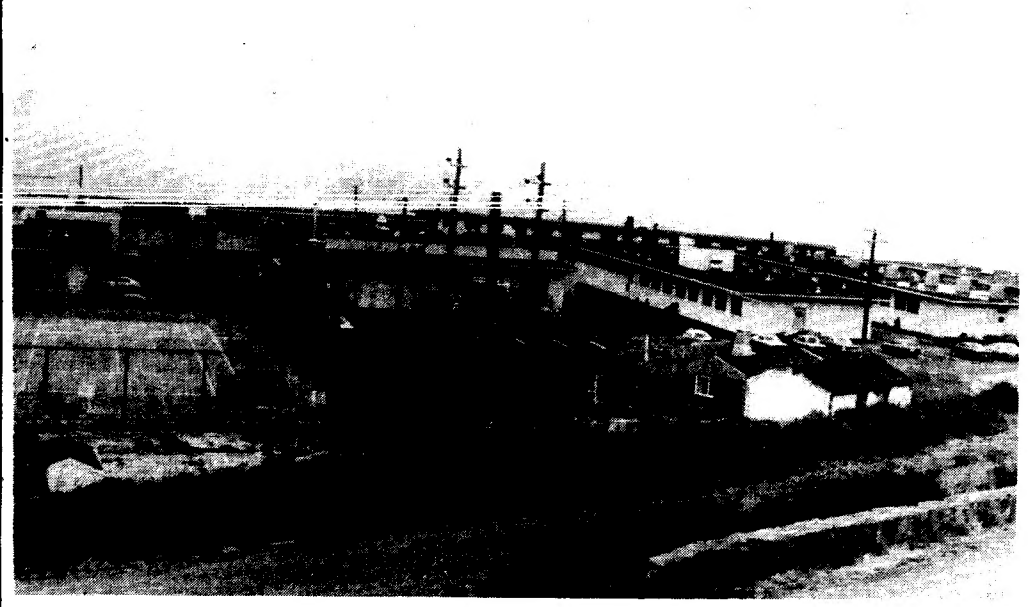
Mais um apoio a Sá Machado para a UNESCO

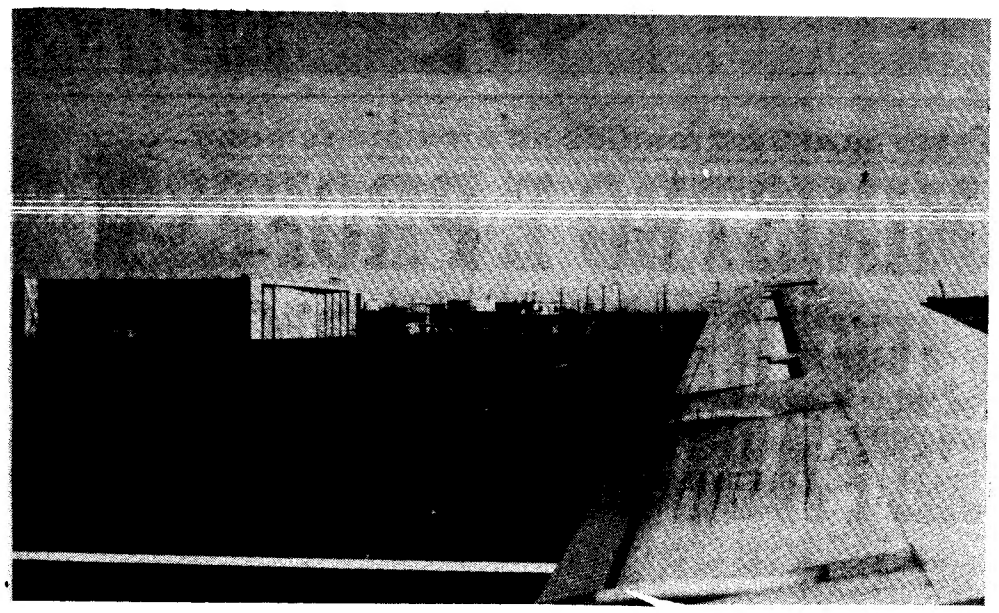
A Associação para o Desenvolvimento Regional (ADR) manifestou ontem o seu apoio à candidatura de Vítor Sá Machado, ao cargo de director geral da Unesco.

Em comunicado divulgado à Imprensa, a ADR considera tratar-se de uma candidatura de perfil nacional e de grande receptividade internacional, protagonizada por um cidadão gerador de larguíssimo consenso nos meios culturais e políticos da sociedade portuguesa e dotado de valioso saber e experiência no plano das relações internacionais.

A Asssociação para o Desenvolvimento Regional acrescenta que «Sá Machado tem desempenhado missões de alta valia para a cultura portuguesa e mundial, ao serviço da Fundação Gulbenkian e da Unesco».

«Num momento difícil da vida desta dorganização das Nações Unidas, Sá Machado pode protagonizar o contributo de Portugal para o esforço que se torna necessário fazer, no sentido da sua reorganização e reunificação» - adianta o documento.





Em entrevista do "New York Times"

CAVACO PRESSIONA ESTADOS UNIDOS PARA OBTER PAGAMENTO

A «ameaça» de renegociação do acordo de utilização da base das Lajes por parte dos EUA, feita pelo Primeiro-Ministro português em entrevista ao influente jornal norte-americano «New York Times», poderá concretizar-se já no próximo ano caso se mantenham os cortes nas verbas do acordo assinado em Dezembro de 1983 entre George Schultz e Jaime Gama, apurou o «DL» junto de fonte do Gabinete de Cavaco Silva.

«Vamos defender os nossos interesses», frisou Cavaco nas suas declarações, prestadas quinta-feira passada ao correspondente do «NYT» em Madrid, Paul Delauny. O chefe do Governo português salientou a existência de «vários problemas bilaterais» nas relações entre os dois países, citando em concreto «as compensações em troca da cedência das Lajes» e a quebra nas importações pelos EUA de têxteis e aço portugueses.

Relativamente às Lajes, e conforme apurou o «DL» junto da citada fonte, o Primeiro-Ministro não falou, ao contrário do que aparece transcrito na entrevista, em anulação do acordo mas antes na sua renegociação com base numa cláusula de salvaguarda, contida nos documentos assinados em Dezembro de 83, caso a administração norte-americana não satisfaça os compromissos financeiros acordados. Por via dessa cláusula, que a parte americana aceitou com extrema relutância, o Executivo português pode desligar-se das obrigações contidas nos acordos.

Curiosamente, quer a entrevista, quer a pronta reacção do Departamento de Estado de Washington atribuíndo as culpas dos cortes orçamentais ao Congresso, surgem numa altura em que o Senado norte-americano inicia a discussão das verbas pedidas pela Administração Reagan para pagamento das facilidades militares dadas por vários países, entre os quais Portugal.

Na sua viagem em Setembro de 1986 aos Estados Unidos, onde se avistou com Reagan e George Bush e manteve contactos no Departamento de Estado, no Pentágono e com vários senadores, democratas e republicanos, Cavaco Silva insistíu na necessidade do cumprimento por parte de Washington das verbas previstas nos acordos.

As diligências do Primeiro-Ministro não terão, contudo, resultado e dos 224 milhões de dólares previstos para Portugal para o corrente ano, o Congresso terá—segundo disse ontem o porta-voz do Departamento de Estado, Charles Redman— «desbloqueado» apenas 147 milhões, ou seja, uma diferença de cerca de 11 milhões de contos.

Responsabilidade não é do Congresso

Entretanto, a atribuição das culpas ao Congresso por parte do Departamento de Estado norte-americano, parecem não ser inteiramente correctas. Essa é pelo menos a opinião do embaixador Calvet de Magalhães, um dos negociadores dos acordos de 1983, que num artigo sobre as relações «Portugal e os Estados Unidos», inserto no último(Maio) número da revista «Estratégia». Segundo Calvet de Magalhães, que alude igualmente à cláusula de renegociação, o Congresso «introduzíu apenas cortes globais nas propostas de ajuda externa, não tendo reduzido específicamente as verbas destinadas a Portugal».

«As reduções efectuadas— sublinha o diplomata português— foram introduzidas por acto próprio da administração ao proceder ao rateio das verbas globais, em violação directa, portanto, das disposições do acordo».

A atitude de Cavaco Silva não pode entretanto desligar-se do facto de o Primeiro-Ministro português se encontrar agora, e na sequência dos resultados eleitorais de 19 de Julho, numa posição politicamente mais «forte» ou «consolidada».

Recorde-se que os governos de Espanha, Grécia e Turquia, têm adoptado, desde sempre e com maior êxito, atitudes mais firmes nas negociações com Washington das facilidades militares nos seus territórios.

A atitude da administração Reagan de violação dos acordos com Lisboa poderá ainda inscrever-se no facto de os sucessivos Governos portugueses não terem aceitado incluír no pacote das Lajes a estação de rastreio de de satélites de Almodôvar e a eventual utilização da base de Beja pela Força de Intervenção Rápida dos EUA para o Médio Oriente. Tal atitude poderá também explicar o impasse sobre Almodôvar, com Lisboa ainda à espera de resposta às contrapartidas exigidas, e os EUA ainda sem embaixador em funções na capital portuguesa.

Secretaria do Ambiente declara-se atenta

Forças Armadas defendem alargamento do campo de tiro de Alcochete

O Estado-Maior General das Forças Armadas contestou hoje que o alargamento do campo de tiro de Alcochete se processe para dentro da Resrva Natural do Tejo.

Pelo contrário, diz o EMGFA numa declaração à agência Lusa, «toda a zona de expansão se desenvolve na direcção oposta à da Reserva».

O alargamento do campo de tiro de Alcochete, fundado em 1901, tem sido contestado por várias entidades, nomeadamente pela autarquia, que alega motivos ecológicos.

«Toda a área actual e futura do campo de tiro de Alcochete está situada fora do conceclho de Alcochete, pelo que se considera no mínimo estranho que a respectiva autarquia se pronuncie sobre esta matéria fora da sua competência», diz o Estado-Maior General das Forças Armadas.

Exemplifica o Estado Maior que «o ponto mais próximo do campo de tiro situa-se a cerca de três quilómetros do limite exterior da reserva», acrescentando ainda que a sua ampliação e utilização «não obriga sequer ao abate significativo de sobreiros».

«Serão apenas — continua — efectuados alguns pequenos cortes de árvores ao longo das linhas de tiro e não em toda a área abrangida, admitindo-se mesmo um repovoamento em áreas a considerar».

O EMGFA prossegue afirmando: «Acresce que a utilização do campo de tiro não prevê o 'tiroteio', 'bombardeamento' e 'explosões' indiscriminadas, salientando-se que a maioria das munições é de 'exercício' e não 'munições reais'».

O Estado Maior General das Forças Armadas assegura ainda que o alargamento tem como objectivo «garantir uma segurança maior nos terrenos envolventes, reduzindo ao mínimo os potenciais riscos de incidentes e não o contrário, como vem sendo proclamado».

O EMGFA finaliza afirmando que «o alargamento do campo integra-se no âmbito do desenvolvimento tecnológico do país, destinando-se fundamentalmente a um campo de ensaios, basicamente orientado para a indústria nacional, embora também de utilidade para as Forças Armadas».

Entretanto, o secretário de Estado do Ambiente e dos Recursos Naturais afirmou, a propósito da declaração do Estado Maior General das Forças Armadas, que «a Secretaria de Estado está atenta aos interesses em jogo na zona de Alcochete com a eventual ampliação do campo de tiro, e zelará, intansigentemente, pelo cumprimento da legislação nacional e comunitária sobre a matéria».

Empossados dois membros do Conselho de Imprensa

Dois membros do Conselho de Imprensa foram ontem empossados pelo presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, na sala D. Maria do Palácio de São bento.

Os empossados foram José Luís Almeida e Silva, administrador de uma nova empresa jornalística das Caldas da Rainha, reconduzido para novo mandato pela Associação da Imprensa Não Diária, e João Vilas Boas, do Centro de Documentação do jornal «O Primeiro de Janeiro», do Porto, designado pela Federação dos Trabalhadores Gráficos para ocupar um dos dois lugares destinados no Conselho, de 19 membros, aos trabalhadores do sector não pertencentes aos quadros redactoriais.

Em breves palavras, o presidente da Assembleia da República sublinhou a importância e o papel do Conselho de Imprensa, orgão independente que funciona junto da Assembleia da República, no âmbito «do verdadeiro poder hoje constituído pela Comunicação Social».

O facto desta cerimónia ser o primeiro contacto entre Vítor Crespo e o Conselho foi por sua vez sublinhado pelo juiz Jorge Mendonça Torres, presidente do Conselho de Imprensa.

Mendonça Torres, frisando o estatuto de independência e a «actuação por vezes incómoda» do Conselho, já com 12 anos de existência, no desempenho das suas funções, lembrou as relações de bom entendimento que sempre têm existido entre o Conselho de Imprensa e a Assembleia da República.

Tema para uma reunião na próxima semana

MINISTRO E PROFESSORES CONSIDERAM PRIORITÁRIA ESTABILIDADE DE EMPREGO

A estabilidade de emprego dos professores não efectivos e provisórios de todos os graus de ensino, incluindo a educação pré-escolar, será tema duma reunião na próxima semana entre um grupo de trabalho do ME e a Federação Nacional dos Professores.

Esta premente questão foi considerada prioritária quer pelo ministro Roberto Carneiro quer pela Fenprof, em reunião realizada anteontem no Ministério da Educação. O grupo de trabalho será coordenado pelo chefe de gabinete do ministro.

Ambas as entidades presentes na reunião concordaram que, no que respeita aos ensinos preparatório e secundário a questão da estabilidade de emprego e acesso aos quadros está intimamente ligada à formação em serviço.

Roberto Carneiro manifestou a opinião de que o actual modelo é de inferior qualidade ao anterior, pelo que defende a preparação de um novo quadro legislativo para 88/89. Para o ano lectivo que começa dentro de dias prevê apenas a realização de alterações pontuais.

A formação em serviço será objecto de análise numa reunião marcada para o próximo dia 22 entre os secretários de Estado da Reforma Educativa e do Ensino Superior e a Fenprof.

Roberto Carneiro manifestou-se empenhado em que em Janeiro de 1988 sejam aplicados os novos vencimentos dos professores portugueses a leccionar no estrangeiro.

O estatuto de ensino superior particular e cooperativo é para o ministro outra questão prioritária, devendo o diploma que o rege ter uma nova versão dentro de 30 a 45 dias, para o que aquele membro do Governo espera ouvir os partidos da oposição, devido ao melindre do problema.

Neste primeiro encontro de trabalho entre a nova equipa do Ministério da Educação e a Federação Nacional dos Professores, foram ainda tratados problemas tão momentosos como o estatuto da carreira docente dos ensinos básico e secundário pré-escolar e especial, a reestruturação curricular e o Conselho Nacional de Educação.

Quanto ao estatuto da carreira docente, Roberto Carneiro informou ter dado pressa ao grupo de trabalho criado pela anterior equipa ministerial para preparar um projecto, admitindo a hipótese de no primeiro período lectivo haver algum desenvolvimento do assunto:

Anunciou o ministro um debate para Outubro sobre a reestruturação curricular, tendo como base o trabalho produzido no âmbito da Comissão de Reforma do Sistema Educativo.

O titular da pasta da Educação anunciou ainda a intenção de promover alterações no quadro legal regulamentador do Conselho Nacional de Educação.

Museu e informática nas Jornadas Pedagógicas do SPGL

«O museu uma escola viva» e «A informática no ensino» são as duas acções das Jornadas Pedagógicas do SPGL a decorrer actualmente.

A primeira daquelas acções, que se vem repetindo há vários anos devido ao êxito que sempre tem, realiza-se no Museu Nacional de Arte Antiga, de colaboração com a equipa ali responsável pelos serviços e educativos e «A informática no ensino» decorre de manhã na escola Pedro de Santarém e de tarde na Emídio Navarro, em Almada.

«Origens do Universo» e «Saúde Escolar» são mais dois temas incluídos nas Jornadas Pedagógicas/87 do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, que este mês se prolongam até ao dia 18, mas que continuarão ao longo do ano lectivo.

A acção sobre a «Lei de Base do Sistema Educativo e o futuro da Educação em Portugal» prevista para os dias 15, 16 e 17, foi adiada para meados de Novembro, devido à ausência do País de alguns oradores convidados.

Nas acções previstas ao longo do ano lectivo incluem-se áreas como «Descobrimentos portugueses», «Centenário do Nascimento de Fernando Pessoa», «Língua Portuguesa», «Ciência Genética», «Ambiente e energia nuclear» e «Formação Profissional dos Jovens».

CM de Faro facilita transportes a alunos nocturnos

A Câmara Municipal de Faro anunciou que irá assumir no próximo ano lectivo o transporte dos alunos das zonas rurais do concelho que frequentarem as escolas da cidade em regime nocturno.

A autarquia dispõe de um autocarro que efectuará de segunda a sexta-feira dois circuitos.

Esta iniciativa visa proporcionar aos alunos nocturnos das zoonas rurais do concelho de Faro oo transporte para as respectivas localidades,até agora inexistente pela ausênciia de carreiras da Rodoviária NNacional depois das 19.30 horas.

MUNICÍPIO DA AMADORA

11 de Setembro • 1987

COMEMORAÇÕES DO 8.°ANIVERSÁRIO

PROGRAMA:

DIA 11 ÀS:

14.30 — Espectáculo de Pára quedismo no Parque Central da Amadora com Corpo de Pára-quedistas da Força Aerea Portuguesa

17.00 — Sessão Solene Comemorativa do 8.° Aniversário do Município no Edifício Municipal.

21.30 — Café Concerto na Quinta de S. Miguel (Tivoli) com a Banda Raio de Sol.

DIA 12 ÀS:

21.00 — No Campo do Estrela da Amadora a «NOITE DE ESTRELAS», espectáculo com Rui Veloso, Vitorino, Jorge Palma e Brigada Victor Jara.

BILHETES

Na Era Nova, Câmara Municipal da Amadora, Campo do Estrela da Amadora e na Livraria CDL, e Abril Abril na Amadora.

CLÍNICA MÉDICO-DENTÁRIA REPÚBLICA

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Competência a Preços Acessíveis
Aberto aos sábados e domingos

Urgências sem marcação
Av. da República, 99-5.°-Esq.° (ao Campo Pequeno)
Telef. 760569

Em encontro no âmbito da "Marca 87", no Funchal

Professores querem reformulação do ensino artístico a nível superior

Terminou no Funchal o Congresso de História e Sociologia da Arte integrado no festival Marca 87.

O encontro, que reuniu durante três dias 120 pessoas, recomendou o prosseguimento periódico, de preferência bienal, de debates semelhantes, com maior especialização dos temas a abordar.

Os professores presentes manifestaram apoio a um próximo encontro «especialmente destinado ao estudo das concertações e reformulações convenientes no âmbito do ensino supeior artístico a nível nacional e tipos de formação que proporciona».

Esta medida teria como objectivo «o melhor cumprimento das metas, adequada inserção das escolas oficiais no ensino universitário e formas de articulação diversificada entre estas e as escolas privadas».

O comunicado final aponta que se verificaram numerosas convergências de posições e apreciações relativamente à obra dos artistas considerados, à relevância da arte portuguesa contemporânea, à revitalização do mercado de arte nacional, à situação e perspectivas do ensino artístico no país e às atitudes perante o património.

As divergências manifestaram-se relativamente ao estatuto, metodologias e prática da crítica de arte, ao entendimento de uma situação pós-moderna, e à tendencial prevalência do mercado como via ou meio de difusão artística, não obstante o reconhecimento das funções que desempenham.

Salienta que a abertura ideológica e a vivacidade do diálogo foram dos aspectos mais positivos deste congresso.

O comunicado final admite que o congresso, «pelo seu ineditismo, pela importância de se ter, realizado num meio português escasso de iniciativas culturais com esta envergadura, e atendendo à diversidade das temáticas versadas, torna difícil a extracção de conclusões globais».

Foram apresentadas e debatidas comunicações versando a obra e vida de artistas portugueses deste século e a situação da arte portuguesa contemporânea, em especial nos anos 80.

O estatuto e funções da crítica e meios de divulgação da actividade artística; perspectivas específicas da criação artística, da investigação e do seu entendimento, os esudos universitários de arte e aspectos fundamentais do ensino superior artístico em Portugal, foram outros aspectos abordados.

Na sessão de encerramento, o secretário Regional da Educação e presidente do Governo actualmente em exercício, Brazão de Castro, classificou a «Marca» como «um grande acontecimento cultural, que teve em Faria Paulino o seu principal incentivador».

Aqule membro do Governo Regional salientou também que, «numa Europa multicultural, as regiões aparecem como agentes privilegiados de cultura, na sua diversidade, enriquecendo assim a identidade do própro Estado».

Braga

Quatro secundárias não abrem a 21

Apenas duas das seis escolas secundárias de Braga, vão cumprir o calendário do Ministério da Educação, que determina a abertura do ano lectivo 87/88 no dia 21, enquanto as quatro escolas preparatórias anunciam a abertura das aulas para a data indicada.

No que diz respeito ao ensino secundário, apenas as escolas Carlos Amarante e D. Luis de Castro, confirmaram a abertura na data oficial.

As escolas secundárias Sá de Miranda e de Maximinos debatem-se com alguns problemas, fundamentalmente falta de equipamento ou de ordem administrativa.

A Escola Secundária D. Maria II só decidirá segunda-feira sobre a data de abertura do ano lectivo.

Em relação ao ensino secundário, a nova escola secundária de Palmeira vai albergar muitos dos alunos que frequentaram no ano passado os estabelecimentos da cidade.

De um total de 15 mil estudantes que vão frequentar os seis anos do secundário e complementar, cerca de mil vão estudar nesta nova unidade escolar.

Quanto ao ensino preparatório, as escolas da cidade, de Braga, estão a postos para receberem no próximo dia 21 os cerca de cinco mil alunos inscritos.

Médicos do Norte "roem a corda"

BELEZA CONSEGUE PROVOCAR FRACTURAS NA ORDEM

O Conselho Regional do Sul, da Ordem dos Médicos, desmente que as posições assumidas na reunião do Conselho Nacional Executivo, em Coimbra, sejam as que o Conselho Regional do Norte veiculou através dos órgãos da Comunicação Social, em conferência de Imprensa promovida na passada segunda-feira.

«Foi com a maior consternação» que os órgãos representativos dos médicos do Sul inscritos na Ordem, tomram conhecimento «do teor das afirmações proferidas» pelo Conselho Reginal do Norte.

O Decreto-Lei 312/87 dividiu, num primeiro confronto, a Ordem dos Médicos. Uma fonte da investigação médica da capital disse esta manhã ao «DL», na ausência do bastionário (Machado Macedo deverá chegar hoje de Espanha) e do presidente do Conselho Regional do Sul (Costa e Sousa viajou ontem para Colónia), que se esboça uma suposta «troca de favores» entre o Governo e os médicos do Norte que atentará contra a gestão hospitalar e os preceitos médico-hospitalares.

Aliás, médicos de Lisboa admitem que Leonor Beleza venha a indicar o nome de um dirigente da Zona Norte para a vaga deixada pela morte de Jacinto Magalhães, de director-geral dos Hospitais. De acordo com esses mesmos médicos, esta tomada de posição do Conselho Regional do Norte — que se dessolidarizou da votação maioritária que saiu da reunião de Coimbra na discussão do decreto-lei dos «inspectores armados» e suas consequências — apontará nesse sentido, pois constitui claro apoio à ministra da Saúde.

Aliás, os médicos da Zona Norte inscritos na Ordem têm mantido, nos últimos tempos, uma posição de fractura no seio da classe, havendo (responsáveis) médicos que não esquecem o facto de terem proposto Guimarães dos Santos como candidato à sua presidência, com o objectivo de apoiarem a ministra da Saúde. A tentativa falhou, mas Faria de Almeida — ex-dirigente da Ordem no Norte — foi empossado como secretário de Estado adjunto do Ministério da Saúde. Não terá sido por acaso, segundo as mesmas fontes, que também chamam a atenção para aqueles que, naquela Zona, se preparam para funções de direcção hospitalar, de acordo com a estratégia que Beleza vem desenvolvendo.

O Conselho Regional do Sul reafirma em comunicado — no qual contradiz as posições veiculadas pelo Conselho do Norte sobre a reunião de sábado — que é «inaceitável e lesivo do direito inalienável à privacidade, da população em geral e dos doentes em particular, o livre acesso de inspectores a todos os serviços», e discorda da instrução e julgamento de processos correlacionados com aspectos deontológicos e técnicos possa ser cometida a não médicos, «razão impeditiva de uma apreciação idónea e informada dos acontecimentos» diz.

Os médicos e a política de saúde

Santos Cardoso

Com alguma ostensividade o PSD, através de Cavaco Silva, submeteu a sufrágio nas passadas eleições a acção do seu anterior Governo. Sem margem para dúvidas, a realidade é que o resultado dessas mesmas eleições foi concludente: o mesmo Partido subiu de 1 712 808 votos em 1985, para 2 824 316, isto é, viu aumentada a sua base eleitoral de apoio com 1 111 508 votos, ou sejam mais 39,35%.

Não há qualquer indício de que dos eleitores/trabalhadores na saúde tenha havido oposição significativa ao Governo, ou seja, será crível que os votantes/trabalhadores na saúde terão contribuído com a sua quota parte para o aumento de votos no partido vencedor. O exame das votações indica que a grande maioria alcançada pelo PSD traduz uma deslocação de votos a nível nacional, **atingido todos os sectores sociais** e todas as forças políticas.

De entre outras figuras polémicas do anterior Governo e que transitou para o actual, a ministra da Saúde, Leonor Beleza, terá sido aquela que mais tinta fez correr nas páginas dos jornais e correspondente tempo de antena na rádio e televisão. Terá sido também a figura que mais terá sido popularizada mercê dessas polémicas com trabalhadores de saúde, sobretudo com a classe médica, originando o fenómeno curioso de ter adquirido maior simpatia popular à medida em que obtinha maior antipatia por parte dos médicos. Parece-nos indiscutível que à sua volta foi gerada a imagem de mulher corajosa, capaz de **disciplinar e pôr na ordem** essa classe profissional.

A opinião geral dos utentes dos serviços de saúde, com o seu rol já tradicional de queixas contra serviços desumanizados, sobreocupação das urgências, listas de espera, etc., passou a responsabilizar os médicos por essa situação, transformando-os em «bodes expiatórios» das suas legítimas razões de queixa. Mas parece-nos também correcto concluir que os mesmos utentes não conseguem diminuir as mesmas razões de queixa, isto é, não conseguimos encontrar alguém que diga ter melhorado o funcionamento dos serviços de saúde devido à acção do actual Ministério.

Pela primeira vez na história do nosso país passaram a haver médicos desempregados ou com trabalho a prazo. Se o desemprego já existia praticamente em todas as restantes licenciaturas, quando a ministra vem a público afirmar que os licenciados em Medicina não podiam ter o privilégio exclusivo de garantia de emprego, quem não lhe terá dado razão, excepconando evidentemente os jovens médicos que ficaram desempregados ou sujeitos a regimes de trabalho precário?

Quando passam a ser mais rigorosos os «numerus clausus» para entrada nas faculdades de Medicina, tal como nas restantes faculdades, quem não achou razoável essas medidas face à chamada plétora médica, mostrada com a relação do número de médicos por habitante, que coloca Portugal ao mesmo nível de outros países mais ricos?

No âmbito mais restrito dos que trabalham nos serviços de saúde, portanto mais conhecedores dos seus meandros, quando foi dada possibilidade aos médicos para trabalharem 45 horas semanais em vez das normais 36, e vêm afirmando em público que os serviços continuaram a ter médicos só na parte da manhã, que as listas de espera não diminuíram, que a confusão entre clínica privada e pública se manteve, que os blocos operatórios não foram rentabilizados com maior taxa de utilização, que um sem conto de outras anomalias e desperdícios ainda existem, que resposta podem dar esses mesmos trabalhadores da saúde?

Quando três médicos são disciplinarmente punidos por receberem gratificação monetária de um laboratório farmacêutico que lhes encomendou ensaio clínico de um medicamento, feito nas horas normais de serviço e portanto pagas pelo Estado, e depois se vem a público afirmar que não houve quebra de deontologia médica, mas talvez uma actuação que, no mínimo, se pode considerar desconhecedora das regras de jogo, talvez por ingenuidade, talvez por ser considerado natural que as multinacionais farmacêuticas ofereçam lembranças que poderão ser simples esferográficas, moinhos de café, livros, computadores ou outras eventualmente mais dispendiosas, incluindo viagens ao estrangeiro, não se está a louvar a ministra da Saúde?

O que valerá a Ordem vir dizer depois a favor dos médicos que se sente no «indeclinável dever de acentuar a necessidade de inspecções que visem propor melhoramentos indispensáveis ao bom funcionamento dos serviços de saúde», mas que essas inspecções «nunca poderão vir a entrar em colisão com normas deontológicas da profissão médica, assegurando sempre os superiores interesses dos doentes»?

Se procurarmos hierarquizar as várias componentes para o funcionamento dos serviços de saúde ninguém questiona que a acção médica está no topo da pirâmide, isto é, os profissionais de medicina constituem a variável principal do sistema com as consequentes e inevitáveis relações de interdependência.

O direito de tutela inspectiva dos serviços de saúde, públicos ou privados, não pode ser negado a qualquer Estado no mundo civilizado, cabendo-lhe prosseguir o objectivo de assegurar o cumprimento das leis e regulamentos «tendo em vista o bom funcionamento dos serviços e estabelecimentos, a defesa dos legítimos interesses e bem estar dos utentes, a salvaguarda do interesse público e a reintegração da legalidade violada», tal como vem previsto no Decreto-Lei n.º 312/87, de 18 de Agosto, e que tem provocado acesa polémica entre Ordem/sindicatos médicos e a sr. ministra da Saúde. A realidade é que a actividade médica não pode estar isenta do direito/dever de tutela inspectiva.

Convirá recordar que a própria Lei n.º 56/79 que instituiu o Serviço Nacional de Saúde prevê a existência da Inspecção dos Serviços de Saúde, competindo-lhe inspeccionar as actividades dos órgãos e serviços integrados, o funcionamento das instituições não oficiais e formas de actividade privada no sector de saúde, propor medidas correctivas adequadas, e realizar inquéritos, sindicâncias e processos disciplinares que lhe sejam determinados.

Prevê ainda a mesma Lei que é assegurado aos utentes o direito ao sigilo por parte do pessoal do SNS relativamente aos factos de que tenha conhecimento em razão do exercício das suas funções, salvo intervindo decisão judicial **ou justa causa de revelação** nos termos legais. A revelação indevida dos direitos garantidos aos utentes faz incorrer o infractor em responsabilidade disciplinar por falta grave, para além da responsabilidade civil ou criminal que ao caso couber.

A mesma Lei estabelece também direitos aos utentes para apresentar queixas ou reclamações, e de serem indemenizados por danos causados, nos termos das normas reguladoras da responsabilidade civil extra-contratual do Estado nos domínios dos actos de gestão pública.

A profissão médica, talvez mais do que qualquer outra, é exercida em universo probabilístico de maior ou menor êxito, mas jamais com certezas lineares. Achamos por isso que existem inconvenientes graves se caírmos em radicalismos, ou se se deixar criar na opinião pública a convicção de que é possível exigir à acção médica cem por cento de êxitos, e a ideia de que sempre que acontece um fracasso na luta contra uma situação de doença se deve exigir reparação e consequente procedimento disciplinar contra o prestador de cuidados.

Criar-se-ia um ambiente de insegurança fomentador de mecanismos de defesa: maior consumo, evitável, de meios complementares de diagnósticos, recusa da prática de actos com maior risco, aumento de demoras médias de tratamentos, das listas de espera, enfim aumento de gastos sem melhoria da qualidade de cuidados.

Por outro lado cada vez mais se exige à actividade médica a pluridisciplinaridade na prestação de cuidados. A licenciatura em medicina é condição necessária e suficiente para acesso ao internato geral e este destina-se a preparar o licenciado para iniciar o exercício profissional, seguindo-se-lhe o internato complementar destinado a preparar médicos para exercício profissional por áreas ou disciplinas em termos de autonomia técnica.

O Regulamento das Carreiras Médicas (Decreto-Lei n.º 310/82, de 3 de Agosto) parece não permitir a plena responsabilidade profissional do médico do internato geral, e a actuação dos que concluíram o internato complementar só será plenamente hábil em áreas devidamente indentificadas.

Se observarmos a realidade de muitos dos nossos hospitais no que respeita à actividade muitas vezes isolada de internos do internato geral e complementar, levanta-se o problema de saber quem são os verdadeiros responsáveis por essa situação, e das razões, com causas de forte pendor corporativo, da falta de médicos em algumas especialidades havendo médicos desempregados.

O Regulamento Geral dos Hospitais (Decreto n.º 48 358, de 27/4/1968) estabelece muito claramente que as decisões médicas para admissão de doentes, as prescrições para o estudo, tratamento e alta clínica, devem ser sempre formuladas por escrito, assinadas pelo médico que as proferiu, e ainda que a execução dessas prescrições devem ser também anotadas nos processos respectivos.

Se forem observados os arquivos clínicos hispitalares, quantos processos serão encontrados incompletos ou praticamente em branco? Como pode ser possível a avaliação dos cuidados prestados, ou como será possível a defesa objectiva dos profissionais perante eventuais acusações de erros ou omissões?

Nesta situação, brevemente aflorada e que de modo algum generalizamos, a oposição ao direito legítimo de tutela favorece o utente, sendo também certo que a via inspectiva só por si pouco ou nada contribuirá para a melhoria dos cuidados?

*Administrador hospitalar

A troco de objectos roubados

Jovem toxicómano comprava heroína no Bairro do Relógio

A Polícia Judiciária deteve dois jovens, um deles de 23 anos, viciado em heroína, suspeito de estar implicado em dezenas de assaltos a residências de Lisboa, com especial incidência na Urbanização da Portela de Sacavém, de onde furtou objectos de ouro e prata no valor de milhares de contos e dinheiro.

Sendo um toxicómano, em avançado estado de dependência, «trocava» os bens furtados por heroína, designadamente a diversos receptadores-traficantes, designadamente no Bairro do Relógio.

O outro detido é um desses receptadores, na posse do qual foi apreendida heroína e diversos objectos, já identificados como provenientes de furto.

Dois cabo-verdianos envolvidos no tráfico de droga em Faro

Um indivíduo acusado de tráfico de droga foi capturado pela PSP, em Faro, na sequência de uma «operação-surpresa» dirigida ao Bairro da Atalaia naquela cidade. O detido, de naccionalidade cabo-verdiana, foi surpreendido em flagrante delito quando tentava comercializar pequenas fracções de heroína e haxixe a seis jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos.

Juntamente com a droga a PSP apreendeu ainda cerca de 30 mil escudos em dinheiro mas não evitou a fuga de um segundo traficante, também cabo-verdiano. A PSP referiu que os seis jovens foram «mandados em liberdade» uma vez que «a intervenção policial evitou que o negócio se consumasse».

Economista lançou-se de 5.º andar em Benfica

Um economista, cuja identidade não foi revelada pela PSP, atirou-se na madrugada de ontem do 5.º andar do prédio onde residia com os pais num dos bairros da zona de Benfica, em Lisboa, tendo chegado já sem vida ao Hospital de Santa Maria. O extinto, de 35 anos, sofria de perturbações mentais surgidas após um acidente de automóvel que teve há algum tempo.

Bombeiros suspeitam de acção criminosa

AVIÃO ESPANHOL AJUDOU A APAGAR INCÊNDIO NOS MONTES DE VIANA

O violento incêndio que nos três últimos dias transformou a serra de Santa Luzia num braseiro e reduziu a cinzas enormes espaços dos montes á volta da cidade de Viana do Castelo estava esta manhã controlado — apurou o «DL» junto dos BV locais. Aliás, já ontem á tarde o comandante dos Voluntários de Viana do Castelo admitira o controlo do fogo, quando entrou em acção um avião «Canadair», de Vigo, que veio em ajuda dos bombeiros e das populações da zona.

O pavoroso incêndio chegou a atingir uma frente de quinze quilómetros, tendo queimado cerca de três mil hectares de matas e pinhais pertencentes a particulares e ao Estado. Combatido durante desde sábado por mais de uma centena de bombeiros das corporações de Caminha, Vila Praia de Âncora, Paredes de Coura e Viana do Castelo, bem como brigadas dos serviços florestais e funcionários da Câmara Municipal, só foi controlável a partir do momento em que o avião espanhol entrou em cena.

O «Canadair», de Vigo, efectuou várias descargas nos cumes dos Montes das freguesias de Meadela, Outeiro e Perre. No entanto, as mais afectadas pelas chamas, aquelas que os bombeiros consideravam ontem críticas, eram as de Abelheira, Quintas da Malafaia e Carvalhido, encostas do Monte de Santa Luzia e Cova, e Monte da Bela Vista, na freguesia da Meadela. As Juntas de Freguesia de Meadela, Perre e Outeiro mobilizaram populares para socorrerem as habitações ameaçadas.

Viana do Castelo não é, enquanto não desaparecerem os sinais (e o despido dos seus montes, a sua terra calcinada) do fogo, o bilhete-postal que os nossos olhos conservam de há muito. Meadela e Santa Luzia, duas das suas freguesias mais ricas em floresta e em folclore respiraram mal nos últimos três dias, enchendo Viana de fumo espesso.

Durante horas e horas andou o avião, um dos quatro que há em Vigo para ataques ao fogo, à voltas de Viana, no ataque às chamas. Abastecia-se no Lima, despejava a água nos montes. Assim foi, sucessivamente, ontem à tarde, com os bombeiros a indicarem-lhe a rota. Acabou por resolver em parte o problema e assim ajudar — muito — os bombeiros, quase sem forças. Aliás, quanto a meios aéreos, outros acorreram àquela área, lançando água em matas da altura de um homem — onde o próprio homem não podia chegar.

Presume-se que a maioria dos fogos que têm deflagrado na região sejam de origem criminosa. Os bombeiros estão persuadidos que há mão criminosa na Serra de Santa Luzia, em Afife e na Montaria.

Serra da Estrela já não arde

Também a Serra da Estrela esteve ontem em brasa: florestas e campos de agricultura do concelho da Covilhã foram destruídos por um violento incêndio que irrompeu na terça-feira. As chamas chegaram a atingir proporções alarmantes, queimando áreas de vegetação em terras das freguesias de Unhais da Serra e Cortes do Meio.

Um outro deflagrou, igualmente anteontm, em áreas dos concelhos da Guarda e Sabugal, tendo só ontem sido controlado. Estava esta manhã extinto, segundo os Bombeiros Voluntários da Guarda.

Este fogo, que os BV presumem de origem criminosa, destruiu uma extensa área de floresta e algumas explorações agrícolas entre Porto Mourisco, Rochoso, Parada e Cerdeira do Coa, num raio de 20 quilómetros.

As chamas foram combatidas pelos BV daGuarda, Almeida, Sabugal, Minhel, Celorico da Beira, Manteigas e Gonçalo, auxiliados por poulares. A densidade da vegetação e o assidentado do terreno dificultaram a acção dos bombeiros.

Outros fogos eclodiram no País, alguns dos quais em florestas algarvias, extintos pelos bombeiros. Aconteceu em Monchique, Lagos, Praia da Rocha, Alportel e Mexilhoeira Grande.

Por outro lado, reacenderam-se diversos focos de incêndio na periferia do Funchal, onde segunda-feira se havia manifestado um violento incêndio. Horas depois de terem abandonado o local, os bombeiros voltaram para um ataque final às chamas — que afinal não haviam ficado totalmente extintas.

Alemão procurado pela Interpol dedicava-se a assaltos em Portugal

A Polícia Judiciária revelou ter detido em Lisboa um cidadão alemão de 28 anos, há vários meses ilegalmente em Portugal, onde existem suspeitas de que se dedicava à prática de crimes violentos, designadamente assaltos à mão armada a residências e bombas de gasolina. Na altura em que foi capturado tinha em seu poder um punhal.

Segundo a PJ, que cita a Interpol, o detido será um toxicómano evadido de um centro de recuperação de drogados da Alemanha Federal, de onde terá furtado avultada quantidade de marcos. O preso, cuja identidade não foi revelada, é procurado na RFA e noutros países europeus por roubo, posse de armas e de explosivos, acrescenta a PJ.

Presente no Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa, a sua captura foi mantida, recolhendo à cadeia.

« ... Trabalhadores da minha pátria:

Tenho fé no Chile e no seu destino. Vencerão outros homens do Chile. Neste momento cinzento e amargo onde a traição pretende impor-se, saibam que, muito mais cedo do que tarde, de novo se abrirão as alamedas por onde passará o homem digno, para construir uma sociedade melhor.

Viva o Chile! Viva o povo! Vivam os trabalhadores!

Estas são as minhas últimas palavras. E tenho a certeza de que o meu sacrifício será uma lição de moral que castigará a felonia, a cobardia e a traição »

(da alocução do presidente Salvador Allende enquanto decorria o assalto ao Palácio de la Moneda e que foi parcialmente transmitida em directo por Radio Magallanes)

COM O CHILE PELA LIBERDADE

11 de Setembro
no 14.º aniversário do golpe fascista de Pinochet

SESSÃO DE SOLIDARIEDADE

às 21 h. - com GRAÇA FERNANDES, MÁRIO SOTTO MAYOR CARDIA, MANUEL VILLAS-BOAS, ANTÓNIO ABREU

Projecção do filme MISSING (Oscar 82 para o melhor argumento) de Costa-Gravas.

das 10 às 16 h. - Recolha das últimas assinaturas em stands instalados na Praça do Chile e no Rossio.

às 17 h. - entrega de cerca de 15 mil assinaturas na Embaixada do Chile por uma delegação dos signatários.

INSTITUTO DE PREPARAÇÃO PARA A UNIVERSIDADE

IPU

10.º ANO — ÁREAS A, C e D e Técnico-Profissionais de **Design e Informática**

11.º ANO — ÁREAS A, C e D

12.º ANO — 1.º, 2.º, 3.º e 4.º cursos

CURSO COMPLEMENTAR INTENSIVO (NOCTURNO)

RUA VÍTOR CORDON (AO CHIADO) 41-47 — 1200 LISBOA
TELEFONES 36 88 37 - 37 17 83

«MULTIPOSTO – COOPERATIVA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA, Cooperativa de Responsabilidade Limitada»
TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 20 de Agosto de 1987, lavada de fls. 73 v.º a fls. 74 v.º do livro n.º 117-C, de escrituras diversas, desde Cartório, a cargo do notário Francisco Roldão Pinheiro, – foi transferida a sede da cooperativa com a denominação em epígrafe, cooperativa de responsabilidade limitada, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 276, da Rua Pinheiro Chagas, n.º 41, cave seis, em Lisboa, para a Rua Duarte Pacheco Pereira, n.º 51-A, na Damaia, concelho de Amadora, e, em consequência foi alterado o número um do artigo primeiro dos respectivos estatutos, cuja redacção ficou a ser a seguinte:

ARTIGO PRIMEIRO – UM – A cooperativa mantém a denominação de MULTIPOSTO – COOPERATIVA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA, Cooperativa de Responsabilidade Limitada, tem a sua sede na Rua Duarte Pacheco Pereira, número cinquenta e um-A, na Damaia, concelho de Amadora, e a sua duração, indeterminada, conta-se a partir da data da sua constituição.

Está conforme.

Lisboa, 21 de Agosto de 1987.

A AJUDANTE

Olinda da Silva Furtado Ramos de Deus

D.L. 10/9/1987

Funcionário da Universidade Nova foi alvejado a tiro por agente da PSP

Mário de Oliveira, de 21 anos, empregado no bar da Universidade Nova, onde a sua mãe também é funcionária foi alvejado a tiro, cerca das 5 horas da madrugada de ontem, na Avenida Defensores de Chaves, em Lisboa, por um agente à paisana da PSP, tendo ficado ferido nas duas pernas pelo que teve de ser operado no Hospital de S. José, onde permanece internado sob prisão.

O incidente mereceu do Comando Distrital da PSP o seguinte comunicado: «Foi detido, na Avenida Defensores de Chaves, um indivíduo de 21 anos, em virtude de ter agredido um agente da autoridade, quando o mesmo lhe solicitou a identificação. O capturado agrediu-o com uma pedra no couro cabeludo, provocando-lhe um ferimento que careceu de tratamento no Hospital de Santa Maria.»

Refere ainda a mesma fonte que o agente envolvido no incidente, há dois anos na corporação e cuja identidade não divulga, «estava dentro de um carro com um amigo, o qual ao sair da viatura foi ameaçado pelo que voltou para o mesmo lugar. O agente saiu, então, em auxílio do companheiro, e foi agredido com uma pedra na cabeça, tendo disparado primeiro para o ar antes de alvejar o indivíduo que ficou ferido».

Embora a PSP não refira as causas do incidente, conseguimos apurar que numa zona com algum índice de prostituição, houve mulheres no caso, não estando, todavia determinado se o acompanhante do autor dos disparos também era agente da instituição comandada pelo general Amílcar Morgado.

Vizinhos receiam que saia depressa da prisão

ASSASSINO DE QUELUZ DEVERÁ SER HOJE TRANSFERIDO PARA CAXIAS

O homicida de Queluz deverá ainda hoje ser transferido para o Hospital-Prisão de Caxias, embora o seu estado «não inspire cuidados de maior», segundo uma fonte hospitalar. José Pereira da Rocha, o homem que na terça-feira à noite e ontem de madrugada protagonizou um drama de sete horas que se saldou por duas mortes e sete feridos, não se encontra em coma nem em «estado crítico», como foi entretanto posto a correr em alguns meios da capital e na zona de Monte Abraão (Queluz Ocidental). Está, sob prisão, no Hospital de S. José, e poderá, ainda hoje, ser mudado para o Hospital-Prisão de Caxias.

Ex-agente da PSP em Angola, de cuja corporação terá sido expulso (segundo ele), na situação de aposentado público, José Pereira da Rocha foi ferido num pulso durante o cerco da Polícia de Queluz e Amadora, chefiada pelo comissário Farropas (da Amadora) e chefe Manuel Martins (da Esquadra de Queluz). Ripostou com tiros aos tiros da Polícia, vindo depois a descobrir-se que em casa guardava um verdadeiro arsenal de armas, duas delas por legalizar. Tinha também cartuchos — muitos deles provenientes do IMA, de Angola, conforme inscrição reconhecida pelo «DL» —, uma catana, munições diversas e outro material.

Duante «mais alguns dias», segundo uma fonte hospitalar, deverão continuar internados em S. José os dois feridos que ficaram em pior estado, embora sem gravidade de maior: a mulher do assassino, Rosa Pereira, e José Jorge de Jesus António, de 33 anos, funcionário do «Círculo de Leitores», também condómino — morador no 7.º andar — do edifício Kilimanjaro, Lote C, Rua 21, do Monte Abraão, perto da conhecida Avenida General Humberto Delgado, em Queluz Ocidental.

José Pereira da Rocha rendeu-se cerca das 3 e 15 de ontem, depois de um advogado com o qual mantinha boas relações, ter tentado servir de intermediário entre ele e a polícia com vista à sua entrega sem mais derramamento de sangue. A tentativa malograr-se-ia então e, quando, finalmente, a PSP conseguiu irromper em sua casa, no 1.º andar do edifício atrás referido, ele denotava falta de forças. As últimas informações indicam que tomou tranquilizantes antes de se render às autoridades. Por mais de uma vez, contudo, trocou tiros com a Polícia, que não pôde entrar em casa pelo facto da fechadura estar reforçada e a porta de casa ser blindada. Rombos e orifícios junto à fechadura confirmavam ontem a violência dos disparos e as cautelas tomadas por ambas as partes.

Professor baleado deixa dois filhos

A PSP aproveitou a saída da mulher, Rosa Pereira, ferida no abdómen (transportada ao hospital num carro-patrulha da própria polícia, por não haver ali na altura um ambulância), para irromper pela casa. Nesse instante, todo o bairro do Monte Abraão correu em peso para o local. Até então, as pessoas haviam guardado distâncias, receando tiroteio.

Por mais de uma vez a PSP tentou que José Pereira da Rocha (que a mulher trata por «Zequinha») se rendesse. Em vão, porque ele, já com dois homicídios à sua conta, ameaçava a própria polícia, à qual chegou a pertencer (em Angola), dizendo que os «limpava a todos».

Um deles, de resto, chegou a ser ferido, mas sem gravidade, pelo que, depois de tratado, regressou a casa. Não foi identificado, mas sabe-se que, na lista, aparece em sétimo lugar. Os dois filhos de uma das vítimas – a porteira Maria Isabel Silva, de 37 anos –, Alexandra da Silva Sousa e Luís Ricardo da Silva, tiveram também alta do S. José poucas horas depois de ali terem dado entrada. Do mesmo modo que o pai de ambos, Augusto de Sousa, de 47 anos, que escapou ao assassino com os dois filhos, já com a porteira morta.

Augusto de Sousa só ontem de manhã soube da extensão da tragédia, o mesmo acontecendo, de resto, com a esposa e os dois filhos da outra vítima, o professor de Química do 12.º ano da ES de Chelas, João Vasco Roxo Neves, de 42 anos, atingido com dois tiros de caçadeira à saída do elevador. Ouviu tiros – como José Jorge António — e desceu no elevador para averiguar o que se passava. O assassino da porteira (a primeira vítima) estava ali, porque do local do primeiro crime ao do segundo há quatro metros de distância, quer pelas escadas da porteira quer pelo «hall» de entrada.

Vizinhos receiam sentença branda

Os vizinhos de José Pereira da Rocha, de 42 anos, receiam que o autor do duplo homicídio do edifício do «Kilimanjaro» seja condenado em tribunal a pena leve e regresse, a curto prazo, a Monte Abraão. Alguns deles manifestaram já algum temor pelas declarações ontem e terça-feira à noite feitas no local, embora reafirmem tudo o que disseram,

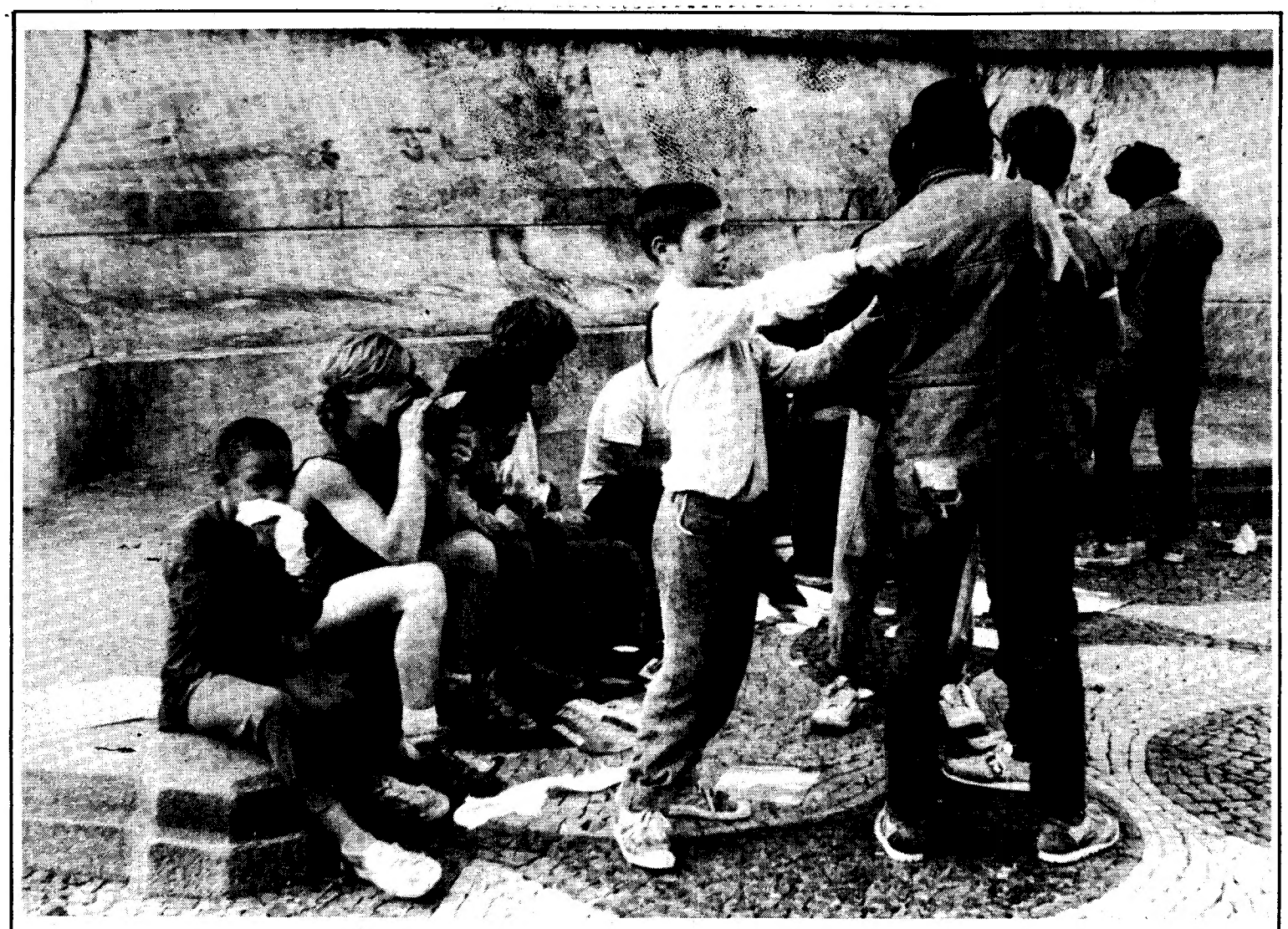
com uma ou outra excepção.

As afirmações recolhidas no local pelos jornalistas na terça-feira à noite e ontem de manhã, feitas como foram — em catadupla — por diversas pessoas, correm o risco de saírem de uma boca quando foram ditas por outra. É raro isso suceder, mas aconteceu-nos; atribuímos a uma das condóminas, D. Silvina, aquilo que uma outra moradora nos disse: «Parecia que, tinha o demónio no corpo. Que queria matar tudo e todos». D. Silvana que, de resto, foi inexcedível no trato com os jornalistas que ontem de manhã estiveram no local a recolher informações finais da cena, substituindo para o efeito a primeira vítima do homicida ao vigiar e controlado os acessos ao prédio e aos seus onze andares.

O «DL» comprovou esta manhã que há por parte de alguns condóminos o receio de que o «Zequinha», tal como a mulher do assassino o trata (e que sobre ele tem toda a influência) saia depressa da prisão e faça o mesmo que fez à porteira e ao professor Vasco Neves, àqueles que prestaram declarações aos jornalistas e aos vizinhos que não lhe falavam. É de tal modo evidente o medo de que Pereira da Rocha seja brandamente condenado que um dos condóminos veio ao «DL» dizer que «o homem cumprimentava muitos de nós», a mulher «é que é má».

Todos os condóminos abonam a educação dos dois filhos de Pereira da Rocha e Rosa Rocha, um deles de vinte anos (unanimemente elogiado) e a menina de 12 anos (Marinela) que, involuntariamente, esteve na origem da tragédia. Como ontem noticiámos, Marinela desceu do 1.º andar ao rés-do-chão no elevador, com dois baldes de lixo – um deles cheio de cacos partidos –, deixando este último junto ao elevador. A porteira apercebeu-se do balde com cacos velhos e chamou a atenção da filha do Pereira da Rocha para isso – segundo relato da pequena. O que depois se passou já aqui foi explicado. Marinela foi recolhida pela PSP de Queluz depois do pai ser preso e a mãe transportada ao hospital.

Vida Soviética
A SUA REVISTA MENSAL
ESCOLHEMOS PARA SI, EM SETEMBRO:
COMBATER O INCÊNDIO NA TAÍGA
• Bombeiros pára-quedistas extinguem os focos de incêndio
1917-1987
• Os planos quinquenais arrancam e vencem
DIVÓRCIO
• Fracasso ou esperança?
VIAGEM ÀS ILHAS DE SOLOVKI
À VENDA
À CDL — Central Distribuidora Livreira
Av. Santos Dumond, 57 - 2.º — 1000 LISBOA — Tels: 73 22 75 - 73 26 90 - 73 25 40
Decidi assinar a revista "VIDA SOVIÉTICA" • Preço de capa 70$00 na seguinte modalidade:
• 1 ano (12 n.os) - 300$00 • 2 anos (24 n.os) - 450$00 • 3 anos (36 n.os) - 600$00, para o que envio
Cheque _____ Vale de Correio _____ no valor de _____
NOME _____
MORADA _____
TELEFONE _____
CÓDIGO POSTAL
DL



Para entregar às famílias ou ao Tribunal de Menores

PSP "LEVOU" OS PUTOS DA COLA

José António Cerejo

A maioria dos «putos da cola» que foram objecto do alerta público lançado nas páginas do «DL», sobre as crianças abandonadas que às claras se drogam nas ruas de Lisboa com colas de contacto, foi encaminhada pela Polícia de Segurança Pública para as suas famílias ou para o Tribunal de Menores, durante a segunda quinzena de Agosto. Alguns foram recusados pelas famílias, que os deixaram entregues às autoridades, outros foram devolvidos aos estabelecimentos de reeducação de onde anteriormente haviam fugido e alguns já se encontram de novo entregues à sua sorte, designadamente na zona do Cais Sodré.

Na sequência da reportagem publicada no «DL» de 10 de Agosto a PSP intensificou a acção que a lei tutelar de menores lhe atribui e identificou algumas dezenas de miúdos que habitualmente vagueavam pela «baixa», entre os quais muitos dos «putos da cola» referidos nas nossas páginas. De acordo com fontes policiais a PSP desencadeou uma «onda de recolha» de miúdos, depois de o seu Comando Distrital ter estabelecido contactos com os Serviços Tutelares de Menores do Ministério da Justiça, no sentido de se tornar mais eficiente a acção da polícia em relação às crianças abandonadas e pré–marginais.

Nos dias 22 e 24 do mês passado os agentes da esquadra do D. Maria interpelaram e identificaram 11 rapazes e nos dias seguintes «detiveram» numerosos outros, muitos deles citados na reportagem do «DL». Segundo as nossas fontes, a PSP procurou localizar as suas famílias, entregando–lhes as crianças nos casos em que isso foi possível. «Muitas vezes os próprios pais recusam–se a aceitá–las e dizem–nos para fazermos delas o que quisermos», confidenciou um agente da PSP ao nosso jornal.

Nos casos em que os jovens já tinham sido anteriormente objecto de uma decisão judicial de internamento num dos 11 estabelecimentos de reeducação espalhados pelo país e se encontravam fugidos ou em férias, o Comando Distrital fê–los seguir de volta a essas intuições. Os restantes foram enviados ao Tribunal de Menores de Lisboa, que actua como é norma nestes casos e decide a sua entrega provisória ao Centro de Observação e Acção Social ou então os manda para casa enquanto o processo é instruído no âmbito do próprio tribunal.

Alguns já andam novamente na rua

Conforme pudemos verificar, alguns daqueles que foram alvo destas medidas já se encontram novamente na rua e ainda anteontem estiveram envolvidos num pequeno incidente registado de madrugada junto ao Cais do Sodré.

Segundo o porta–voz do Comando Distrital da PSP, Comissário Verissimo Martins, a polícia identifica habitualmente os menores encontrados em situações «que os encaminhem para a delinquência» e dá–lhes o seguimento acima descrito. Entre Janeiro e Julho, só na comarca de Lisboa, àrea que coincide mais ou menos com o seu concelho e parte dos limítriofes, a PSP elaborou 582 termos de identificação desse tipo, variando o seu número mensal entre 67 (Maio) e 108 (Março).

A simples constatação feita pelo «DL» de que em princípios de Agosto a praça do Rossio era habitualmente frequentada por dezenas de «putos da cola», mostra todavia que a PSP só actuava de maneira muito limitada em relação às crianças abandonadas. Segundo fontes policiais, «o problema tem residido no facto de os serviços responsáveis não conseguirem encontrar uma solução para a maior parte dos menores que a polícia lhes envia». Por isso mesmo, quase todos eles voltam imediatamente à situação em que se encontravam quando foram «detidos».

800 internados em todo o país e 150 em lista de espera

Prova disso é o facto de a PSP ter identificado 582 menores, só na comarca de Lisboa e em apenas sete meses, e só se encontrarem internados por decisão judicial, no conjunto do país, e nalguns casos desde há vários anos, cerca de 800.

A situação é tal que existem desde há meses 150 rapazes entre os 14 e os 17 anos (eram 250 há cerca de um ano) a quem os tribunais de menores aplicaram medidas de internamento em casas de reeducação e que não são internadas apenas porque não há vagas.

Segundo uma fonte da Direcção Geral dos Serviços Tutelares de Menores não há presentemente raparigas em lista de espera para serem internadas por decisão do tribunal, mas ainda há algum tempo «era vulgar acontecer que quando aparecia vaga as raparigas já estavam à beira dos 18 anos e viviam maritalmente e com filhos».

Um dos problemas essenciais, para lá da própria escassez do número de instituições especializadas na reeducação e da sua adequação aos objectivos para que foram criadas, parece ser o da falta de pessoal para que as que existem funcionem em pleno. «Se as dificuldades legais não impedissem o preenchimento dos quadros e o recrutamento de pessoal, as instituições existentes, que muitas vezes só têm metade da sua lotação ocupada, poderiam albergar todos aqueles que estão em lista de espera», disse–nos um dos nossos informadores

Verdadeiros problemas continuam por resolver

A questão do funcionamento e da eficácia do trabalho dos estabelecimentos de reeducação ultrapassa no entanto o problema da falta de pessoal e dela é certamente significativo o facto de haver perto de 100 crianças fugidas em menos de seiscentas abrangidas por medidas de internamento. Refira–se que se trata de casas que por definição não são prisões e onde se pratica um regime aberto que praticamente só é aceite por aqueles que o querem.

Se o leitor hoje passar ao Rossio já lá não vê os «putos da cola».

A PSP fez o que podia fazer, mas não é seguramente com a sua exclusiva acção que o problema das crianças abandonadas se resolve.

A assistência à infância carecida de apoio social continua a ser um miséria em Portugal.

Levem–se temporariamente os miúdos de onde mais eles dão nas vistas e nos pesam nas consciências, ou não...

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

Estou a escrever sta crnica no dia em que se comemora o Dia Internacional da Alfabetização. É o dia da boa vontade, do abraço fraterno entre o intelectual e o analfabeto, entre o culto e o curto, entre o que tresleu e o que nunca leu.

É aquele dia em que se fazem promessas, muitas promessas, dadas as circunstâncias em que. Essas circunstâncias são tramadas. Somos o País da CEE com maior índice de analfabetismo. As estatísticas oficiais referem 18 por cento de analfas entre a população portuguesa. Números vivos um milhão e oitocentos mil portugueses não conhecem as delícias do ABC. Nesse número não estão compreendidos os que sabe escrever o nome. Acho bem. Com meia dúzia de letrinhas podem-se escrever vários livros... de cheques. As promessas incidem mais na criação de novos cursos par aprender a escrever. As promessas são feitas por uma Direcção-Geral qualquer a quem endereço as minhas melhores saudações e os meus mais acabados agradecimentos.

Saber escrever, ah que maravilhosa invenção! Poder, com umas simples sinalefas, exprimir o que nos vai no pensamento, na alma, no coração! Mandar, escrita por nós, uma sonhada carta de palavras violentas, justas, castigadoras. Escrever um artigo, assinado com o nosso nome e pelo nosso punho, um artigo que ajudasse ao entendimento e levasse as pessoas a dizer: «Sim senhor, por acaso tem muita razão, nunca me tinha lembrado disto!» «Escrever, nas férias, um bilhetinho ao amigo que se deixou doente ou mal disposto. Comprar um livro, oferecê-l, pôr-lhe uma dedicatória com a nossa letra. Acabar uma sessão e redigir a acta «que depois de lida vai ser assinada por todos os presentes...»

Promete-se, pois, a abertura de novos cursos de alfabetização. Fico à coca. Porque logo que venha um, serei o primeiro a inscrever-me.

Não tem havido acolhimento na venda de terrenos

PRESIDENTE DA CÂMARA DE SETÚBAL ANUNCIA PROJECTO DE INVESTIDORES NORTE-AMERICANOS PARA A CIDADE

O grupo financeiro americano Pacific Infotech, de Los Angelos, «quer investir em Setúbal alguns milhões de contos e criar mais de quinhentos postos de trabalho» — disse à Lusa o presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Manuel da Mata de Cáceres.

Segundo Mata Cáceres «é um projecto que a Câmara não pode deixar perder, mas tem havido dificuldades para conseguir o terreno e as fábricas desactivadas que existem não têm merecido a boa aceitação dos novos investidores».

Para o presidente da edilidade sadina «os americanos querem uma área de 32 000 metros quadrados. Há dificuldades de utilização de áreas do Parque Natural da Arrábida e da Reserva Natural do Estuário do Sado. É um problema que temos de resolver pois o concelho não pode deixar fugir investimentos destes e os americanos estão com frequência a perguntar se já há terreno».

Debruçando-se sobre a actual situação do município, Mata Cáceres disse que «a situação decorrente das eleições de 19 de Julho não se alterou no concelho, visto que anteriormente já vários agentes económicos vinham interessando-se por investir em Setúbal. Só que das intenções às realidades concretas vai sempre uma grande distância, muitas vezes maior do que se desejava».

Mata Cáceres: querer e não poder

Para o presidente da edilidade de Setúbal «muitas situações têm conhecido algumas deficiências devido à falta de terrenos disponíveis para a instalação de empresas uma vez que a Câmara não possui qualquer bolsa de terrenos e os proprietários nem sempre estão receptivos a uma colaboração compatível com os objectivos dos novos investidores».

«A Câmara anterior não se apetrechou em devido tempo com uma bolsa de terrenos de forma a poder obviar a dificuldades e a moderar algumas especulações» — disse Mata Cáceres.

O presidente da Câmara Municipal de Setúbal disse ainda à Lusa que «o acordo PS/PSD na Câmara de Setúbal está de boa saúde e não conheceu até ao momento qualquer vicissitude. Penso que vai chegar ao fim, o que representa uma vitória na resolução dos problemas dos setubalenses».

Autarcas preparam reunião europeia

Representantes de Portugal na conferência dos poderes locais e regionais da Europa reuniram-se em Ponta Delgada para preparar a presença nacional nesta cimeira.

O problema da central nuclear espanhola de Aldeadávilla e o ressurgimento da caça ao cachalote nos Açores são alguns dos assuntos a debater na reunião da selecção portuguesa.

Para participarem na reunião encontram-se nos Açores autarcas da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

Os autarcas, que já visitaram as ilhas Faial e Pico, foram recebidos quinta-feira em Angra do Heroísmo pelo secretário açoriano da Administração Pública, António Meneses.

Portugal é representado na conferência de Estrasburgo pelos presidentes dos governos regionais dos Açores e da Madeira e por cinco autarcas designados pela Associação de Municípios.

O chefe do executivo açoriano, Mota Amaral, é um dos vice-presidentes da conferência dos poderes locais e regionais da Europa.

Em Gouveia e Águeda

Eleições intercalares para juntas e assembleias de freguesia

As eleições intercalares para a freguesia de São Paio, no concelho de Gouveia (Guarda), marcadas para 13 de Setembro, foram adiadas por falta de listas concorrentes ao acto - informou a Câmara Municipal gouveense.

Uma comissão administrativa vai ser nomeada pela edilidade e marcada nova data para a realização das eleições - disse o mesmo informador.

Em 4 de Maio deste ano, 12 elementos da Assembleia da Freguesia de São Paio, afectos ao Partido Socialista, apresentaram a sua demissão junto do Governo Civil da Guarda, Ministério da Administração Interna, Câmara e Assembleia municipais de Gouveia.

No documento enviado àquelas entidades, os demissionários alegam não possuir condições para continuar «a lutar democraticamente pelo progresso e desenvolvimento» da freguesia.

Acrescentam que tal se deve ao facto de «o presidente do município deste concelho tudo fazer para dificultar, subalternizar e não cumprir os compromissos assumidos perante a Junta de Freguesia e a maioria dos membros da Assembleia de Freguesia».

Por seu lado a Câmara Municipal de Águeda deliberou convocar para o próximo dia 18 de Outubro as eleições para a Assembleia de Freguesia de Macinhata do Vouga.

Este acto eleitoral intercalar é consequência da queda do executivo da Junta, liderado pelo centrista Manuel dos Santos, provocada pela demissão dos representantes do PSD e do PS na Assembleia de Freguesia.

A demissão dos elementos sociais-democratas e socialistas ficou a dever-se ao facto de o executivo não ter apresentado à Assembleia de Freguesia as contas do exercício de 1986 e, ainda, ao não cumprimento mínimo do plano de actividades da Junta para 1987.

O presidente da Junta de Freguesia de Macinhata do Vouga acusou recentemente os elementos do PSD e do PS de «não deixarem continuar as realizações justas na freguesia».

Por seu turno, o presidente da Assembleia de Freguesia, António Santiago (PS), afirmou que a Junta se limitou a cumprir «meros actos administrativos, não tendo executado nada do plano de actividades».

A Câmara Municipal, nos termos da legislação, nomeou já uma comissão administrativa que gerirá os destinos da autarquia de Macinhata do Vouga até ao dia 18 de Outubro, data na qual serão eleitos os novos órgãos autárquicos.

Essa comissão é constituída pelos três membros do executivo que caiu, do qual fazem parte, para além de Manuel dos Santos, Alberto Almeida e Elísio Apolinário.

Homenagem a ex-deputado de Gaia

Dirigentes políticos de vários partidos vão homenagear o antigo deputado socialista Alberto Martins Andrade «pela forma como semre se empenhou no desenvolvimento do concelho de Gaia», disse um membro da Comissão promotora da homenagem.

Alberto Andrade, deputado à Assembleia Constituinte e secretário da Assembleia da República na primeira legislatura, foi também chefe do gabinete do ministro dos Assuntos Sociais António Arnaut.

Exerceu também cargos municipais em Gaia, tendo sido designadamente preidente da comissão administrativa, vereador e presidente da ASSEMBLEIA Municipal.

Constituem a comissão promotora da homenagem entre outros, o professor do ensino secundário Alexandre Silva, o jornalista Agostinho Santos, o economista do PSD Artur Nobre, actual presidente da Assembleia Municipal de Gaia, e o ex-deputados Francisco Barbosa da Costa (PRD) e Joaquim Coelho dos Santos (PSD).

A deputada da CDU Ilda Figueiredo, o vereador socialista Heitor Carvalheiras, o escritor e encenador Fernando Peixoto, o presidente da Associação dos Escritores de Gaia José Vaz e o ecologista Gomes de Oliveira, responsável pelo Parque Biológico de Gaia, integram também a comissão promotora.

Esta homenagem está prevista para 29 de Outubro, data em que Alberto Andrade completa 60 anos de idade.

Quantos morreram, quantos desapareceram?

ALCAFACHE: DOIS ANOS DEPOIS AINDA HÁ MUITAS PERGUNTAS SEM RESPOSTA

José Domingos

Dois anos após o acidente ferroviário de Alcafache, próximo de Nelas, há ainda quem se questione: quantos mortos e desaparecidos houve de facto? Foi em 11 de Setembro de 1985, junto a Moimenta do Dão, que a tragédia aconteceu, num local onde a linha férrea da Beira Alta atravessa o cume de uma ravina.

Foi assim há dois, em Alcafache: o número de mortos e desaparecidos continua desconhecido

O comboio «Sud Express», que se dirigia para a fronteira de Vilar Formoso e uma composição que seguia em sentido contrário, direcção de Pampilhosa, chocaram e incendiaram-se de imediato.

Dos ferros retorcidos surgiam pessoas (adultos e crianças) desfiguradas, apavoradas, algumas em chamas e outras no desespero e impotência de nada poder fazer.

O comboio internacional transportava muitos emigrantes e turistas, de regresso aos países de trabalho, após o gozo de férias.

Técnicos dos caminhos-de-ferro (CP) disseram, na altura, que cerca de oito mil litros de combustível, das duas locomotivas, teriam sido derramados sobre os destroços das carruagens que, devido ao ímpeto das chamas, chegaram a atingir cerca de 600 graus centígrados.

De facto, era possível verificar no local a fusão do metal das carruagens com os carris da via única da linha da Beira Alta ou com os destroços humanos, separados dos corpos e confundidos entre o ferro, a terra e as bagagens carbonizadas.

Nas cinzas do interior das carruagens, onde nem o metal suportou as altas temperaturas do incêndio, restos humanos testemunhavam a combustão de corpos.

O jornalista da ex-Anop e o director do Jornal «Viseu' Informação» foram dos primeiros a chegar ao local, escassos minutos após o acidente.

Por momento foi o descontrolo, seguido de uma mistura de jornalista com socorrista, ajudando e gritando aos sobreviventes para que se salvassem.

No local, bombeiros de Aguiar da Beira, que casualmente passavam, viram também o espectáculo dantesco, seguidos de uma brigada da Guarda Nacional Republicana (GNR).

A partir daí, foi o despoletar da solidariedade humana, da ajuda e das lágrimas, por entre um ar de odor queimado doce que se fazia sentir no local.

Quantos morreram e desapareceram?

E, nestas circunstâncias, dois anos depois da catástrofe, pergunta-se ainda quem e quantos morreram ou desapareceram em Alcafache?

EM)Rui Leitão, socorrista da Cruz Vermelha Portuguesa (CVP) de Vilar Formoso, um dos que retirou dos escombros corpos e haveres carbonizados é peremptório em dizer que «o número oficial de 37 mortos está muitíssimo aquém da realidade».

Acrescentou mesmo que existem ainda pedidos de localização de cidadãos estrangeiros e outros, que seguiam nas composições, que não tiveram resposta por «não haver nada para responder, apenas o silêncio do desconhecimento».

Os próprios bombeiros que no local prestaram socorro às vítimas e combateram as chamas, não acreditam naquele número.

«Os comboios nesta época andam sempre cheios de gente, de férias sobretudo, pelo que um choque daquela violência, infelizmente, teria provocado maior número de vítimas mortais» — afirmou Rui Leitão.

Esta posição foi na altura manifestada por Herculano da Costa, jornalista de Viseu, um dos primeiros a comparecer no local do acidente.

O raciocínio manifestado pelos que ainda comentam o desastre, é o seguinte: com o elevado número de desaparecidos, os mortos e aqueles que foram manifestados junto das companhias seguradoras e que iam nas composições sinistradas, que é feito dos que viajavam nos comboios?

Relatos de sobreviventes afirmavam que o «Sud Express», em direcção à fronteira, ia cheio de passageiros, tendo embarcado pessoas em todas as estações onde efectuou paragem.

Como comboio internacional, não saíam muitos dos passageiros que tinham entrado nesta composição.

O comboio proveniente da Guarda estava também com um número relativo de passageiros que não se pode considerar diminuto.

Foram uns e outros as vítimas do fogo, e do ferro retorcido, calcinados uns, feridos de morte outros, em número ainda não de todo contabilizado, quando são passados dois anos.

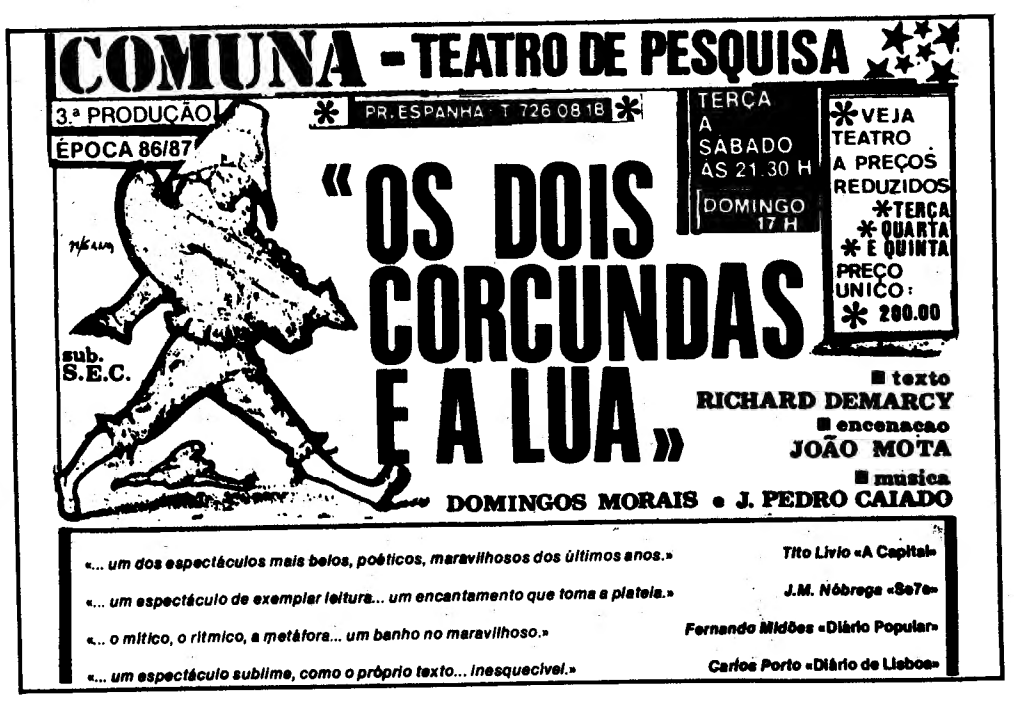
No local, uma cruz feita com os carris da tragédia e um monumento erigido pelos emigrantes aos que desapareceram, testemunham o evento junto da linha da Beira Alta, onde o luto espreitou, em Alcafache.

Ferroviários comentam "falhas humanas" da CP

O Sindicato Nacional Democrático dos Ferroviários (SINDEFER) afirmou hoje que «o sistema de comunicação da CP com todas as linhas não electrificadas é digno de um Museu Ferroviário».

«Com uma cadência regular, as falhas humanas da CP vão salvando uma empresa que não tem coragem de assumir as suas próprias responsabilidades», acrescenta o sindicato em comunicado.

Os ferroviários afirmam ainda que o meio de transporte ferroviário «é seguro e eficaz», acrescentando que tal não acontece «totalmente» em Portugal porque «as entidades responsáveis são irresponsáveis».



Para manter censura e negócios

Hong Kong receia expansão da televisão de Macau

O projecto de Macau para iniciar transmissões «offshore» da sua televisão está a preocupar Hong Kong, o seu mercado natural, com uma população 10 vezes maior e 20 vezes mais rica — escreve o jornal londrino «The Independent».

Até agora, a Teledifusão de Macau, a única estação de televisão de Macau e pertencente ao governo, tem sido um fracasso financeiro, perdendo cerca de 950 000 contos por ano — acrescenta aquele jornal.

O novo plano do Governo de Macau para a expandir é muito simples: investir menos de um ano de prejuízo no seu fomento e conseguir desse modo captar milhões de novos telespectadores em Hong Kong, a apenas 50 quilómetros de distância — prossegue o «The Independent».

No entender deste jornal, a Teledifusão de Macau poderia então atrair muitos dos oito milhões de libras gastos anualmente em anúncios de tabaco em Hong Kong e que deverão ser banidos na televisão deste território dentro de três anos.

O projecto apoquenta também Hong Kong pela necessidade de manter níveis de programação, uma aparente referência à censura praticada pelo governo de Hong Kong, e pelo facto de haver uma televisão local fora do seu controlo.

O governo de Hong Kong permite apenas o funcionamento de duas estações de televisão e censura a sua programação. Só uma estação comercial recebeu licença para funcionar e as propostas do sector privado para a criação de televisão por cabo têm sido repetidamente ignoradas.

Os filmes são censurados tanto sob o ponto de vista moral como político, com particular atenção para aqueles que possam desagradar à China, que em 1997 reassumirá a soberania de Hong Kong.

Quaisquer reservas oficiais — acrescenta o «The Independent» — poderão ser apoiadas pelas duas estações de televisão de Hong Kong, a HK-TVB e a ATV, pois, se a Teledifusão de Macau fosse privatizada, poderia constituir um elemento de concorrência suficientemente sério para a HK-TVB vir a interessar-se pela sua aquisição.

Para a presidência da Petrogal

PIRES DE MIRANDA NÃO TEM AVAL DA COMISSÃO DE TRABALHADORES

Pires de Miranda, não incluído no actual Governo após ter sido ministro dos Negócios Estrangeiros no anterior, deverá agora, de acordo com a sua vontade e a de Cavaco Silva, reassumir as suas funções de presidente do conselho de gerência da Petrogal, EP. Mas essa perspectiva não agrada aos trabalhadores da empresa, que afirmam «discordar frontalmente de qualquer renovação do mandato do Eng. Pires de Miranda».

Em Agosto, o Governo solicitou à comissão central de trabalhadores da Petrogal um parecer sobre a «renovação do mandato» de Pires de Miranda. Na resposta, aquela organização de trabalhadores aproveita para lembrar uma série de «irregularidades e ilegalidades» relativas ao conselho de gerência que, em sua opinião, tiram «credibilidade» à solicitação feita pelo Governo. De entre essas situações, salienta três que considera «demasiado evidentes: prolongamento dos mandatos para além do que a lei dispõe; desrespeito por pareceres que recaíram sobre vários gestores, inclusivamente contrariando votações feitas por voto secreto; e impedimento sucessivo da entrada em funções do gestor eleito pelos trabalhadores, contrariando o que a lei consagra».

Segundo a comissão de trabalhadores, o Governo, em Janeiro de 1986, mais de um ano depois de terminado o mandato do conselho de gerência de então, procedeu aquilo que designou por «recomposição» daquele orgão da empresa, «fazendo ouvidos de mouco» ao parecer que então solicitou à comissão central de trabalhadores e não acedendo aos pedidos de audiência posteriormente feitos ao ministro da tutela. Já nessa altura a comissão de trabalhadores reclamava a entrada em funções do gestor eleito por voto secreto dos trabalhadores, o que ainda não se verificou.

Sobre o Eng. Pires de Miranda, a comissão de trabalhadores lembra que já em 1979 os trabalhadores se-lhe tinham manifestado desfavoráveis, através de voto secreto. Considera também que o ex-ministro «não reune condições que justifiquem a renovação do mandato». As razões desta posição ligam-se à apreciação que aquela organização de trabalhadores faz do desempenho do presidente do conselho de gerência nos últimos cinco anos, nomeadamente o não acautelamento dos interesses financeiros da empresa, o negligenciar da área comercial e de marketing - sendo «directamente responsável» pelo pelouro de relações externas, cuja direcção confiou «a quem é contra as empresas públicas» - e a concessão de «total cobertura à obstrução ao exercício do controlo de gestão».

Em conclusão, a comissão de trabalhadores reclama a constituição de um conselho de gerência assente em «critérios de honestidade e competência, fora do jogo das clientelas partidárias» e a entrada em funções do gestor eleito pelos trabalhadores, ao mesmo tempo que solicita uma audiência ao Governo.

Cais de Bissau contruído por uma empresa portuguesa

Com a betonagem do novo porto de Bissau, esta semana concluída, terminou a primeira fase da realização do projecto portuário guineense, empreendimento orçado em 35 milhões de dólares (4,9 mlhões de contos) e a cargo de uma empresa portuguesa.

O projecto, financiado pelo Banco Mundial, fundo do Koweit, Fundo Saudita, Banco Árabe para o Desenvolvimento Económico Africano (BADEA), e OPEP, envolve a construção do novo cais acostável de Bissau, edifícios de apoio e vias de acesso, de cinco portos fluviais no Sul do país e ainda de 8 rampas fluviais.

O contrato para a execução destas obras, o maior até hoje assinado por uma empresa portuguesa nos novos países africanos, foi ganho em concurso internacional pela Sociedade Metropolitana de Construções (Somec), cuja facturação, em África, atingiu em 1986 os 2,2 milhões de contos.

Para além da Guiné-Bissau, esta empresa possui na África Ocidental obras em carteira em Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe.

Do propecto portuário da Guiné-Bissau estão já concluídas as estruturas do novo porto, os edifícios que darão apoio aos serviços portuários, quatro portos fluviais no sul do país (essenciais para o escoamento da produção agrícola) e duas rampas fluviais (para uso das jangadas motorizadas utilizadas para a transposição de rios).

A fiscalização das obras integradas no projecto é feita pela empresa holandesa Nedeco.

200 portugueses e 500 guineenses

Para a realização das obras em curso, a Somec tem, neste País africano de língua oficial portuguesa, cerca de 200 técnicos e operários especializados nacionais que enquadram mais de 500 operários guineenses, tendo construído nos arredores de Bissau uma minicidade de apoio.

A carteira de obras da empresa na Guiné-Bissau inclui a construção de um centro agrícola em Catió, financiado pela United States Aid for International developement (USAID), no valor de 1,5 milhões de dólares (210 000 contos) e de oito moradias para o Banco Nacional, financiadas pelo Banco Mundial, 500 000 dólares (70 000 contos).

A experiência da Somec nos novos países africanos de língua portuguesa iniciou-se em Cabo Verde, onde a empresa participou, num consórcio, na construção dos estaleiros navais do Mindelo, na ilha de S. Vicente.

Esta obra, iniciada em Janeiro de 1982 e terminada cerca de dois anos mais tarde, foi financiada pela Caixa Geral de Depósitos (CGD) e pelo Banco Africano para o desenvolvimento (Bad), em partes iguais, e custou 25 milhões de dólares (4,5 milhões de contos, a preços da altura).

Ford controla a Aston Martin

O construtor norte-americano Ford anunciou ter adquirido o controlo maioritário da companhia britânica Aston Martin Lagonda, sem especificar, contudo, o montante da transacção.

A conhecida marca de automóveis de luxo, adoptada nomeadamente pela figura ficcional do cinema James Bond, manter-se-à no mercado, com o seu actual nome e sem mudanças nos cargos da administração, estando inclusivamente prevista, já para o próximo ano, a saída de um novo modelo.

Sediada em Buckinghamshire, a noroeste de Londres, com cerca de 400 trabalhadores e criada em 1914, a Aston Martin produzia cinco modelos por semman, comercializados a preços entre 65 e 87 mil libras, respectivamente entre 15 e 20 mil contos.

O construtor que realizou no seu último exercício lucros de 500 mil libras, tornou-se conhecido em parte pelo exito no campo da competição, nomeadamente nas 24 horas de Le Mans e pelo extremo cuidado no fabrico dos seus modelos. Com ciclos de produção de um só modelo a rondar as 16 semanas, pinturas com 20 demãos e motores montados à mão, as suas listas de espera costumam ultrapassar os 15 meses.

Empréstimos eram através das empresas

Soviéticos aderem ao crédito individual

Os cidadãos soviéticos vão poder contrair empréstimos directamente nas instituições bancárias, ao juro de 1 a 2 por cento ao ano, sem passar pela empresa onde trabalhavam, conforme o regime neste momento ainda em vigor.

Os pedidos poderão ser feitos aos balcões de um dos novos bancos a criar no âmbito da reorganização da economia da União Soviética, considerado o «Tesouro» das Caixas de Poupança e que contará com um capital de 253 mil milhões de rublos, aproximadamente 380 mil dólares.

Herdando a gestão das caixas de poupança que competia até agora ao Banco do Estado da URSS - Gosbank, a criação do novo banco visa lançar no circuito económico os montantes aforrados e daí obter lucros acrescidos, tanto bancários como para a sociedade na sua generalidade ao colocar maior quantidade de moeda em circulação. Por outro lado, visa resolver aquilo que Alfred Volkov, um economista ligado ao Conselho de Ministros, designa como sendo «o defeito essencial» do sistema financeiro na URSS e que consiste «no fosso entre a procura solvente da população, os recursos financeiros das empresas e as possibilidades da sua cobertura material».

O recém-nomeado director do banco a criar, Alexandre Bourko, indicou que o dinheiro das Caixas de Poupança será emprestado a particulares «para a compra de apartamentos, móveis, gado, material agrícola ou outros bens».

Com taxas de juro moderadas - de 1 a 2 por cento ao ano - para empréstimos correntes de 10 a 20 anos, estão previstas condições bonificadas para jovens casais que pretendam se instalar na Sibéria, no grande norte ou nas zonas pouco povoadas de clima rigoroso.

Um segundo banco a constituir - o Banco para a economia de Habitação, Equipamento Colectivo e Desenvolvimento Social - irá se especializar no financiamento à construção de casas, centros de saúde, equipamentos culturais, desportivos e de entretenimento.

Os novos bancos, essencialmente virados para mobilizar a poupança arrecadada, visam incentivar e estimular - através da arma do crédito - uma utilização mais racional dos recursos financeiros, contra, como salientou o director desta instituição, «o esbanjamento e a má gestão».

«Se uma empresa funciona bem, apoiá-la-emos financeiramente», continua Viktor Boukato, «de outro modo não obterá nada, o que é contrário ao que se passa actualmente». E acrescenta: «A banca jamais concederá crédito sem obter lucros em troca».

A reestruturação do sistema bancário, contemplada no conjunto das decisões da última reunião de Junho do Soviete Supremo referentes a lei sobre a empresa, autogestão e o novo mecanismo económico, inclui a criação de quatro novos bancos, além do Gosbank e do banco para o Comércio Externo.

Jovens empresários querem gerir fundos do "Ninho de Empresas"

A Associação Nacional de Jovens Empresários, reivindica a gestão dos futuros «ninhos de empresas», conforme vem anunciado num comunicado recentemente distribuído

Os dirigentes desta associação, com sede no Palácio da Bolsa do Porto, foram recebidos pelo ministro adjunto e da Juventude, Couto dos Santos «para apresentar e debater propostas e projectos que transitam do anterior Governo».

«Numa altura em que o Governo defende a ideia de «menos Estado, melhor Estado», é de todo o cabimento que sejam criadas condições e infra-estruturas para que a sociedade civil seja ela própria responsável e dinamizadora dos projectos que lhe dizem respeito», é sublinhado no comunicado.

No seu entender «não deverá existir mais do que um sistema público de auxílio aos jovens empresários, uma vez que se pretende a canalização de montantes financeiros representativos, integrados num programa facilmente identificável».

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

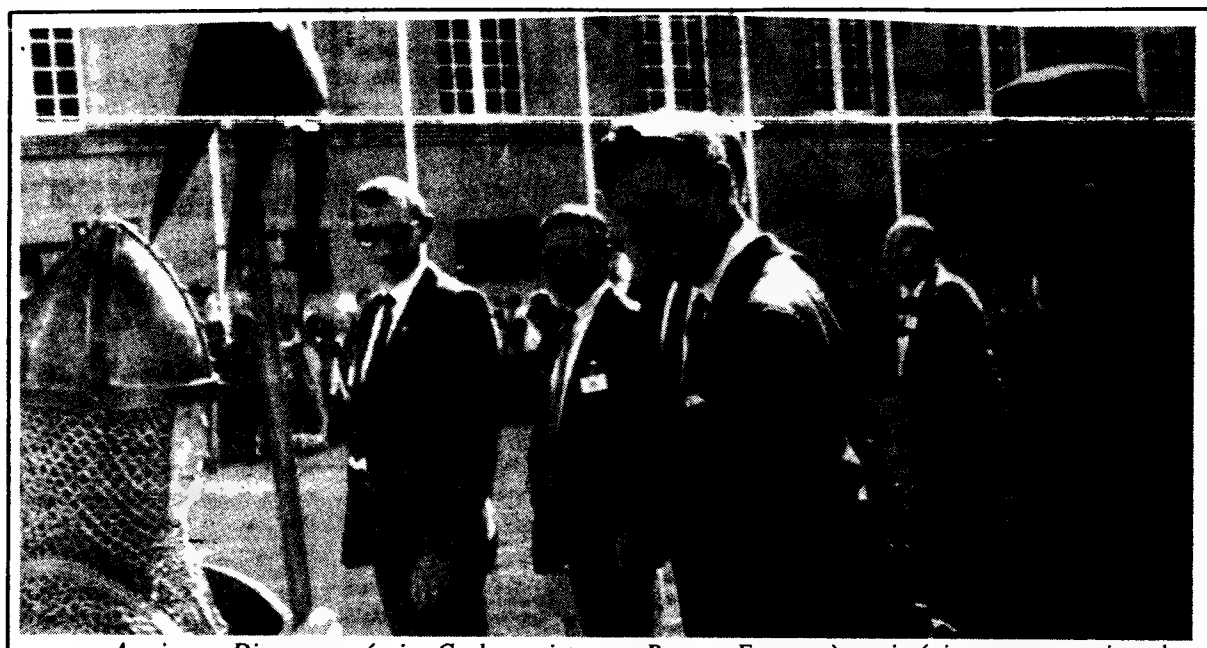
(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$50	58$50
ALEMANHA FED. (marco)	78$05	79$25
ÁUSTRIA (xelim)	11$05	11$25
BÉLGICA (franco)	3$553	3$803
BRASIL (cruzado)	1$700	3$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$15	108$65
(notas de 5 a 1000)	106$65	109$15
DINAMARCA (coroa)	20$15	20$55
ESPANHA (peseta)	1$132	1$252
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141$20	144$70
(notas de 5 a 1000)	141$70	145$20
FINLÂNDIA (marka)	32$05	32$65
FRANÇA (franco)	23$30	24$00
HOLANDA (florim)	69$35	70$45
IRLANDA (libra)	208$90	212$90
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$949	1$004
NORUEGA (coroa)	21$25	21$75
REINO UNIDO (libra)	233$15	237$65
SUÉCIA (coroa)	22$10	22$60
SUÍÇA (franco)	94$35	95$25
VENEZUELA (bolívar)	4$05	5$05

OBSERVAÇÕES:

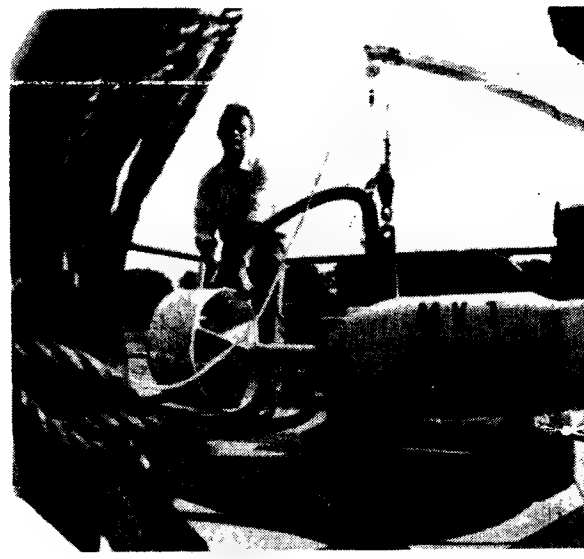
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



A princesa Diana e o príncipe Carlos assistem em Bayeux, França, às cerimónias co memorativas dc nono centenário da morte de Guilherme, o Conquistador.

O número de médicos em França - 49 mil - foi superado pelo de videntes que são 50 mil ao todo e têm milhões de clientes, informou a Antenne 2, emissora oficial de televisão. Esta estação transmitiu um debate em que participaram homens de ciência e profetas, entre os quais conhecidos charlatães que dizem adivinhar o futuro das pessoas só por olhá–las nos olhos. Os videntes afirmaram na televisão que entre os seus clientes há várias personalidades do mundo político e das artes. O ofício de «adivinho» em França produziu em 1986 lucros da ordem dos mil milhões de dólares, informaram as autoridades fiscais. No entanto, estes números são inferiores aos reais uma vez que exercem a «profissão» muitos indivíduos sobre os quais não existe qualquer controlo oficial.



Dois técnicos do Centro Internacional para o E ram o lançamento duma sonda–torpedo, nas águas p âmbito do projecto de purificação das águas do porto d

Alfonsin ataca o Banco Mundial e o FMI

O presidente argentino, Raul Alfonsin, atacou o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) e anunciou uma ofensiva para conseguir o «congelamento» dos juros bancários. No seu primeiro discurso após as eleições de domingo, Alfonsin revelou que decidiu conjuntamente com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Dante Caputo, e com o ministro da Economia, Juan Vidal Sourrouille, «lançar de imediato uma campanha em defesa dos nossos interesses, dos interesses do povo argentino, na busca permanente de um congelamento dos juros a níveis históricos».

A Argentina, com uma dívida externa que atinge 52 000 milhões de dólares, é o terceiro país mais devedor à banca internacional, depois do México e Brasil. «Não vamos permitir — afirmou Alfonsin — que a Banca credora abandone ou se despreocupe com a necessidade da concessão de créditos a países devedores.» «Não vamos tolerar que o Banco Mundial ponha de lado os fins mais importantes para os quais foi criado: atender aos problemas do desenvolvimento, da pobreza e da infra-estrutura», disse o presidente Alfonsin. «Tão-pouco vamos permitir — acrescentou — que o Fundo Monetário Internacional continue a pretender aplicar receitas ridículas que nada têm a ver com as necessidades dos povos e abandone a sua função de ajudar na solução dos graves problemas económicos, como os que se verificam com as balanças de pagamento.»

O uso de cheques na URSS

Os habitantes da Federação da Rússia, a mais vasta e a mais populosa das 15 Repúblicas soviéticas, serão os primeiros no país a poder efectuar pagamentos com cheques, a partir de Janeiro de 1988 — anunciou um jornal de Moscovo. O recurso a este método de pagamento tem sido até agora excepcional e «pouco cómodo» na União Soviética — reconheceu Pavel Jikharev, membro da administração das caixas de poupança, em entrevista ao jornal «Trud», o órgão oficial dos sindicatos.

Apenas algumas experiências de pagamento por cheque foram até agora tentadas em certas cidades como Gorki (400 quilómetros a oriente de Moscovo), Odessa, um porto do mar do Norte, e Kaunas, na Lituânia (República do Báltico). Uma nova legislação em vigor desde 1 de Julho de 1986 prevê que todas as operações de mais de 5000 rublos (7500 dólares) entre um particular e um organismo do Estado deverão efectuar-se por cheque. O mesmo deverá passar-se nas transacções entre indivíduos, que excedam os 10 000 rublos (15 000 dólares).

Os conflitos regionais

Um moderado optimismo sobre a possibilidade de uma solução para os conflitos regionais foi expresso pelo secretário-geral da ONU, no seu relatório anual, baseado no crescente pragmatismo adoptado pelos estados membros da organização.

Javier Perez de Cuellar sublinha no seu relatório que «existe um impulso autêntico a favor da paz» na América Central, e que no caso do Sara Ocidental «também existe, em minha opinião, uma oportunidade para se fazerem progressos». O secretário-geral das Nações Unidas inicia hoje uma missão de paz no golfo Pérsico, diz o seu relatório que a solução pacífica dos problemas «depende de uma convergência de interesses».

O secretário-geral acrescentou que existe entre as nações «uma maior solidariedade para enfrentar, no âmbito multilateral da ONU, os problemas que têm repercussão mundial».

Súbito agravamento da situação no Golfo

ESCALADA DAS HOSTILIDADES ANTECEDE A VISITA DE PEREZ DE CUELLAR A TEERÃO

O Iraque anunciou que os seus aviões bombardearam hoje 13 alvos no interior do Irão, durante um «dia de vingança» que pôs fim a um interregno de três dias na sua ofensiva aérea contra centros económicos de Teerão. A súbita escalada das hostilidades surgiu dois dias antes de o secretário–geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, chegar a Teerão, numa missão de paz visando o fim da guerra Irão–Iraque.

Cuellar seguirá depois para Bagdade, numa tentativa para que as duas partes aceitem uma resolução de 20 de Julho das Nações Unidas prevendo um cessar–fogo.

Um comunicado militar citado pela agência noticiosa iraquiana Ina diz que os ataques aéreos surgiram como retaliação por «ataques iranianos contra instalações comerciais e petroleiros do Kuwait».

Os ataques foram lançados depois de Bagdade ter anunciado que dois navios não identificados foram atingidos em ataques aéros, na noite de terça–feira, perto do terminal petrolífero iraniano da ilha de Kharg, no extremo Norte do Golfo.

A rádio de Teerão noticiara anteriormente que cinco pessoas morreram e 25 ficaram feridas num ataque aéreo contra a cidade de Bakhtaran (antiga Kermanshah), no Oeste do Irão.

A emissora adiantou que foram também bombardeadas outras áreas civis nas regiões de Arak, Doroud, Dezful, Khorramabad e Islamabad–E–Gharb, No Sudoeste e Oeste do Irão.

O Irão afirmou que três jactos iraquianos foram abatidos, um dos quais durante os ataques da noite de terça–feira. O Iraque desmentiu que qualquer avião tivesse sido abatido no ataque contra Kharg e não mencionou quaisquer baixas ontem.

O Irão advertiu também os iraquianos para que evacuem áreas próximas de alvos industriais e militares, para evitar ataques retaliatórios.

Força naval italiana

O Senado italiano aprovou o envio de navios para o Golfo Pérsico, através de um voto de confiança que teve o apoio de 170 senadores e a oposição de 18.

O Governo italiano, uma coligação de cinco partidos presidida pelo democrata–cristão Giovanni Goria, ficou ligado a essa votação pela questão da confiança, dado que em caso de uma votação normal e secreta poderia não contar com o apoio de todos os senadores da coligação, informou a DPA.

Honecker espera aumento das relações comerciais entre as duas Alemanhas

O chefe de Estado da República Democrática Alemã, Erich Honecker, manifestou em Colónia aos empresários almães-federais o seu interesse em aumentar as relações comerciais entre as duas Alemanhas.

Honecker e o presidente da Câmara da Indústria e Comércio da RFA, Otto Wolf, reconheceram que nos últimos anos este intercâmbio foi insuficiente e apelaram a uma maior participação das pequenas e médias empresas alemães-federais no comércio com a RDA.

O líder alemão-democrático recordou que, paralelamente à sua visita à Alemanha Federal, está a decorrer esta semana a Feira de Leipzig, principal pólo de concertação entre empresas dos dois países.

Honecker destacou que os dirigentes da RDA estão dispostos a assumir «todos os desafios da tecnologia moderna» e a desenvolver a cooperação com a Alemanha Federal também no âmbito das tecnologias de ponta.

Entre as exportações da RDA para o Ocidente contam-se produtos da indústria electrónica e óptica.

Diversos empresários alemães-federais que participaram posteriormente numa troca de opiniões com Honecker recomendaram aos funcionários económicos da RDA presentes no encontro uma maior presença de firmas alemãs-democráticas em Berlim Ocidental.

Esta cidade rodeada por território alemão-democrático, referiram, poderia desempenhar para a RDA em termos económicos um papel similar ao ocupado por Hong-Kong em relação à China Popular.

O director da Karl Zeiss de Jena, o principal exportador de produtos ópticos da RDA, Heinz Biermann, referiu a este respeito, em resposta a jornalistas, que preferia Leipzig como ponto de encontro comercial, «o que corresponde a uma tradição de mais de cem anos».

A visita de Honecker à Alemanha Federal prossegue hoje com uma deslocação a Wiebelskirche, onde o líder alemão viveu na sua infância e onde reside ainda uma sua irmã, Gertrud Hoppstaedter, de 70 anos.

Venezuela

Mortos nas inund podem ascender

O total oficial de mortes pr che de lama que na quarta-feira da Venezuela, é de 104 pessoa pela Imprensa local, citando t vítimas mortais podem ser 500.

Um total de 230 pessoas de Maracay com ferimentos prov inundações, que causaram desa rando casas e automóveis.

Segundo as estimativas goverr salojados ascende pelo menos a

A tragédia começou no domir terruptas de chuva fizeram trans Delícias, gerando uma gigantes que se abateu sobre as povoaçõe tuada 110 quilómetros a ocident

Lama, árvores arrancadas c com toda a força para a auto-es montanhas a norte de Maracay, Ocumare de la Costa, uma cida

A televisão informou que cer abandonados na estrada, muito veraneantes que regressavam praia.

ra o Estado das Águas prepa - guas poluídas do rio Reno, no porto de Roterdão.

ps
m
-
ar

o
fo
le
de
le

-
e-
o
a
da
o
e-
m
es
A.

Segundo a agência ale mã fe - deral, no partido democrata - -cristão do Pri meiro-Ministro há numerosos parlamentares que na realidade se opõem ao envio dos navios - estão pre - vistas as partidas para águas do Golfo de três dragaminas, três fragatas e dois barcos de abastecimento - e que se sub - meteram à disciplina de voto.

Entretanto, e antes que os navios partam para o Golfo, a Câmara de Deputados debaterá no sábado o problema, se- guindo-se uma votação.

Entretanto, em Moscovo, o Primeiro-Ministro soviético, Nikolai Rijkov, recebeu uma comissão da Liga Árabe para o conflito irano-iraquiano, chefiada poelo ministro dos Negócios Estrangeiros do Kuwait, Sabah Al-Sabah.

ndações
ler a 500

tes provocadas por uma avalan - feira assolou Maracay, no Norte essoas, mas informações dadas do testemunhas, referem que as 500.

as deu entrada nos hospitais de provocados pela violência das desabamentos de terra, soter-

overnamentais, o número de de- nos a 5000.

domingo, quando seis horas inin- transbordar os rios Limon e Las antesca torrente de água e lama oações próximas de maracay, si- idente de Caracas.

adas e pedras foram projectadas to-estrada que, atravessando as acay, liga esta pequena cidade a cidade perto das Caraíbas.

ue cerca de 7000 veículos foram muitos dos quais pertencentes a vam de um fim-de-semana na

Segundo um deputado israelita

Arafat está pronto para negociar directamente com Telavive

O líder palestino Yasser Arafat está pronto a entabular negociações de paz directas com Israel, o que constituiria uma mudança política radical — disse o deputado israelita Charlie Biton. «Ele disse que está pronto a encetar negociações directas fora de uma conferência internacional», disse Biton.

Arafat, presidente da Organização de Libertação Palestina (OLP), pedira anteriormente ao deputado de Israel que entregasse uma mensagem secreta ao governo israelita, enumerando três condições que permitiriam que o país iniciasse negociações directas de paz com a OLP.

«Arafat disse-me que os três pontos constituem uma base para iniciar negociações de paz — para começar negociações abertas e livres», afirmou Biton, considerando-a uma proposta radical, nova e extrema.

Até agora, Arafat exigiu que as negociações fossem conduzidas no contexto de uma conferência multinacional de paz, com a OLP como membro de pleno direito.

Na segunda-feira. num discurso em Genebra numa reunião das Nações Unidas sobre a Palestina, apelou para que essa conferência seja convocada com base nas resoluções da ONU.

Nessa mesma noite, avistou-se com Biton e dois outros israelitas, para entregar a mensagem ao governo de Telavive, disse Biton.

Fundador de um grupo de esquerda de Israel que defende os contactos com a OLP, Biton disse que entregaria a mensagem de Arafat ao primeiro-ministro Yitzhaak Shamir e ministros dos Negócios Estrangeiros Shimon Peres — dando-lhes até domingo como prazo para responderem.

«Se o governo não aceitar (a proposta de Arafat), direi a todo o mundo que Israel é contra a paz, e revelarei as suas condições», assegurou Biton.

Em Jerusalém, um porta-voz de Shamir disse pensar que era improvável que o chefe do governo aceitasse qualquer mensagem de Arafat — mas que não objectaria a encontrar-se com Biton.

Adiantou que Shamir considerava a mensagem de Arafat um mero exercício de propaganda.

Auxiliares de Peres afirmaram que o ministro dos Negócios Estrangeiros se recusaria a aceitar uma mensagem de Arafat e não tinha qualquer intenção de estabelecer contactos com a OLP.

A recusa de Israel em negociar com a OLP baseia-se na convicção de que ela é uma organização terrorista que tem por objectivo a destruição do Estado judaico.

O ministro brasileiro da Reforma Agrária, Marcos Freire, que morreu num acidente de avião no Estado do Pará.

A morte do ministro brasileiro

Hipótese de atentado é considerada "remota"

O ministro brasileiro da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima, considerou como «muito remota» a hipótese de ter sido atentado o acidente aéreo que, na terça-feira, provocou a morte do ministro brasileiro da Reforma Agrária e de outras oito pessoas.

O brigadeiro Moreira Lima disse ter ordenado a realização de «rigorosas investigações» sobre o desastre, mas adiantou que as primeiras informações dão a entender que o acidente foi provocado por uma avaria numa das turbinas da avioneta.

Os restos do bimotor «Hawke» foram encontrados ontem de manhã, a cerca de 300 metros do aeroporto de Caracas, no estado amazónico do Pará. As equipas de socorro confirmaram a morte de todos os ocupantes.

De acordo com as declarações de testemunhas do acidente, o avião explodiu segundos depois de descolar do aeroporto do município de Carajás, onde tinha encerrado um intenso programa de visitas a regiões rurais.

para além do ministro brasileiro da Reforma Agrária, Marcos Freire, de 56 anos, e dos três tripulantes do avião, morreram no desastre o presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), José Eduardo Rabuan, o secretário particular do ministro, José Teixeira, o secretário-geral do Ministério, Dirceu Pessoa, o coordenador para os assuntos económicos do Ministério da Agricultura, Ivan Ribeiro, e um amigo pessoal do ministro, Amaury Teixeira.

O presidente José Sarney decretou um período de luto oficial de três dias pela morte de Freire, o terceiro ministro da Reforma Agrária desde que este cargo foi criado, há dois anos e meio, e que desempenhava esta função há pouco mais de três meses.

Papa inicia hoje visita de 11 dias aos EUA

O Papa João Paulo II partiu esta manhã de Itália para uma visita de 11 dias aos Estados Unidos, a trigésima sexta ao estrangeiro desde que iniciou o seu pontificado.

O Pontífice partiu às 9.20 horas locais (8.20 h de Lisboa) para a viagem até Miami, a primeira das nove cidades dos Estados Unidos que visitará.

João Paulo II deslocar-se-á ainda à localidade canadiana de Fort Simpson, perto do Círculo Polar Árctico.

O avião que transporta João Paulo II deverá aterrar no aeroporto de Miami pelas 14 horas locais (19 de Lisboa), no início da segunda visita que o Pontífice efectua aos Estados Unidos.

O Papa deverá ser recebido na pista pelo presidente Ronald Reagan e sua mulher, Nancy.

Reagan e o Papa terão depois um encontro de 30 minutos numa mansão de Biscayne Bay. Entre os temas a abordar — segundo o porta-voz da casa Branca Marlin Fitzwater — contam-se o controlo de armamentos e a paz mundial.

Na sua estada de 23,5 horas em Miami, o Papa falará a padres católicos, encontrar-se-á com líderes judaicos norte-americanos e celebrará uma missa para 250 000 pessoas.

A visita decorrerá no meio de apertadas medidas de segurança. «Nunca vimos uma operação de segurança maior do que esta» — disse um porta-voz da Polícia local.

24 HORAS

Aquino aceita demissões

A presidente das Filipinas, Corazon Aquino, aceitou hoje a renúncia de alguns dos ministros do seu governo, mas não citou nomes. À saída de uma reunião do Conselho de Estado, que ela própria criou para a aconselhar, Aquino disse que «seguramente haverá mudanças» no governo. Todos os ministros do governo de Manila apresentaram na quarta-feira a demissão a Aquino, para lhe permitir reorganizar o executivo na sequência da tentativa de golpe de Estado de 28 de Agosto, que foi a mais sangrenta até hoje.

Dinamarca: Schlueter indigitado

O primeiro-ministro dinamarquês Poul Schlueter, que ontem se demitiu, após a derrota sofrida nas eleições de terça-feira, foi designado pela rainha Margarida para tentar formar novo governo. Após consultar todos os partidos, a rainha encarregou Poul Schlueter de tentar formar novo Executivo com base na coligação de quatro partidos que esteve no governo até às eleições, em que os Socialistas do Povo aumentaram significativamente a sua percentagem de votos para 14,6 conseguindo mais seis deputados e obtendo um total de 27 representantes parlamentares.

Encontro Carlsson/Reagan

O primeiro-ministro sueco, Ingvar Carlsson, disse ao presidente norte-americano, Ronald Reagan, que a Suécia aplaude as tentativas feitas por ele e pelo líder soviético, Mikhaill Gorbachev, para avançar na questão do controlo de armamentos. Contudo, Carlsson afirmou que a Suécia se reserva o direito de discordar da política norte-americana em outras questões internacionais. Tall como o primeiro-ministro, Reagan realçou os 300 anos de relações entre os Estados Unidos e a Suécia e disse que os desacordos das últimas décadas eram normnais entre amigos.

EUA criticam Ortega

O governoo norte-americano espera que a anunciada viagem do preskidente da Nicarágua Daniel Ortega a Moscovo, facilite a sua tarefa de conseguir do Congresso mais ajuda para os «contras», disseram altos funcionários. Paras Howard Baker, chefe de gabinete do presidente Ronald Reagan, a decisão «é a pior manobra política que Ortega pode imaginar». «Se alguém está a aconselhar Ortega como impedir o Congresso de continuar a ajudar a resistência nicaraguense, nunca deveria recomendar isto. Do mesmo modo, a sua viagem a Havana é uma indicação de que está fortemente amarrado à órbita soviética», disse Baker.

Crocker em Luanda

As conversações do secretário adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, com as autoridades angolanas serão objecto de um comunicado conjunto, disse uma fonte angolana. Chester Crocker, que chegou na terça-feira a Luanda a convite do Ministério angolano dos Negócios Estrangeiros, teve encontros com o ministro e vice-ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, respectivamente Afonso Van Dunem (M'Binda) e Venâncio de Moura. O tema das conversações de Crocker com as autoridades angolanas não foi pormenorizado, sabendo-se apenas que foram abordadas «questões bilaterais e regionais».

Emigração de cubanos

CUBA está a preparar-se para permitir que cerca de 300 condenados a pesadas penas de prisão emigrem para os Estados Unidos, anunciou uma personalidade da Igreja Católica que se está a ocupar da saída. Os nomes de 304 detidos ou ex-detidos figuram numa lista submetida às autoridades norte-americanas pelas conferências da Igreja Católica de Cuba e dos EUA, anunciou o secretário da Conferência dos Bispos, monsenhor Carlos Manuel de Cespedes. Todas as pessoas que fazem parte da lista foram condenadas a penas superiores a dez anos de prisão por crimes políticos, disse o prelado.

Explosão em Paris

UMA potente explosão danificou a sede parisiense do Banco do Koweit esta madrugada sem causar feridos, anunciou a Polícia. A explosão, que não foi reivindicada, também quebrou os vidros de viaturas estacionadas nas proximidades e nos edifícios vizinhos, mas a Polícia ainda desconhece a sua natureza.

ROMÃO MARTINS PRECONIZOU O CONSENSO

Em recente conferência de Imprensa, Romão Martins e a maioria dos elementos que patrocinam a sua lista e os que dela fazem parte «explicaram» as razões por que se iriam sumeter ao sufrágio em alternativa a Silva Resende, e apontavam, como vertentes dessa atitude, **«o desprestígio das classes dirigentes do futebol, nomeadamente ao nível do executivo da FPF e seus reflexos negativos na área desportiva»** e a **«urgente implantação duma moderna gestão da FPF no âmbito administrativo, desportivo e económico-financeiro»** por entenderem que estas componentes visam tornar possível a pacificação e reconciliação dos seus agentes.

Quanto ao programa apresentado, ele aponta no sentido da defesa dos clubes e associações, preparação para a realização dum congresso de futebol, visando a procura dum conselho generalizado sobre a gestão do futebol português e anunciando ainda outras medidas de carácter administrativo e desportivo.

Durante aquela sessão, vários foram os intervenientes do debate e a tónica dominante fincou-se na crise da orgânica (que todos reconhecem ser anacrónica e caduca, mas para cuja revisão nunca vimos nas assembleias gerais da FPF serem apresentadas propostas dos problemas da selecção (Romão Martins afirmara que tinha assegurada a disponibilidade dos jogadores), da falta de uniformização dos estatutos das diversas associações, dos problemas que vão divergindo no seio das asociações de Faro e Castelo Branco, e Romão Martins mostrou-se disposto a abdicar, se for encontrada a tão apregoada (mas por poucos desejada) lista de consenso.

Romão Martins, candidato do regresso

Adriano Pinto: «manndatário» de Resende estará hoje no «face a face» com Miguel Sousa Tavares

"Face-a-Face" com Adriano Pinto Contestado por apoiantes de Romão

«Surpresa» e «viva reprovação» foram manifestadas à Federação Portuguesa de Futebol por 13 associações, em protesto contra o «face a face» televisivo que a RTP anunciou para hoje com Adriano Pinto, presidente da Associação de Futebol do Porto.

As associações de futebol de Angra do Heroísmo, Aveiro, Beja, Coimbra, Évora, Guarda, Horta, Lisboa, Ponta Delgada, Portalegre, Santarém, Setúbal e Viseu, apoiantes da candidatura de Romão Martins às eleições federativas do próximo sábado, reagiram contra o programa onde Adriano Pinto, «homem forte» da recandidatura de silva Resende, será o entrevistado.

Em telex endereçado à FPF, aquelas asssociações afirmam **«não poderem calar a sua surpresa e mais viva reprovação»** pelo facto de a RTP, em pleno período de campanha eleitoral e a dois dias das eleições, ir transmitir no programa Face a Face uma entrevista com o presidente da Associação de Futebol do Porto, apoiante da lista concorrente.

Castelo Branco: divisão e confusão

Lá pelas Beiras, a perturbação e a divisão fazem-se sentir há muito tempo, com o SC Covilhã, e o seu presidente Brito Rocha, a desenvolver intensas manobras para substituir Manuel Barata por Fernando Jorge na liderança da Associação de Castelo Branco, sem ter conseguido os seus objectivos em função do Conselho Jurisdicional ter dado parecer contrário a tal pretensão. De um lado está o Sporting Clube da Covilhã e do outro parece que os demais. O curioso é que em recente afirmação Brito Rocha dizia contar com o apoio de AD Fundão, UD Belmonte e a UD Cariense mas, chega-nos, à mesa de trabalho, um comunicado elaborado pela AFCB devidamente assinado pelos representantes do Fundão, Cariense, Belmonte, Benfica de Castelo Branco e Alcains que **reconhecem o direito à direcção da AFCB de indigitar pessoas da sua confiança para fazerem parte da possível lista para os corpos directivos da FPF.** E perante isto, Manuel Barata surgirá no sábado devidamente credenciado para votar na lista de Silva Resende onde consta como vogal Manuel Dias Lopes. E de outro comunicado extraímos as seguintes considerações: **o presidente, e todo o elenco directivo da AFCB, deram-se conta do ridículo de uma situação criada por Brito Rocha, nomeadamente quando o presidente do Sporting Clube da Covilhã pretende infiltrar pessoa ou pessoas em reuniões de clubes, associações distritais e até na Assembleia da própria Federação Portuguesa de Futebol, à revelia dos regulamentos oficiais do futebol e do desporto em geral.**

Assim, a actual direcção da Associação de Futebol de Castelo Branco, porque prima pela legalidade e porque conhece os direitos e obrigações que lhe foram oficialmente conferidos, será a única entidade credenciada para participar nos trabalhos da próxima assembleia geral extraordinária da Federação Portuguesa de Futebol.

Faro: «uma palhaçada»

Até 30 de Outubro a lista de Romão Martins, se for derrotada sábado, vai pedir uma assembleia geral da FPF na qual já estará outro presidente da AF de Faro e também de Castelo Branco, os quais farão cair a direcção de Resende. É tudo uma questão de tempo.

Foi mais ou menos assim que se exprimiu o líder da Torralta (António Silva) após a reunião havida em Faro entre o presidente da AFF (Eduardo Tenazinha) e os representantes de uma minoria dos clubes filiados naquela associação. Uma reunião que ficou marcada por afirmações que evidenciam com extremo rigor a forma como certos senhores vão «reinando» na causa alheia. A propósito, recorde-se a síntese, então, expressa por Manuel João (presidente do Portimonense): **Já chega. Tudo isto é uma palhaçada.** E como forma para justificar aquela afirmação: **Nós queríamos saber qual o desejo dos clubes e o Tenazinha não deixou. Isto só é possível porque as pessoas andam à procura de poleiro e de posições sociais. Para nós a posição da AF Faro é vergonhosa.**

Nada é pacífico lá pelo Algarve, porquanto o pensamento de Artur Viegas (presidente do Olhanense) e do seu colega do Louletano é inverso, estando com Tenazinha e mostrando-se solidário com ele, no apoio a Silva Resende.

Aveiro e Coimbra contra Resende

«Quanto a nós, não faz sentido Silva Resende continuar como presidente da FPF depois de ter sido destituído, por esmagadora maioria, em assembleia geral.»

Este é o pensamento expesso pelo dr. Pinto Gomes (presidente da AF Coimbra)

Aveiro

«Somos coerentes e determinados e, no caso de Silva Resende ser reeleito, temos o dever de continuar a pedir a sua destituição.»

É autor da afirmação Gilberto Madail (presidente da Associação de Futebol de Aveiro)

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO

N.º 37/87 DE 13 DE SETEMBRO DE 1987

No Estúdio e no Estádio, XX1 111 111 X1X1; A ordem, 22X 111 111 X12X; Notícias de Gouveia, X22 1X1 111 1122; Eu Sei Tudo, 2X1 111 111 1111; Panorama Desportivo/RDP Rádio Guarda, 22X X11 111 21XX; Penalti, 221 211 111 1121; Pista de Dança/Rádio Altitude, 2X1 XX1 111 X111; Sons da Madrugada/Rádio Altitude, 22X X11 111 12XX; Informação Desportiva/ Rádio Altitude, 2XX 111 111 11X1; Escape Livre/Rádio Altitude, 22X 1X1 11X 1XX2; Quatro Linhas/Rádio Altitude, 2X1 111 111 1111; Voz do Ave, 2X1 111 111 1111; Ecos de Cacia, 22X 111 111 X1X1; Programa da Manhã/Rádio Altitude, X21 XX1 1X1 X1X1; O Mensageiro, 1X1 111 1X1 111X; Jornal da Lixa, 222 1X1 111 11X1; Clube da Manhã/RDP Comercial, X22 1X1 111 X1X1; Programa da Manhã/RDP Comercial, 22X 221 1X1 2121; Secção Desportiva/RDP Comercial, X2X 1X1 111 X12X; Tempo de Desporto/RDP Comercial, 2X1 111 111 112X; A Voz do Domingo, 22X 111 111 1111; Sintonia Desportiva/RDP Centro, 211 X21 1X1 1XX1; Fotogramas/RDP Centro, 21X X21 1X1 1X21; Bola ao Centro/RDP Centro, 2XX 121 111 X1X1; Fora de Jogo/RDP Grande Sábado/RDP Centro, XXX X21 1X1 XX21; Elas e a Música/RDP Centro, X1X X21 1X1 XX2X; Notícias de Viana, 2X2 XX1 111 X1XX; Correio de Coimbra, 22X 111 111 11X1; Jornal da Beira, 22X 111 111 X121; Folha do Domingo, 22X 1X1 111 X11X; Defesa de Espinho, 22X X1X 111 111X; Boomerangue/RDP Centro, 211 X21 1X1 XXX1; Canal Mais/RDP Centro, 2X1 X2X 111 X121; Rádio Guarda, 12X 111 X21 1221; Notícias de Chaves, 22X 1X1 111 X121; Notícias de Felgueiras, 22X 111 111 1XX1; Fim de Semana Desportivo/Rádio Guarda, 22X 11X 1X1 X12X; Panorama Desportivo/Rádio Guarda, 111 X21 11X X211; Beira Serra/RDP Rádio Guarda, 2XX 111 111 X12X; Pôr do Sol/RDP Rádio Guarda, 221 1XX 111 X1X1; Rádio Guarda, 2X1 1X1 111 X121; Disco e Daquilo/Rádio Altitude, 221 121 X11 1XXX; Rádio Totobola, 221 1X1 111 X1X1; Rádio Sports, 2X1 111 111 1111; Litoral, 2X2 121 111 112X; Jornal de Santo Tirso, 2X1 111 111 111 1111; Programa da Manhã/RDP Centro, 211 121 1X1 X121; Jornal de Amarante, 2211 1X1 111 1121; Jornal do Fundão, 221 XX1 111 X12X; Tarde Desportiva/RDP Antena Um, 22X 111 111 11X1; Livre e Directo/RDP Antena Um, 1XX 111 1X1 2X2X; Linhas de Elvas, 221 2XX 111 1X21; Maria da Fonte, 22X 111 111 11XX; A Defesa, 22X 11X 1XX 1111; Correio do Vouga, 22X 111 111 1111; RR/Desporto, 22X 111 111 1121; RR/Bola Branca, X21 2X1 1X1 11XX; RR/Frente Desportiva, 2XX 111 111 1X21; Voz de Lamego, 221 111 111 X12X; Notícias de Guimarães, 22X 1X1 111 2111; Desporto Regional/RR, 221 121 111 11X1; Jornal de Felgueiras, 221 111 1X1 1XX1; Contacto/RDP Centro, 111 1X1 111 1XX1; 11X1; Notícias do Douro, XXX XX1 111 112X; O Algarve, 221 1X1 111 X211; Diário de Lisboa, X21 1X1 111 X121; Comércio de Leixões, 22X 111 111 11X1; De Tudo um pouco, 221 1X1 111 X111; Jornal de Gaia, 22X X11 X21 1X1X; Jornal da Graça, 22X X1X 111 21X1; Jornal de Notícias, 2X1 1X1 111 X111; O Primeiro de Janeiro, 221 121 111 2121; Alvo Desportivo, X12 121 111 X1X1; Rádio Alvo, XX1 111 111 1111; Alvo, 2XX XX1 111 1111; Alvo Suplemento, 221 111 111 1111; A Voz dos Ridículos, 2X1 111 111 1121.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Varzim-Porto	5	12	60	1	2	9
2. Académica-Sporting	8	24	45	1	4	7
3. Penafiel-Braga	36	35	6	6	5	1
4. Rio Ave-Salgueiros	55	18	4	9	2	1
5. Espinho-Chaves	37	25	15	6	4	2
6. Farense-Elvas	70	7	0	11	1	1
7. Belenenses-Portimonense	74	3	0	11	1	1
8. Guimarães-Setúbal	61	14	2	9	2	1
9. Boavista-Covilhã	74	3	0	11	1	1
10. Aves-Vizela	41	30	6	6	5	1
11. Feirense-U. Coimbra	59	14	4	9	2	1
12. E. Lagos-E. Amadora	20	28	29	3	4	5
13. Nacional-Olhanense	54	21	2	8	3	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
221 111 111 1121

Silva Resende, em conferência de Imprensa

"OS AMBICIOSOS E TAREFEIROS DA DESONRA PERFILAM-SE POR TRÁS DA OUTRA LISTA"

Alves Henriques

Ainda restam cerca de meia centena de horas para continuarmos a assistir ao arraial saloio que vem animando os bastidores do luso futebol, desde há alguns meses, mais propriamente, desde o «estoiro saltilhense», e acelerado quando a Associação de Setúbal resolveu duvidar das contas federativas, ao ponto de haver levado o assunto a terreno externo.

Silva Resende e a sua equipa

Pelas 14.30 horas do próximo sábado, teremos a cena final da grande comédia futebolística com a realização das eleições para o executivo, cabendo às 22 associações que formam a Federação escolher ou a rendição de Silva Resende a favor de Romão Martins, ou a manutenção do actual presidente com elenco renovado.

A guerrilha tem sido intensa nos últimos dias, sobretudo pelos «focos» centralizados em Castelo Branco e Faro, onde reina total confusão, alguma anarquia e total desentendimento, entre as partes do confronto. As acusações e certas denúncias têm pecado por total afastamento de dignidade, sendo praticado um tipo de terrorismo verbal que muito desprestigia os agentes do dirigismo desportivo perante a opinião pública, dando uma imagem precária, quanto ao culto da respeitabilidade que deveria servir de molde de comportamento de quem os situa (ou pretende situar) em determinado centro de decisão e orientação. Má pedagogia na passarela do desporto e depois admiram-se do zumbir de certas melgas. Adiante...

Silva Resende ao ataque

Ontem, teve lugar (em Lisboa) uma reunião de Silva Resende e seus parceiros da renovada lista, com os órgãos da Comunicação Social, o qual durante a sua intervenção inicial e na fase de «colóquio», foi deveras contundente para com os seus opositores. Foi assim: **esta estranha eleição ocorre no meio do mandato dos actuais dirigentes. Se de algum programa se tratasse era preciso ir buscá-lo aí, na eleição geral, afinal a única em que se poderia surpreender um plano de inovação, de mudança, e — porque não também? — um plano de continuidade.**

Mas outra razão é ainda mais pertinente. É que os programas de acção dependem estreitamente dos instrumentos por que se rege a Federação e que são também da autoria e da responsabilidade das associações.

O dr. Antero Silva Resende referia-se ao facto de Romão Martins (em recente conferência de Imprensa) haver anunciado um programa de acção para dois anos de mandato.

Mais adiante diria aquele advogado, antigo jornalista, actual vice-presidente da UEFA e (ainda) presidente da FPF: **os inimigos do Futebol, que dantes viviam fora do seu mundo, agora vivem cá dentro. Arranjaram mesmo os salvo-condutos para chegarem aos centros de decisão. Arranjaram mesmo ousadia bastante para se arvorarem em defensores e salvadores do futebol, em manifestação da mais sórdida hipocrisia. Claro está que são as hierarquias, base indispensável da sobrevivência do futebol, que estão em perigo. A maneira mais expedita de destruir o futebol é contestar a sua disciplina, e pôr em causa os degraus da sua hierarquia, é, no fundo, minar a sua instituição, criar climas de confusão, agredir as pessoas para desviar a atenção dos problemas... Mas são os jogadores os que realmente correm o maior risco. Porque a sua profissão, o seu estatuto social, a sua credibilidade desportiva vivem da existência dessa instituição desportiva. Se ela desaparecer, ou se se tornar num centro de influência de grupos, de intromissão de políticos e arena de interesses estranhos, o profissional de futebol descerá ao limite das actividades sem caução moral e sem garantia desportiva.**

O futebol em perigo

Com isso, ninguém se incomoda. O que a gente vê é uma hábil manobra de propaganda para retirar dos olhos do grande público esses factos graves. E quando alguns, mesmo assim, aparecem, existe propósito visível de os minimizar. O futebol está em perigo porque não encontrou ainda um estatuto de convivência com certos meios de difusão. O futebol está em perigo porque perdeu há muito o seu equilíbrio financeiro e corre a suicidar-se na falência. O futebol está em perigo porque diariamente se avilta em actos de indisciplina. O futebol está em perigo porque se tornou suspeito de corrupção.

Hipocrisia e subversão

Entre nós, prefere-se o ataque pessoal por questões menores ou até problemas inexistentes. E os autores deste hipocrisia criminosa não estão fora do futebol, estão dentro do futebol. Foram eles que criaram a situação que hoje se vive. São eles que acusam os outros. Foram eles que se aliaram aos inimigos de fora. São eles que acusam, criticam, desautorizam, enredam, intrigam, conspiram.

Não se pode esconder que a presente situação do futebol é filha destas causas. Certamente, seria excessiva credulidade pensar que a lista nossa rival para esta estranha eleição é uma lista de pessoas acumpliciadas para destruir o futebol. De maneira nenhuma. Na sua larga maioria, eu diria mesmo, na sua totalidade, eles estão a ser vítimas de um mau aproveitamento.

Os verdadeiros ambiciosos do poder; os verdadeiros tarefeiros da desonra do futebol; os verdadeiros agentes da subversão do futebol português perfilam-se por trás dessa lista. Há muito que esses projectados autores da subversão correm por todos os lados: vão de Setúbal a Coimbra; de Coimbra a Aveiro; de Aveiro a Lisboa; de Lisboa a Santarém, sempre cheios de pressa. Sempre a dar entrevistas. Sempre a anunciar vitórias que lhes fogem. Sempre à espera de vez. Sempre a malsinar. Muitas vezes a caluniar e a injuriar. Sempre a fazer reuniões pomposas em que acabam a falar sozinhos. Sempre preocupados com os outros. Sempre descuidados consigo e com as suas associações.

São estes os que põem em perigo o futebol português. Por isso se justifica a nossa candidatura. Ainda uma vez para lhes fazer frente. Para lhes atalhar o passo. Para avisar o futebol e o País, dessa invasão suspeita.

No final, o dr. Silva Resende, que se encontrava acompanhado pelos oito demais integrantes da sua lista, submeteu-se a todas as questões colocadas pelos jornalistas aos quais respondeu com clareza dando alguns esclarecimentosque por aí têm vindo a provocar injustificadas dúvidas. Referiu-se á sua posição na UEFA onde a futuracontinuidade «não depende de Portugal, já que este apenas tem 1 dos 36 votos». Sobre a selecção justificou que o protelamento tido nas convocatórias foi julgado um «mal menor», dado o responsável pelo pelouro (Amândio de Carvalho), porque sabe não continuar no lugar, se haver desmotivado e daí ser preferível que toda a programação das selecções obedeça à «marca do estilo» do futuro responsável que será (caso vença a sua lista) Pais do Amaral com a colaboração de António Piment. Sobre a anunciada indisponibilidade dos jogadores «não tem a Federação qualquer comunicação dos jogadores e espera que nenhum atleta de boa-fé se recuse servir a selecção».

Adriano Pinto mostrou-se confiante no futuro relacionamento da FPF com os demais agentes do futebol e «os futebolistas saberão ser dignos da profissão e do respeito devido aos clubes que servem e do País a que pertencem».

Sobre consendo, ninguém terá colocado a questão e «só os guerreiros é que poderão depor as armas».

Silva Resende apelava, no termo da sessão, à desejada uniformidade da crítica perante as listas em confronto.

- *Há muito que os autores da subversão correm por todos os lados*
- *O futebol perde equilíbrio financeiro e corre a suicidar-se para a falência*
- *O advento do profissionalismo criou um mercado de interesses paralelos que tende a proscrever a feição desportiva do futebol*
- *Há indivíduos que aliciam para a sua causa alguns desportistas mal avisados, que lhes servem de escudo, de disfarce ou de protecção*

Futebol: notícias

Selecção da RFA poderá jogar em Portugal

O presidente da Federação Alemã de Futebol admite a possibilidade de a selecção da RFA jogar em Portugal, se falhar a sua projectada digressão à Argentina e Brasil.

Hermann Neuberger disse estar em sérios riscos de fracassar a planeada viagem àqueles países sul-americanos, entre 12 e 22 de Dezembro, para jogos com as selecções do Brasil e da Argentina.

Balacó dispensado pelo V. Setúbal

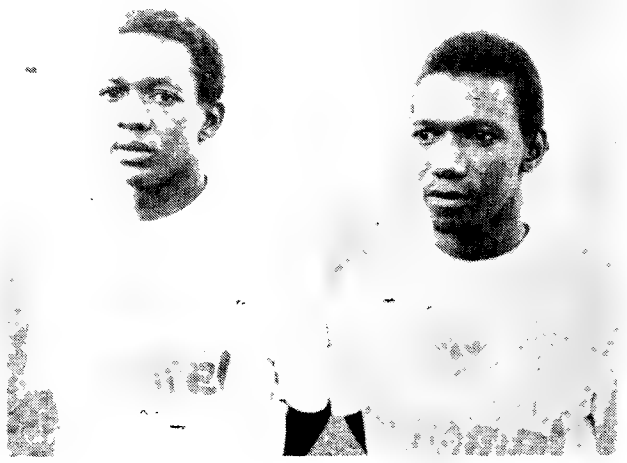
O defesa do Vitória de Setúbal Balacó foi dispensado ao Louletano, já que «**na opinião do treindaor Alison o Balacó não era o jogador ideal para o lugar que o técnico pretendia.**»

Balacó, saído do Portimonense para o Vitória de Setúbal, teve convites do Olhanense e Louletano, tendo este último ganho a «corrida».

Lesão de Rui Águas «favorece» Magnusson

A lesão (hematoma num tornozelo) contraída por Rui Águas no encontro do passado domingo em Portimão, poderá originar que Ebbe Skovdahl antecipe a estreia do sueco Magnusson para sábado no jogo frente ao Marítimo.

PONTA ESQUERDA



MALIANOS EM ALVALADE: estes são os malianos Diallo e Kalonga que, desde ontem, se encontram a prestar provas em Alvalade.

Rummenigge ingressa no Servette

O futebolista Karl Heinz Rummenigge, «capitão» da selecção da Alemanha Federal nos mundiais de 1982 e 1986, vai jogar na equipa suíça do Servette «pelo menos até final da temporada», foi hoje anunciado em Munique.

Rummenigge, que representou anteriormente o Inter de Milão, procurava uma equipa para jogar, pois o clube italiano não lhe renovou o contrato.

«Cheguei a um acordo de princípio com os dirigentes da equipa suíça, e espero que tudo termine bem e possa vestir a camisola do Servette», disse Rummenigge, segundo o qual **«o contrato é desde Outubro até final da época, mas poderá ser prolongado, pois Genebra é uma cidade particularmente encantadora».**

Rummenigge, de 32 anos, tem 95 internacionalizações e jogou três épocas no Inter de Milão, que o comprou ao Bayern de Munique por 3,8 milhões de dólares, sendo então a transferência mais cara do futebol europeu.

O alemão, que foi duas vezes «futebolista do ano» (1980 e 1981), há seis meses que não joga devido a lesão e uma intervenção cirúrgica, tendo sido por isso substituído pelo belga Enzo Scifo no Inter.

Argentina: jornada da indisciplina

Os Estudiantes de La Plata assumiu o comando do campeonatoo argentino de futebol, sendo a única equipa que conta por vitórias os dois jogos disputados.

A segunda jornada, disputada terça-feira à noite, ficou marcada pela indisciplina, tendo os arbitros expulsado catorze futebolistas, entre os quais dois integrantes da selecção argentina que no ano passado se tornou campeã mundial.

Desde ontem

OS VINTE E CINCO "HOOLIGANS" JÁ SE ENCONTRAM EM BRUXELAS

Vinte e cinco adeptos britânicos de futebl chegaram à Bélgica, onde serão julgados por homicídio não premeditado na tragédia de Heysel Park, em 1985, que provocou a morte de 39 pessoas.

Os «hooligans», que viajaram desde a Grã-Bretanha sob escolta militar num avião C-130 da força aérea belga, foram transportados logo após a chegada a Bruxelas ao Palácio da Justiça, para um primeiro contacto com o juiz de instrução do processo.

Os «hooligans» agora extraditados para a Bélgica foram considerados os responsáveis máximos pelos tumultos que conduziram à tragédia de Heysel Park, momentos antes da final da Taça dos Campeões Europeus, entre o Liverpool, de Inglaterra, e a Juventus, de Itália.

Concluído o delicado processo da sua extradição — pólo de forte controvérsia entre a opinião pública e durante o qual foram postos em causa a qualidade dos sistemas judicial e prisional belgas, segue-se agora a fase de instrução do processo, que só deverá terminar no final do ano, pelo que o julgamento só terá lugar em 1988.

Desacatos em Dusseldorf

Nove adeptos de futebol britânicos foram presos ontem de madrugada por desacatos provocados num bar de Dusseldorf, onde a Inglaterra defronta a Alemanha Federal, em jogo de carácter particular.

Eles beberam demasiada cerveja, e de um momento para o outro, começaram a partir copos e a lançar cadeiras e mesas pelo ar — disse Heinz Bainer, porta-voz da polícia de Dusseldorf, referindo que «ninguém ficou ferido».

«Mundial-90»: cada jogo rende 60 mil contos

As selecções qualificadas para o campeonato do mundo de futebol de 1990, em Itália, receberão 400 000 dólares (cerca de 60 000 contos) por cada jogo disputado na fase final do torneio, revelou em Glasgow o presidente da FIFA, João Havelange.

O presidete da Federação Internacional de futebol referiu que cada um dos 24 finalistas embolsará pelo menos um milhão e 200 mil dólares nos três jogos da primeira ronda do Itália-90.

As federações dos países finalistas poderão candidatar-se a um adiantamento de 200 000 (erca de 30 000 contos) — qu em casos específicos pode atingir os 400 000 dólares — para despesas de preparação para o «mundial».

João Havelange adiantou que o «mundial», a disputar em diversas cidades italianas entre 9 de Junho e 8 de Julho de 1990, será «um êxito financeiro».

«A venda de bilhetes para cada um dos 53 jogos da fase final renderá cerca de um milhão de dólares e, além disso, grande parte da competição será financiada por oito grandes companhias italianas, pelo que o êxito financeiro do campeonato é já uma certeza» — afirmou o presidente da FIFA.

À espera dos 25 «hooligans»

Alargamento dos "distritais" gera polémica no Porto

Clubes de futebol que militam nos campeonatos distritais da I, II e III divisões da Associação de Futebol do Porto decidiram impugnar o alargamento dos referidos campeonatos.

Em causa, está a realização da assembleia geral que ditou o alargamento, tida, pelos clubes, que fazem parte da oposição a essa medida associativa, como ilegal, porque não teria ainda decorrido o tempo exigido e determinado pelos estatutos associativos para a sua realização.

Para Sobral Cunha, representante do Leverense, «esta medida veio prejudicar todos, já que tínhamos os nossos planos, devidamente estruturados e fixados com vista à época prestes a iniciar-se».

«Não vamos abdicar desta tomada de posição, levando em conta que ela foi tomada em conjunto, ou seja, com o apoio dos clubes, interessados na reposição da verdade, e ainda, se tivermos em consideração os elevados prejuízos que dai resultaram e que agora, tal como sempre aconteceu, teremos que ser nós, os clubes a resolver», salientou.

Por outro lado, o presidente da assembleia geral da Associação de Futebol do Porto, Vieira de Carvalho, disse que para além da urgência que rodeava a assembleia em causa, «esta teve o parecer favorável do Conselho de Disciplina Técnico, de Contas e Jurisdicional».

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 81/87 DE 16 DE SETEMBRO DE 1987

Tarde Desportiva/RDP Antena Um 111 11X 111 XX12; A Ordem, 111 211 111 2X12; No Estúdio e no estádio/RDP Antena Um, 11X 11X 111 XX12; Notícias de Gouveia, 111 112 1X1 1112; Eu Sei Tudo, 111 211 111 1X1X; Panorama Desportivo-/Rádio Guarda, 111 111 1X1 2X12; Penalti, 111 212 111 1211; Pista de Dança/Rádio Altitude, 111 111 111 XX12; Sons da Madrugada/Rádio Altitude, 111 21X 111 2112; Informação Desportiva/Rádio Altitude, 111 111 1X1 1112; Escape Livre-/Rádio Altitude, 121 2XX 111 22X2; Quatr Linhas/Rádio Altitude, 111 111 111 1112; Ecos de Cacia 111 X11 111 X11X; Voz do Ave, 111 X11 111 111X; Programa da Manhã/Rádio Altitude, 111 XX1 111 XX1X; O Mensageiro, 111 X11 121 1111; Jornal da Lixa, 111 211 111 11X2; Clube da Manhã/RDP Comercial, 11X 111 1X1 1XX2; Programa da Manhã/RDP Comercial, 111 111 111 X112; Secção Desportiva/RDP Comercial, 111 111 111 11X2; Tempo de Desporto/RDP Comercial, 11X 111 1X1 1XX2; A Voz de Domingo, 111 111 111 1111; Correio de Coimbra, 111 212 121 X112; Jornal da Beira, 111 111 111 X212; Folha do Domingo, 111 111 111 2XX2; Jornal de Amarante, 111 11X 121 2212; Notícias de Viana, 111 1X1 111 2212; Defesa de Espinho, 111 12X 1X1 X22X; Jornal do Fundão, 11X 111 111 X2X2; Livre e Directo/RDP Antena Um, 11X 211 11X X212; Linhas de Elvas, 111 X11 121 2112; Maria da Fonte, 111 X11 111 XX12; A Defesa, 11X 11X 1X1 1XX2; Correio do Vouga, 111 111 111 1111; RR/Desporto, 111 11X 111 X1X2; RR/Bola Branca, 11X 21X 111 1X12; RR/Frente Desportiva, 111 112 1X1 11X2; Voz de Lamego, 111 21X 111 22X2; Notícias de Guimarães, 111 11X 12X 1111; Desporto Regional/RR 111 X12 121 1X12; Jornal de Felgueiras, 111 X11 111 XX1X; Contacto/RDP Rádio Guarda, 111 2X1 X1X 1222; Notícias de Chaves, 111 211 11X X222; Notícias de Felgueiras, 111 X11 111 XX12; Fim-de-Semana Desportivo-/Rádio Guarda, 111 X1X 111 XXX2; Panorama Desportivo-/Rádio Guarda, XX2 111 X22 X1X1; Beira Serra/Rádio Guarda, 111 211 121 1XX2; Pôr do Sol/Rádio Guarda, 111 X12 111 X2X2; Rádio Guarda, 11X 22X 11X 2X11; Disco e Daquilo/Rádio Altitude, 1X1 X11 111 X21X; Diário de Lisboa, 111 X11 1X1 1XX2; O Algarve, X11 2X2 111 X212; Rádio Totobola, 111 11X 111 X212; Rádio Sports, 111 211 111 1111; Litoral, 111 XX1 121 11X2; Jornal de Santo Tirso, 111 X1X X21 X212; Gazeta das Caldas, 111 X11 111 X212; Comércio de Leixões, 111 111 1X1 1212; De Tudo Um Pouco, 111 X1X 1X1 X1X2; Jornal de Gaia, 111 21X 1X1 21X2; Jornal da Graça, 111 211 111 X2XX; Jornal de Notícias, 111 21X 111 1X12; A Voz dos Ridículos, 111 211 111 1112.

assim vai o

totobola

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. Porto-Vardar	61	2	0	11	1	1
2. Benfica-Tirana	60	2	1	10	1	1
3. Real Madrid-Nápoles	54	8	1	10	1	1
4. Malmo-Anderlecht	16	17	20	3	4	5
5. Sporting-Tirol	55	6	2	10	1	1
6. L. Leipzig-Marselha	38	18	7	7	4	1
7. Barcelona-Belenenses	60	3	0	11	1	1
8. Tatabanyai-Guimarães	41	12	10	8	2	2
9. U. Craiova-Chaves	57	5	1	10	1	1
10. Gijon-Milan	26	26	11	5	5	2
11. Grasshopper-D. Moscovo	23	21	19	4	4	4
12. Brondby-Gotemburgo	40	20	3	7	4	1
13. Istambul-Inter	8	8	47	2	2	8

*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 211 111 1 ou X 112

Empate em Moscovo, mas...

FRANÇA "ABDICA" DO TRONO EUROPEU

A França perdeu as hipóteses de revalidação do seu título europeu de futebol, ao empatar em Moscovo com a União Soviética, 1-1.

Com este empate, a selecção gaulesa ficou afastada do apuramento no grupo três, terminando em Moscovo o seu reinado de campeã europeia, após ter alcançado o título em 1984, em Paris, com uma equipa liderada pelo já retirado Michel Platini.

Resultados dos encontros disputados ontem a contar para a fase de qualificação para o campeonato europeu de futebol:

GRUPO 3: URSS — França, 1-1 e Islândia-Noruega, 2-1;

GRUPO 6: País de Gales - Dinamarca, 1-0 e Finlândia - Checoslováquia, 3-0; **GRUPO 7:** Irlanda - Luxemburgo, 2-1.

Como vão as coisas

GRUPO 3:

	J	V	E	D	G	P
URSS	6	4	2	0	10- 2	10
RDA	5	2	2	1	8- 2	6
França	6	1	3	2	3- 5	5
Islândia	6	1	2	3	3-12	4
Noruega	5	1	1	3	3- 7	3

GRUPO 6:

	J	V	E	D	B	P
Dinamarca	4	2	2	0	3-1	6
País de Gales	3	1	2	0	6- 2	4
Checoslováquia	5	1	3	1	5- 5	4
Finlândia	6	1	4	1	1-10	3

GRUPO 7:

	J	V	E	D	G	P
Irlanda	7	3	3	1	8- 5	9
Bulgária	5	3	2	—	10- 3	8
Bélgica	5	2	3	—	13- 4	7
Escócia	5	1	2	2	4- 5	4
Luxemburgo	6	—	—	6	2-20	0

Jogos particulares

Em Dusseldorf, jogaram RFA e Inglaterra tendo a selecção germânica vencido por 3-1 e, em Glasgow, a Esdcócia triunfou por 2-0 perante a Hungria.

Microscópio

Ciclismo:
Volta à CEE

O francês Joel Pelier assumiu o comando da Volta à Comunidade Europeia em bicicleta, ao ganhar a primeira etapa em linha, disputada entre Roma e Peruggia, cobrindo os 171 quilómetros da tirada em 4h 10m 18s, à média horária de 40,990 quilómetros, batendo ao «sprint» o soviético Piotr Ugromov, cronometrado com o mesmo tempo do vencedor.

Na classificação geral, Manuel Neves é o 47.º a 1.17, Fernando Carvalho está em 50.º, a 1.30; Américo Silva, é 55.º, a 1.38; Jorge Silva, 57.º a 1.39; David Assunção, 83.º a 2.11 e Orlando Neves (85.º) a 2.19.

Modalidades

Ténis de Mesa: Taça Cidades com Feira E. Amadora joga no dia 19

A equipa feminina do Estrela da Amadora defronta dia 19 pelas 18 horas a turma belga do Logis Auderghem para a primeira «mão» da 1.ª eliminatória da Taça das Cidades com Feira em ténis de mesa.

A formação portuguesa é formada por Odete Cardoso, Cristina Alves e Marta Alexandra, esta última ainda com idade júnior.

A Taça das Cidades com Feira conta com a presença de 28 equipas e 15 países.

Ténis: «Open» dos EUA

Mats Willander e Stefan Edberger, dois grandes representantes do ténis sueco, conseguiram a sua qualificação para os quartos de final do «Open» dos Estados Unidos, que terá na partida Ivan Lendl-John McEnroe e sua grande atracção.

Depois de ter visto a sua partida interrompida na véspera devido à chuva, Edberg venceu sem problemas o seu compatriota Jonas Svensson pelos parciais de 6-2, 7-5, 6-3.

Wilander mostrou-se também muito seguro e em plena forma, ao superar no outro confronto o norte-americano Ken Flach pelos parciais de 6-3, 6-3, 7-6.

Edberg vai defrontar nos quartos de final o indiano Ramesh Krishnan, que derrotou o soviético Andrei Chesnokov em três «sets» e pelos parciais de 6-4, 6-1, 6-2, enquanto Wilander terá pela frente o checoslovaco Miloslav Mecir, que afastou o australiano Mark Woodforde por 6-4, 3-6, 6-2, 6-2.

Os outros encontros já definidos dos quartos de final opõem o norte-americano Jimmy Connors e Brad Gilbert (EUA) — que eliminou Boris Becker — tendo o checoslovaco Ivan Lendl como rival o norte-americano John McEnroe.

A partida Lendl-McEnroe é considerada como uma final antecipada dado a boa forma dos dois tenistas que não escondem a sua ambição de ganhar o «Open».

Vela: Campeonato Ibérico em Matosinhos

Os melhores velejadores ibéricos da classe «laser» vão participar nas VIII Regatas Diera / I Campeonato Ibérico, que se realiza ao largo de Matosinhos, em 3, 4, e 5 de Outubro.

As regatas este ano elevadas à categoria de campeonato ibérico, são organizadas pelo Sport Clube do Porto, desde 1980.

Na edição deste ano, estão já asseguradas as presenças dos campeões nacionais de Portugal e Espanha, respectivamente Alfredo Santos e César Torné, bem como de todos os restantes campeões regionais e distritais dos dois países.

Anualmente realizadas em Matosinhos, as regatas tiveram como vencedor, na edição do ano transacto, Cesar Torné, actual campeão espanhol de «laser».

Alfredo Santos, o campeão português, já venceu por duas vezes as Regatas «Diera».

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	15	15	0,0	M. nub.
V. Castelo	15	15	0,0	Neblina
Vila Real	17	17	0,0	P. nub.
Porto	13	13	0,0	P. nub.
Coimbra	15	15	0,0	P. nub.
C. Carvoeiro	17	17	0,0	P. nub.
C. Branco	21	20	0,0	Bruma
Portalegre	22	22	0,0	P. nub.
Lisboa	19	19	0,0	P. nub.
Évora	19	19	0,0	M. nub.
Beja	17	17	0,0	M. nub.
Faro	21	19	0,0	P. nub.
Sagres	18	18	0,0	P. nub.
P. Delgada	23	22	0,0	Encob.
Funchal	22	22	0,0	Limpo

Temp. máx. previstas para hoje: Lisboa 27, Porto 23, Faro 29, Ponta Delgada 26, Funchal 30.

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

NA EUROPA

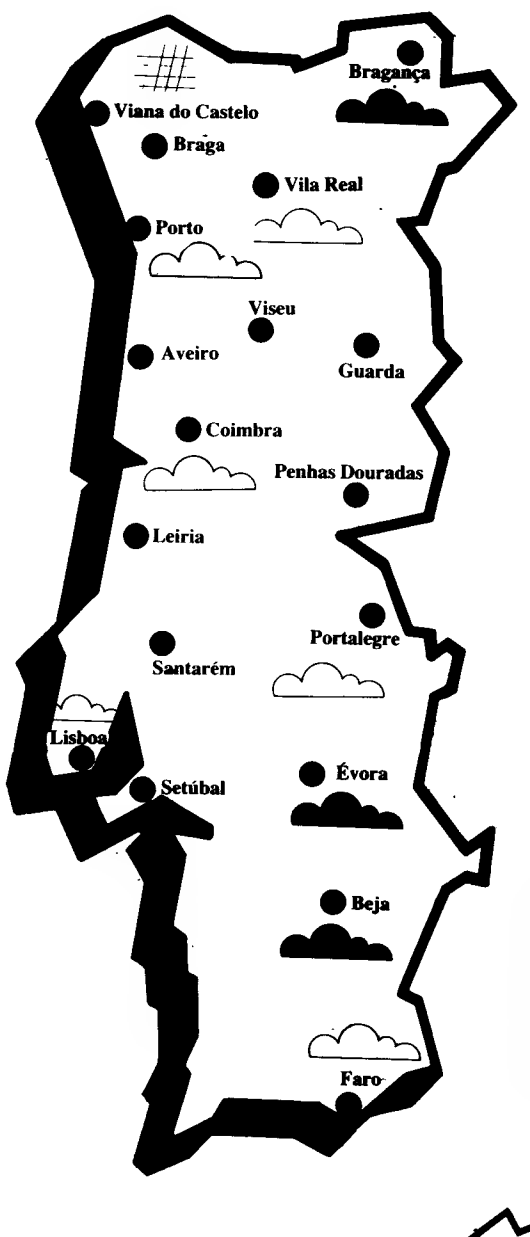
	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	17	17	Pouco nub.
Londres	15	15	Chuva
Paris	14	12	Muito nub.
Bruxelas	14	13	Muito nub.
Amesterdão	15	14	Chuva
Genebra	11	10	Muito nub.
Roma	19	18	Neblina
Oslo	11	9	Chuva
Copenhaga	14	9	Neblina
Estocolmo	11	9	Muito nub.
Berlim	11	10	Neblina
Viena	11	10	Neblina
Varsóvia	–	–	–
Atenas	23	19	Limpo
Moscovo	–	–	–

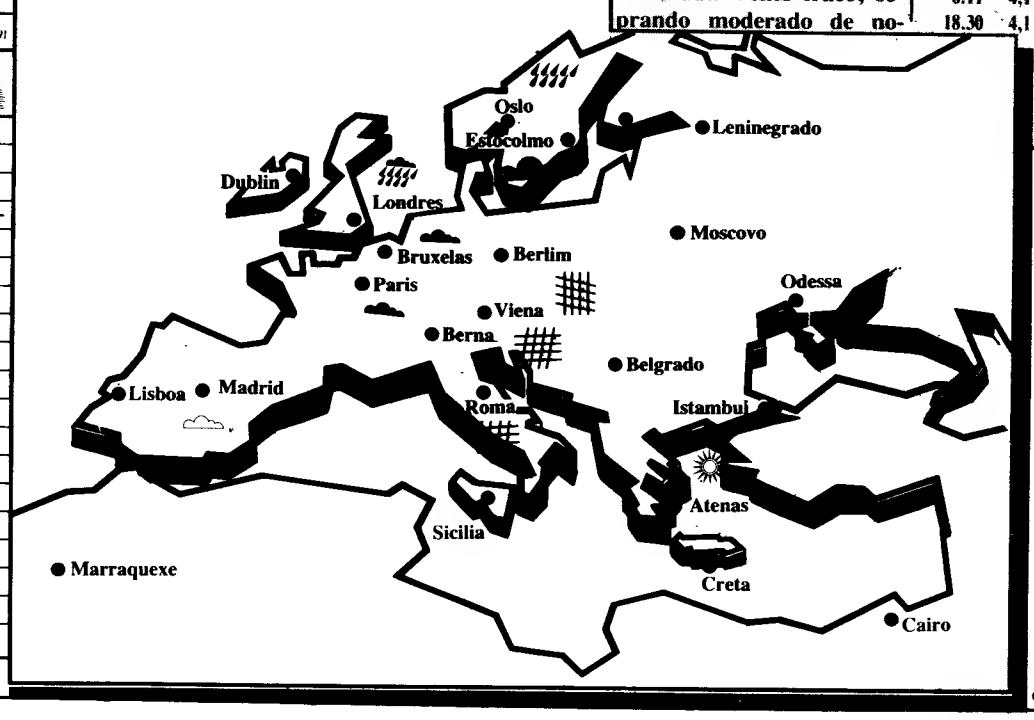
Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	19	39	Nublado
Joanesburgo	8	21	Limpo
Los Angeles	18	34	Nublado
Montreal	17	24	Chuva
Nova Deli	28	37	Limpo
Nova Iorque	21	25	Nublado
R. de Janeiro	15	22	Limpo
S. Francisco	14	30	Limpo
São Paulo	14	21	Chuva
Tóquio	25	31	Limpo

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm





TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros.**

Costa Sul: **Mar encrespado de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado no litoral oeste a norte do cabo da Roca, durante a madrugada e manhã. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde. Neblina matinal.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado nas do Centro e Sul. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde. Neblina ou nevoeiros matinais. Pequena descida da temperatura.

Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento moderado do quadrante Sul, soprando forte durante a noite e manhã no Grupo Ocidental. Períodos de chuva ou aguaceiros no Grupo Ocidental.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga a cavado, sendo grosso durante a noite no grupo ocidental. Ondulação noroeste de um a dois metros.**

Na Madeira:

Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado, por vezes forte, de leste. Pequena descida da temperatura.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação nordeste de dois a três metros.**

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
5.33	4,2 m	11.09	0,8 m
17.51	4,3 m	23.33	0,8 m

Amanhã

6.11	4,1 m	11.47	0,9 m
18.30	4,1 m	24.09	1,1 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Solilóquio

30 de Julho, quinta-feira

Praça de Touros do Campo Pequeno. Touros da Herdade do Bodial da Rainha para José Maldonado Cortes, António Ignacio Vargas, Sommer de Andrade, e forcados amadores de Évora e da Moita.

Isto de ir ao Campo Pequeno às quintas-feiras, sofrendo as limitações conhecidas, agora acrescentadas pelo facto do pequeno mundo taurino nacional querer sacanear o empresário, ao que o Fernando Santos resiste com um ar aparentemente olímpico, obriga a gente a encontrar no cartaz um pretexto qualquer para não esmorecer no caminho até à praça. O pretexto animador que arranjei para esta noite foi o de que ia voltar a ver na arena de Lisboa o José Maldonado Cortes, cavaleiro por quem tenho um certo fraco, apenas por motivos, digamos, profissionais, dado que as nossas relações nunca meteram sequer um copo, nem uma conversa seguida, passamos um pelo outro, e eu digo boa tarde, e ele diz boa tarde, ou vice-versa, aliás no Campo Pequeno infelizmente é sempre boa noite, portanto o meu fraco pelo Cortes resulta exclusivamente da circunstância concreta dele tourear a cavalo, o que se diz tourear, sabendo sempre o que o cavalo pode dar, e o touro também, aproveitando as forças e fraquezas de cada um, de maneira a fazer da lide espectáculo, e para quando o espectáculo não surge o Cortes tem o remédio virtuoso da brevidade, «lo malo, si és poco, bueno», esta noite foi o que sucedeu, e com o Sommer também, e com o Vargas idem aspas, claro que depressa e bem não há quem, e além disso no caso do espanhol houve as mudanças de cavalo, mudava de cavalo como corista de revista do Parque Mayer muda de roupa, mas as coristas do Parque Mayer não se enganam no fato, não chegam ao palco com um trajo que não é para aquele número, e o Vargas mudava de cavalo sem querer saber para que número era, aliás sempre cheio de boa-vontade, e nem se pode dizer que a culpa fosse dos touros, porque os do Bodial da Rainha, tanto os negros como os dois jaboneros além da aceitável presença deixavam-se tourear, faziam o número deles e ainda chegavam ao fim com forças para fazerem a vida negra aos forcados, houve bordoada que deu para todos, e os todos eram muitos, por exemplo o segundo acabou pegado, mas não pelos oito moços da ordem, eu contei onze rapazes da Moita às voltas com ele, mas já me disseram que contei mal, que eram doze, por este andar qualquer dia ainda temos mais forcados na arena do que espectadores na bancada. E então, se me permitem, seria a altura para, em defesa do equilíbrio económico das empresas, tomar a seguinte medida: os espectadores, que actualmente pagam bilhete, passarem a entrar de borla; e os forcados, que actualmente pegam de borla, passarem a pagar bilhete.

6 de Agosto, quinta-feira

Praça de Touros do Campo Pequeno. Touros de Sommer de Andrade para Angel Peralta, António Ventura, forcados amadores da Moita, José Júlio e Carmelo.

Hoje escrevo de bandarilheiros. Não pelo que nesta noite tenham feito na arena de Lisboa, isto sem desfazer em dois excelentes pares de Dario Venâncio, e noutros dois do Bartissol filho, que me dizem ser campeão de esgrima, mas por este andar também pode vir a ser bandarilheiro de campeonato. Mas escrevo de três toureiros de prata que calhou encontrar nesta nocturna do Campo Pequeno, onde as bancadas registaram animação maior que a costumada, vê-se que entrou Agosto, com seu cortejo de turistas deslumbrados e de emigrantes saudosos, propícios pois ao aplauso.

Primeiro, no pátio dos cavaleiros, encontrei o Carlos Falcão. Está na mesma, rijo, seco, como se em vez de tio fosse ele o sobrinho do malogrado José. Anda agora na quadrilha do Emídio Pinto, eu que vá ver um dia destes o seu cavaleiro, diz que bem montado e com ânimo para voltar a ser dos primeiros; mas hoje o Falcão vem na quadrilha do seu conterrâneo José Júlio, vamos a ver o que se passa, nem vacas tem toreado, esta é a segunda corrida da temporada do veterano matador vila-franquense, aí não está em grande desvantagem com o seu jovem alternante Carmelo, lembro aquelas tardes de novilheiro que lhe vi em Madrid, valente como as casas, e afinal a alternativa deixou-o plantado, o de Sanlúcar traz apenas duas corridas toreadas. E mesmo assim estiveram asseados os dois matadores, o José Júlio precavido no primeiro, como estava recomendado para o género do bruto e a idade sua, e com detalhes luzidos e de toureio sabor no quinto, feliz deu no final a volta à arena, ao recolher ao burladero pagou com um beijo a esforçada pega de seu irmão Dario, assim dividiu com ele a alegria. E Carmelo mostrou que não se lhe apagaram os desejos, pôs a praça com ele quando numas verónicas pregou os pés na arena, e os dois joelhos na faena ao último: já no terceiro correra a mão entre música, antes de se atabalhoar quando o novilho se começou a meter, aí teve Carmelo o senso de abreviar, oxalá breve não seja sua carreira de matador; para viver os anos moços esperando contratos que não chegam, então melhor será fazer como Carlos Falcão, antes de chegar à alternativa apagou seu sonho, abriu conta nova, de bandarilheiro um tipo pode à mesma sentir-se toureiro, merecedor de apreços e confianças.

A seguir, quando já as quadrilhas se começavam arrumando para as cortesias, veio ter comigo o António Gregório, outro dia falou-me sem me reconhecer, eu que desculpasse, ora essa, está desculpado sem culpa, eu nem dei por isso, há imensa gente a quem eu falo e depois fico a pensar mas quem será este fulano, agora quem é o António Gregório eu sei, continua um senhor peão, alguns apontam-lhe o vaidoso garbo de si mesmo, como se na arena isso fosse pecado, não fizesse parte da sua brega potente, e também capaz de se fazer luzida, às vezes até tirando os olhos do touro, em vez de mirar o tendido mirando o cavaleiro, a ver se ele quer o bicho aqui ou mais além. Mas já não admira que o António Gregório não se lembrasse logo de mim, a última vez que falámos acontecera há muitos anos, salvo erro foi em Medina del Campo, eram os tempos triunfais do José Lupi em Espanha, tempos de que o seu peão de confiança se orgulha, 112 corridas numa só temporada, sendo apenas três em Portugal e uma em França, as outras 108 todas em Espanha, e o Gregório também se ufana doutro record, ser na história do toureio aquele que mais corridas toureou em países estrangeiros ao seu, ele já soma 660, em quadrilhas diversas, não foi só com o Lupi, também saiu em Espanha com o Cortes, e o Caetano, e o Peralta, e o Moreno Silva, e na alternativa do António de Portugal em Mérida, e mantém-se na brecha, nem precisa de treinar, e eu lembrei-lhe a resposta do Rafael El Gallo, quando lhe perguntaram certa vez como é que treinava, e ele disse que era fumando charutos. Vida feita de gente diferente, e também de incertezas, onde os treinos não entram. Vi o António Gregório cingir o capote de passeio, fui ocupar o meu lugar na bancada, donde escassos minutos depois vi a pata com que saía à arena o primeiro touro, a força com que saltava rompendo as tábuas da trincheira, no sítio onde estava precisamente o Gregório, vi a sua segura planta derrubada no brutal encontro com a madeira que o touro destroçava e levava por diante; e quando o turbilhão passou, e o ajudaram a levantar-se, vi a sua cabeça sangrando, os incertos passos que amparado dava a caminho da enfermaria, a expressão atordoada, entre o estupor e a angústia, em que se transformara o sorriso confiante de há pouco, fechado agora pelo susto que também era nosso. O touro voltou à arena, não tornou a tentar a fuga, animal imprevisível, nos médios sustentou a lide: uma lide ajustada de Angel Peralta, bregando e adornando o inimigo com maestria, escolhendo os terrenos do cite, primeiro contra a querença, e a favor dela quando se tornou preciso, eu admiro a aficion e o ofício do velho centauro de Pueblo del Rio, que com mais de sessenta anos mantém a chama que faz dele uma história viva do rejoneio, uma lição para o António Ventu que com ele anda toureando por Espanha, e esta noite acusou progressos, não se limitou a mostrar aos turistas a casaca, logo nos compridos chamou e esperou de largo o jabonero, e esse tom manteve, dando praça e vista ao touro, fazendo crescer a emoção no último curto, em que arriscou de verdade, com o inimigo em tábuas, partiu direito a ele, seguro de que o faria abrir caminho para a saída, a ovação foi mais pelo mérito que pelo susto. Nessa altura já o nosso susto pelo António Gregório tinha passado, da enfermaria voltara com uma cruz de adesivo na cabeça, na trincheira explicava o acontecido, aos meus ouvidos não chegava o que dizia, mas bem se via, no retomado porte, como estava pronto para outra, e se tiver de ser que não seja assim, que seja dentro de uma dessas tantas arenas que pisou, toureiro como o Gregório não merece ser apanhado desprevenido numa trincheira, como se fosse um borlista, um bombeiro ou um polícia.

No intervalo, no tal inefável intervalo das touradas portuguesas, que segundo dizia o Don Bernardo da Costa faz com que em vez de uma tourada se aguentem duas, encontrei no coredor, vestido de espectador, o Ludovino Bacatum, bandarilheiro que não é qualquer, além de na técnica e na finura ser dos primeiros, também o é no sentido de humor, raro privilégio. Por sinal foi agarrado recentemente, na praça da Nazaré, por um touro velho de Cunhal Patrício, que estava para ir para Espanha e foi ficando por cá. O Bacatum pisou o capote, acho que caiu, e o touro investiu com ele, deu-lhe uma tareia, valeu-lhe ser Portugal, onde os touros dão tareias em vez de cornadas. — Então como foi isso? — perguntaram-lhe. E o Bacatum explicou: — É muito simples. Os espanhóis dizem: «o touro com cinco anos, e o toureiro com vinte e cinco»; ora o touro tinha seis anos, e eu tenho cinquenta e seis.

É na Moita a 35.ª Corrida da Casa da Imprensa

Aficionados vão ajudar à construção do 5.º piso

Curro Vasquez, Tomas Campuzano, Rui Bento Vasques e os aficcionados portugueses vão ajudar a Casa da Imprensa a remodelar e ampliar as suas instalações, aumentando-lhes um piso. São eles o três artistas que, com toiros dos Irmãos Vinhas, preenchem o cartel da 35.ª Corrida da Casa da Imprensa, cuja receita reverte, como é óbvio, para a obra social da instituição.

O espectáculo tem local, data e hora: Moita do Ribatejo, dia 16, às 17 horas e 30. A corrida tem um significado especial e um atractivo: integra-se na Feira Taurina da Moita e das Festas da Senhora da Boa Viagem e é picada. Por esta última razão andou já nas bocas do mundo.

A 35.ª Corrida da Casa da Imprensa foi ontem apresentada na sede desta instituição pelo seu presidente, Mário Pinho Branco, e por Raui Nascimento, que faz parte da sua organização desde há 25 anos. O presidente salientou a utilidade social da Casa da Imprensa e a sua obra de solidariedade social — como instituição privada — ao passo que Raul Nascimento frisou que o espectáculo de quarta-feira reúne todos os predicados para ser um êxito em toda a linha: artístico e financeiro.

O primeiro está assegurado — bastará ver o cartaz —, enquanto do segundo se espera a resposta dos aficcionados portugueses. A corrida é picada, repetimos, o cartel é de luxo, na linha das tradições da Casa da Imprensa. A qualidade da matéria-prima (toiros que tinham sido escolhidos para uma corrida em Barcelona) oferece, também, garantias. A Casa da Imprensa investiu já mais de quatro mil contos com este espectáculo.

Os aficcionados portugueses — porque se trata da grande corrida picada que ainda se não viu esta época em Portugal — não vão faltar. Vão, aliás, ajudar a erguer o 5.º piso da Casa da Imprensa, na Rua da Horta Seca, cujo anteprojecto e construção civil orçam pelos treze mil contos. O financiamento da obra — adiantou Mário Pinho Branco — anda pelos 6200 contos.

Como acima dissemos, a Corrida da Casa da Imprensa integra-se na «mais importante Feira Taurina portuguesa», como vincou Raul Nascimento na conferência de Imprensa, terra que em «afición» não pede meças e que, à partida — pelo seu passado — garante o êxito financeiro do espectáculo. O presidente da Casa da Imprensa e os jornalistas portugueses, sócios da instituição, fazem votos para que assim seja, tanto mais que o espectáculo é o terceiro da Feira Taurina da Moita.

No primeiro (2.ª-feira, às 17 e 30) actuarão Cortes, MJ Oliveira, Vasco Taborda, Rui Rosado, José Zaulo e Infante, a cavalo; na 3.ª-feira, corrida mista, E. Pinto e J. Teles a cavalo e Mário Coelho e o jovem espanhol El Jerezano, a pé. Na quarta-feira, o grande espectáculo, a 35.ª Corrida da Casa da Imprensa; na quinta-feira, última corrida, outra corrida de se lhe tirar o chapéu: Moura, Caetano e Bastinhas, a cavalo (claro), com toiros de Brito Paes. Forcados de Vila Franca e Moita.

Já o frisamos: todos esses espectáculos se inserem nas festas em honra da N.S. da Boa Viagem que decorre na Moita de 11 a 17 do corrente. Festas a que a CM quer dar «outra dimensão», mas que, à partida, «não desmerecerão das dos anos anteriores, desde as largadas (todos os dias) à imponente procissão em honra da Senhora da Boa Viagem no domingo à tarde, com benção dos barcos no cais. Será o momento alto dos festejos, abrilhantado pela participação de várias bandas de música.

Rui Bento: ao lado de dois «monstros» espanhóis na corrida da Casa da Imprensa

LOUIS MALLE CONQUISTA LEÃO DE OURO COM O FILME "AU REVOIR LES ENFANTS"

O realizador francês Louis Malle conquistou o Leão de Ouro do Festival de Veneza com o filme «Au Revoir, Les Enfants». A película, uma co-produção franco-alemão, historia a amizade entre dois jovens num internato francês em 1944, durante a ocupação nazi.

Em conferência de Imprensa concedida no dia da exibição de «Au Revoir, Les Enfants», Malle disse considerar o tema do filme «de uma actualidade crescente numa França e numa Europa em que o recrudescimento do neo-nazismo está na ordem do dia».

«Os recentes acontecimentos em França, nomeadamente com o julgamento de Barbie — frisou na altura Malle — mostraram que eu tinha razão. E nem sequer me preocupa que alguns me acusem de oportunista, dizendo que fiz o filme para estar a par dos tempos. Foi simplesmente o acaso, pois quando comecei a rodá-lo não sabia o que viria a acontecer no último ano.»

Os restantes premiados do certame foram:

Leã de Prata para o segundo filme: *ex aequo* «Lunga Vitta Alla Signora», do italiano Ermmano Olmi e «Maurice», do britânico James Ivory.

— Prémio Especial do Júri: «Hip Hip Hurra», do sueco Kjell Grede.

— Prémio Especial da República: «Pljulbum Ili Opasnaja», do soviético Vladim Adbrasitov.

— Melhor Interpretação Masculina: ex aequo James Dilby e Hugh Grant em «Maurice», de James Ivory.

— Melhor Interpretação Feminina: Kang Soo-Yeon, sul-coreana, no filme «Sibaji», de Im Kwon-Taek.

— Melhor Banda Sonora: «Maurice», de Richard Robbins.

— Melhor Decor: «House of Games», do norte-americano David Mamet.

— Melhor Direcção Artística: «Os Óculos de Ouro», do italiano Giuliano Montaldo.

— Melhor Fotografia: «Hip Hip Hurra».

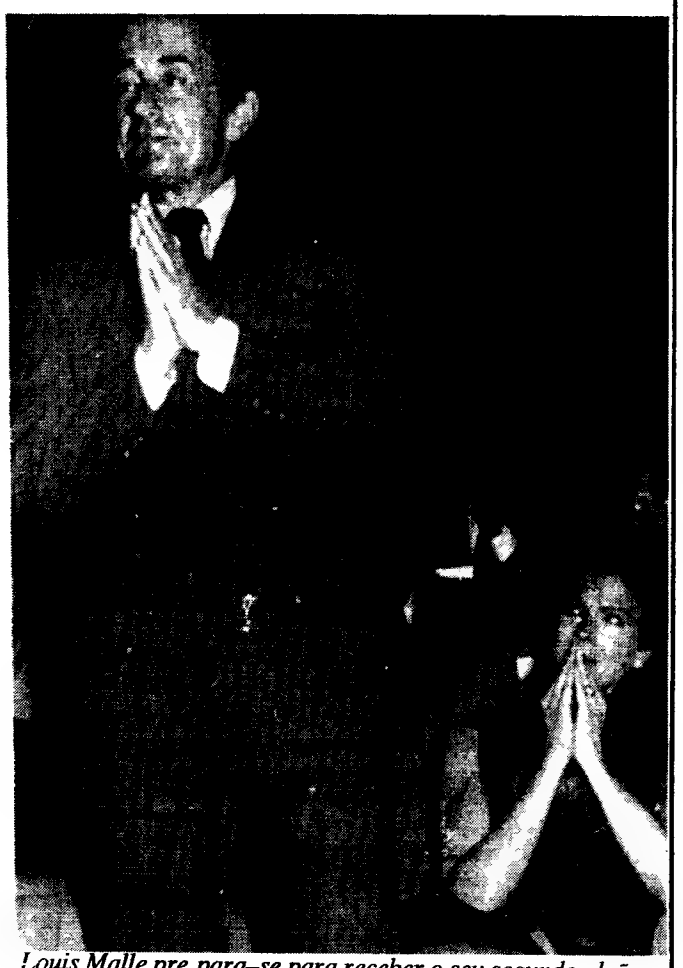
Uma estreia com Palma de Ouro

Louis Malle, de 55 anos, vencedor do Festival de Veneza com «Au Revoir Les Enfants», estreou-se no cinema em 1956 com o filme «Le Monde du Silence», que conquistou a Palma de Ouro no Festival de Canns desse ano.

Em 1980, o realizador francês tinha ganho o Leão de Ouro do Festival de Veneza com «Atlantic City».

«Au Revoir Les Enfants» pasa-se em Paris, durante a ocupação, no ano de 1944. Louis Malle filma um colégio católico de rapazes que descobrem a violência no mundo dos adultos num percurso que vai do quotidiano do colégio até a irrupção em cena da Gestapo e à deportação.

A fita, apresentada a concurso no terceiro dia do Festival, foi desde logo particularmente bem acolhida pelo público e pela crítica. Desde a sua apresentação, liderou ininterruptamente o quadro valorativo dos 19 especialistas que pontuaram os filmes da selecção oficial no jornal «La Republica».



Louis Malle pre para-se para receber o seu segundo «leão de ouro»

Malle diz que o filme é autobiográfico. Afirma ele: «em 1944, tinha eu 11 anos, entrei para o colégio. Os meus pais puseram-me lá para me pouparem às complicações da guerra, aos bombardeamentos sobre Paris, tudo isso. Eu estava furioso porque não tinha água quente, era tudo muito frio...»

E continua: »...ao mesmo tempo, era um lugar muito protegido até que um dia a polícia descobriu que entre os alunos do colégio havia três rapazes judeus recolhidos pelos padres.»

Teatro de Amadores até dia 13 no Nacional D.Maria II

Quatro grupos portugueses e quatro estrangeiros participam no primeiro Festival Internacional de Teatro de Amadores, a decorrer até 13 de Setembro no Teatro Nacional Dona Maria II.

Organizado pela Associação Portuguesa de Teatro de Amadores, o festival teve, nas palavras do presidente da Associação, Mário Fiuza, em conferência de imprensa, «acolhimento e apoio desde a primeira hora» da parte do director do Teatro Dona Maria II, Afonso Botelho.

Intervindo por seu turno, Afonso Botelho frisou que o Dona Maria II se não limitou a ceder as duas salas — Garret e Gil Vicente — para a realização dos espectáculos, porquanto considera importante apoiar o teatro amador, no qual encontra «a mesma essência» do teatro profissional.

Apontou, noutro passo, como uma das funções do Teatro Nacional «aproximar o teatro amador e o teatro profissional».

Os participantes portugueses e as peças que encenarão neste primeiro festival são o «Fatias de cá», de Tomar («Hamlet», de Shakespeare), o «Grupo de Intervenção Cultural» da Covilhã («O Foral, de F. Paulouro), o «Grupo do Clube TAP AIR Portugal» de Lisboa («O Médico à Força», de Moliére) e o grupo dos Bombeiros Voluntários de Cascais («O Mineiro de Cascais», de J. C. Cascaes).

Do estrangeiro vêm o «Stockholm Teaterverkstad», sueco, com «O Pelicano», de Strindberg. «Vordingborg Amator Scene», dinamarquês, com «A Máquina da Fantasia», para crianças, «Dance Group Sodemieter Op», holandês, com «Kebeng», «Many a Light Foot» e «Sodemieter op Wat?» e «La Cueva», Mexicano, com «Los Miototes».

Actividades culturais na Feira Popular

A Feira Popular de Lisboa, em colaboração com a Galeria Livrarte, promove o «1.º Salão Popular do Livro e da Arte».

Esta iniciativa que decorre de 6 a 20 de Setembro de 1987, integra-se num plano de actividades culturais que a Feira Popular de Lisboa tem vindo a desenvolver, particularmente ao longo deste ano de 1987.

Desta vez trata-se de trazer junto do público uma exposição de pintura, desenho e escultura, uma mostra de velharias e antiguidades e ainda uma exposição de livros antigos, novos e usados.

Informação COMERCIAL

AVISO

Leilão

A CP informa

Em 14 de Setembro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de todos os volumes abandonados e que não tenham sido reclamados pelos donos.
De entre as remessas a leiloar encontram-se nomeadamente as seguintes:

Transportadas em regime de 50 kg (T8/108) e de Detalhe

N.os 13192, 44438, 39520, 45953, 20054, 49262, 1450, 27854, 8178, 22733, 9154, 2110, 10440, 27211, 22031, 26403, 21076, 16668, 1188, 97010, 26019, 13224, 627, 53258, 12723, 2029, 6509, 79013, 35038, 68255, 52971, 8017, 92603, 17167, 7208, 32277, 46467, 1487, 71946, 11999, 31129, 64269, 52482, 51195, 45048, 76111, 62884 14043, 5110, 13194, 96309, 4380, 28854, 46543, 62304, 16241, 5873, 20273, 6509, 37898, 59632, 3322, 52007, 10394, 4667, 99041, 20020, 94056, 81089, 9321, 36599, 28627, 30799, 12069, 8103, 55300, 46501 11251, 4997 e 31159.

Lisboa, 26 de Agosto de 1987.

Caminhos de Ferro Portugueses

IO APOLLONI APRESENTA

"SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO"

COMÉDIA MUSICAL EM DOIS ACTOS
PARA UMA PERSONAGEM DE:
ALLOISIO - COLLI - GABER

VERSÃO LIVRE DE: CARLOS PAULO - IO APOLLONI

CENÁRIO: JORGE ROCHA
FIGURINOS: JOSÉ CARLOS
ENCENAÇÃO: IO APOLLONI
CANÇÕES: NUNO GOMES DOS SANTOS
ARRANJOS MUSICAIS: LUIS FILIPE
SUBSÍDIO MONTAGEM: S.E.C. F. C. GULBENKIAN
50% DESCONTO ESTUDANTES

PATROCÍNIOS

Nestlé
BB Brax & Brax FUNDADA EM 1777
ELAN

IO APOLLONI

INSTITUT FRANCO-PORTUGAIS
AV.ª LUÍS BIVAR, 91
TELEFONE. 54 45 74/ 54 43 89

DE SEGUNDA A SÁBADO
às 21.30 H
SÁB E DOM. ÀS 16 H
DESCANSO À 4.ª-FEIRA

SETE • RÁDIO COMERCIAL • DIÁRIO DE LISBOA • DIÁRIO • CITOFONE • CEIG
TAVARES & COUCEIRO, LDA. • alcatifas, carpetes, cortiça, pavimentos, papeis pintados
M/12 R. Acácio Paiva, 8 - C Lisboa • também na Feira Popular

OS CINEMAS

Uma cena do filme «Amor de Rastos» realizado por Jacques Rivette com a interpretação de Jane Birkin, Géraldine Chaplin, André Dussollier e Jean-Pierre Kalfon. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
JAMES BOND 007
RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
OS TRÊS MUNDOS DE MOMO
(maiores 6 anos) —
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
HUMILHAÇÃO
(m. 18 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1
JAMES BOND 007
RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2
O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4
ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 5
O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
ENCONTRO INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70
O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila
ENCONTRO INESQUECÍVEL — T. 539930
(Comédia)
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis
— T. 547163
A GRANDE COMÉDIA COM LEE CHARLOTS
OS MALUCOS NO SUPERMERCADO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
JAMES BOND – RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358
AS ULTRAPOTENTES
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
ACADEMIA DE POLÍCIA 4
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso
SEXO À GRANDE E À FRANCESA
(porno)
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
OS INVENCÍVEIS NO ORIENTE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
CLEOPATRA JONES E O CASINO DE OURO
(n/ acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Anusha
A GUERRA DAS ESTRELAS
(n/acons. 13 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
MULHERES DA RUA
(maiores 18 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
HISTÓRIA DE UM QUOTIDIANO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
O VINGADOR SOLITÁRIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
MASSACRE EM SAN FRANCISCO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
NOITES ESCALDANTES
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
HISTÓRIAS DE UM QUOTIDIANO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fórum Picoas
— T. 541037
ELE HÁ COISAS DO DIABO E DEZ ANOS DA COLECTIVADADE CULTURAL.E RECREATIVA DE ST.ª CATARINA
(maiores 6 anos) 16.30 h
O GAROTO DE CHARLOT DE CHARLIE CHAPLIN
(maiores 6 anos) 21.30

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
GELADO DE LIMÃO VI
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
REGRESSO Á TERRA O CAMINHO DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini
— T. 734009
ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
MALOM — O VINGADOR SOLITÁRIO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2
SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
DESTRUAM O THUNDER RUN
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
O VINGADOR SOLITÁRIO
(n/acons. men. 13 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
OS DIAS DA RÁDIO
(m/6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
JAMES BOND 007
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3
HUMILHAÇAO
(maiores 18 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
MOMO — T. 574362
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
O REGRESSO DO GUERREIRO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
LOUCAS DE DESEJO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
BETTY BLUE
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
METE O DIABO NO MEU INFERNO
(int. men. 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O EXPRESSO DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ABSOLUTAMENTE PRINCIPIANTES
(maiores 12 anos)
23.45 h

Sala 2
Encerrado para obras

Sala 3
O AMOR DE RASTOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VIDA DE BRIAN
(n/acons. men. 13 anos)
23.45 h

Sala 4
O REGRESSO DE JEDI
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(n/acons. men. 18 anos
23.45 h

Roma
T. 889192
MASSACRE EM SAN FRANCISCO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O REGRESSO DO GUERREIRO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
JAMES BOND 007
RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

Sala 2
O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
RÁDIO DAYS — OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715
ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
CURTO-CIRCUITO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
ENCONTRO INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595
ENCONTRO INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
THOR — O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
DESTRUAM O TRUNDER RUN
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Segredo do Meu Sucesso», às 21.15 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «A Costa do Mosquito», às 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «A turma dos Chanfrados», às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 h (maiores 16 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Uma Cama Para Todos — Revista», às 21.30 h (maiores 6 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «O Sargento de Ferro», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Fogo c/ fogo», às 15.30, e 21.30 h (maiores 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Academia de policia 4», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Curto-circuito», às 17.00 e 21.15 h (maiores 6 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Corcodilo Dundee», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Academia de policia 4», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Arma Mortífera ataca», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Império contra-ataca», às 15.30, 19 e 21.45 h (n. acons. m. 13 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Arma Mortífera», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «O Vingador Solitário», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 16 anos)
Sala 2 — «Os dias da rádio», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Pedro o Louco», às 15.30, e 21.30 h (maiores 18 anos)
ALMADA — Cinestúdio Almada — «A Fronteira do Perigo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «Gelado de limão VI», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Sindroma de Ómega», às 15.30 e 21.30 h (maiores 13 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Menino de Ouro», às 15.15 e 21.30 h (m/ 12 anos)
Sala 2 — «A Lojinha dos Horrores», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Filhos de um Deus Menor», às 15 30 e 21.30 h (m. 12 anos).

MARILYN NA CINEMATECA

Com um ciclo de homenagem a Marilyn Monroe, a pretexto dos 25 anos da sua morte, a Cinemateca Portuguesa deu início à programação para o período de 1987/88.

Marilyn Monroe, cujos filmes vão passar na Cinemateca até ao próximo dia 18, foi o mais lendário «sex-symbol» da história do Cinema. Morta tragicamente há 25 anos, em circunstâncias ainda não esclarecidas, um nome que um fio sinuoso liga a personalidades como Arthur Miller, Norman Mailer, John e Robert Kennedy.

Ao longo dos 17 filmes que integram a homenagem que a Cinemateca Portuguesa presta à famosa actriz, os cinéfilos e os seus admiradores poderão acompanhar a evolução do processo do «star-system» que vai da starlet decorativa de «All about Eve» de Joseph Mankiewiez à grandeza trágica da actriz de «The Misfits» de John Huston. Pelo meio ficam pequenas pedras preciosas que ela canta em «Ther´no business' like show business» de Walter Lang e «Gentleman prefer Blondes» de Hawks: filmes de Lang (Clash by Night), Preminger (River of no Return), Laurence Olivier (The Prince and the Show-girl), Wilder (Some like it hot, The Seven Year Itch), entre outros. Dois filmes merecem um destaque especial: «Don´t Bother to Knock» (Os meus lábios queimam), primeiro papel como actriz principal de Marilyn e «Marilyn», uma antologia de cenas dos seus filmes para a Fox e que inclui as imagens inéditas do filme que deixou incompleto: «Something got´s to give» de George Cukor.

Marilyn com Glen Ford em «The Seven Year Itch» (O Pecado Mora ao Lado) do Billy Wilder

EXPOSIÇÕES

HOTEL EVA (Faro): até 13 de Setembro, a 13ª edição do Salão de Arte Fotográfica Algarve-87. Considerada das mais importantes manifestações do género, a nível mundial, conta com o apoio da Fedération International de L´Art Photographique, da Photographic Society of America e da Associação Portuguesa de Arte Fotográfica. Neste certame participam concorrentes de mais de meia centena de países, com temas de livre escolha, com fotografias a preto e branco, cores e diapositivos.

FORUM PICOAS: no âmbito da Grande Festa do Circo, uma exposição com base em motivos circences, «Pintura no Circo», com trabalhos de Almada Negreiros, Querubim Lapa, Paulo Ferreira, Júlio, Júlio Pomar, Mouga, Paula Rego, Eduardo Batarda, Ilda David, Xana, Gaetan, Graça Morais, Jorge Martins, José de Guimarães, Pedro Proença, Pedro Calapez, Nikias Skapinakis, Manuel Vieira, Fátima Vaz, Ana Jota, Menez, Jasmim e Dôdô. Patente até 13 de Setembro.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: exposição sobre a República Popular Democrática da Coreia.
MUSEU DE PENICHE: até 27 de Setembro, a Câmara Municipal promove uma exposição de Pintura sob o tema «O Mar e a Terra», da pintora Ana Carrasqueiro.
IGREJA DE SANTIAGO (Palmela): até 20 de Setembro, uma exposição sobre arquitectura que tem omo objectivo principal dar a conhecer e valorizar a função do arquitecto municipal. Aberta ao público das 10 às 12,30 e das 14 às 18,30

GALERIA MUNICIPAL DE ÉVORA: até 13 de Setembro, com organização da Gesto Arte e apoio da Câmara Municipal de Évora, a exposição-instalação de Antero Alda.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA (sala de exposições temporárias): até 17 de Setembro, pintura de Lucília de Brito

BAR AMENDOA AMARGA (Faro): Pintura de Pereira de Castro, patente até Outubro. O coronel João Luís Pereira de Castro, que se dedica também à Medalhística, foi o autor da última medalha comemorativa do 25 de Abril.

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de Pintura e Cerâmica intitulada «Figura e Poesia» dos artistas Teresa Oliveira e Silva, Marta Castanheira Nunes, Maria José Cerqueira de Sousa, Arnaldo Franco e Carlos Pinto.
FORUM VISEU (Feira de S. Mateus): exposição de fotografias de John Demos, «Rotações-memória de uma Grécia em extinção».

ESCADA-Centro de Arte (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): pintura e escultura «Jovens Artistas II»: pintura de Caseirão, César Veloso, Heitor Pais, Ilídia Soares Lopes, Luís Moita, São Trindade e Vera Pyrrait; escultura de Caseirão. Até 26 de Setembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.
ERICEIRA (Galeria de Arte da Junta de Turismo): até 4 de Setembro, pintura a óleo de Joaquim Pato.
VILAMOURA (Marinotel): Pintura Cerâmica de Antão.
CENTRO CULTURAL DE BENAVENTE: até 28 de Setembro, uma exposição com 40 fotografias pintadas e duas serigrafias da autoria de João Espírito Santo.
HOTEL MERIDIEN LISBOA: até 13 de Setembro, colagens em espelho e vidro da autoria de Erich Zander.
CASINO DA PÓVOA DE VARZIM: exposição da Fábrica da Vista Alegre, até 13 de Setembro.
CASA DO CAFÉ (R. Cidade de Leiria, 3-Corroios): até 15 de Setembro, no âmbito das Festas Populares de Corroios, uma mostra cultural com trabalhos dos pintores Eduardo Marques, Corceiro, Pais Garcia e Rui Feio e artesanato de António Grelo e Limorino de Freitas. Patente ao público na esplanada, diariamente das 18 às 23.
MUSEU DE SANTA MARIA DA VITÓRIA: exposição «Mosteiro da Batalha» com fotografias de Augusto Cabrita e Vítor Figueiredo.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até final de Setembro, «Estrada Marginal», tecidos de artistas plásticos e designers.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: retrospectiva da tapeçaria de Eduardo Nery, até 30 de Setembro.
ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO ARROIO: colectiva com trabalhos dos alunos de Cerâmica, Metais, Equipamento, Artes Gráficas, Desenho, Têxteis e Imagem e Comunicação realizados no ano lectivo de 1986/87. Até 9 de Outubro.

GALERIA DE ARTE CAPITEL (Leiria): colectiva com trabalhos de Alberto Miguel, Boavida Amaro, Clementina Antunes, FernandoAnçã, Hipólito Andrade e Xé Penicheiro, entre outros. Até 26 de Setembro.
PALÁCIO ANJOS (Algés): até 15 de Setembro, exposição de artistas portugueses contemporâneos.
INSTITUTO JOSÉ DE FIGUEIREDO (R. das Janelas Verdes): até final de Setembro, todos os dias das 14 às 20 a exposição «Conservação e Restauro no Instituto».

POUSADA DE D. DINIS (Castelo de Vila Nova de Cerveira): até 10 de Setembro, uma exposição de azulejos. Tendo por tema o Alto Minho, os paineis artísticos são executados pelos artistas plásticos Ana Paula Marques, Ricardo Roque e Luís Guerreiro.
CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 29 de Outubro, duas exposições - Felícia apresenta «Além Tejo» (pintura e Cuca tem expostos «Os Animais» (Cerâmica). De segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.

GALERIA DE ARTE ARCADA (Arcadas do Parque do Estoril): escultura de Nelson Cardoso, patente ao público de terça a quinta das 11 às 20, sexta a domingo das 1 às 22.

GULBENKIAM (sala de exposicões temporárias): retrospectiva da obra de Amadeo de Souza Cardoso, comemorativa do centenário do nascimento do pintor e do 31º aniversário da Fundação Gulbenkian. Até 25 de Outubro.
GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): exposição evocativa de Stuart Carvalhais com capas de música, revistas e livros, pinturas a óleo e aguarelas. Comemoração do centenário do nascimento de Stuart.
GULBENKIAN (Centro Artístico Infantil): trabalhos de expressão plástica e literária da autoria de criancas dos 5 aos 12 anos, sobre esta Fundação. Até 25 de Setembro.
GULBENKIAN (sala de exposições temporárias): a arte da embalagem tradicional japonesa com cerca de 300 peças.
GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): colectiva com trabalhos de Francisco Feio, João Alfaro, João Ribeiro, Mário Rita, Mimi e Nicolau Tudela.
GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): exposição de Vítor Alves, de terça a domingo das 12 às 20.
GALERIA DO CASINO ESTORIL: Salão de Gravura e Pintura Luso-Brasileira até 13 de setembro, todos os dias das 15 às 24.
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: exposição de homenagem a ernesto de Sousa promovida pela Secretaria de Estado da Cultura, «Um Olhar sobre a Escultura» com fotografias e texto de Ernesto de Sousa.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Outubro, de terca a domingo das 10 às 17, «Desenhos de Galli Bibiena - arquitectura e cenografia».
MUSEU DOS JERÓNIMOS (sala dos reis-antigo refeitório): «Gitelo - um retorno», retrospectiva da obra gráfica de Gil Teixeira Lopes (Gitelo).
MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira - Restelo): até ao final do ano, «Índios da Amazónia - armas, utensílios, adornos e máscaras rituais brasileiras». De terça a domingo das 10 às 12,30 e das 14 às 17.
PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA: «Joias do Quotidiano da Família Real», um conjunto de joias que pertenceram na sua maioria ao rei D. Luís e à rainha D. Maria Pia.
CERCA-MOURA (Largo das Portas do Sol, 4): cerâmica de Romy Castro até final de Setembro, todos os dias das 12 às 2.
MUSEU DO CONVENTO DE JESUS (Setúbal): «Os Rosado da Vida Cultura Setubalense», exposição até 27 de Setembro.
GALERIA MUNICIPAL DE AVEIRO: tapeçaria e

GALERIA CÓMICOS (R. Tenente Raul Cascais, 1): pintura de Julião Sarmento, Cabrita Reis, Ana Isabel, Fernando Calhau, Pedro Proenca; fotografia de Jorge Molder, Mário Cabrita Gil e Pedro Silva Dias; um trabalho inédito de Gerard Hemsworth.

macramé de Duarte Morgado, até 13 de Setembro.
GALERIA DO RESTAURANTE ESORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): pintura de Nuno Henrique de Castro até 14 de Setembro, diariamente das 12 às 24.
VILAMOURA (Marinotel): exposição «Des-Cobrir», de Júlio Quaresma.

CIRCO

FORUM PICOAS: a Grande Festa do Circo prossegue, com filmes e circo ao vivo na sala 14, átrio e auditórios 1 e 2.

TEATRO

NACIONAL D. MARIA II: 1º Festival Internacional do Teatro de Amadores com: às 21 na sala Garrett «O Médico à Força» de Molière pelo Grupo TAP e às 23 na sala Gil Vicente «Kebeng», «Many a Light Foot» e «Sodemieter Op ! Wat ?» pelo grupo holandês Dance Group Somedieter Op !

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo «Marilyn Monror 25 anos depois» com o filme de Henry Hathaway «Niagara», às 18,30. Às 21,30, em «Cinema Angolano», o filme «Levanta, Voa e Vamos» de Asdrúbal Rebelo, os II Jogos da África Central de Beto Moura Pires e «Kimbanda» de Rui Duarte de Carvalho.

MÚSICA

SHOPPING CENTER AMOREIRAS: às 18 horas, no pátio central, mais um concerto de verão, com Rui Veloso.
CLAUSTROS DO JERÓNIMOS: às 21,30, o Coro de Câmara de Lisboa realiza o «concerto de despedida», antes da digressão que vai efectuar pelos Estados Unidos da América.
GULBENKIAN: iniciam-se hoje os «Encontros ACARTE 87» com uma conferência no auditório 3, ás 18,30, por Bernard Faivre D´Arcier; «Il Landro Di Anime» no Grande Auditório às 21,30 e, às 23 no Bar Museu, «Mini-Concertos» com Vitorino e Janita Salomé.
VIANA DO CASTELO (Teatro Municipal Sá de Miranda): em «V Semana de Música», teatro ao ar livre com a companhia «Pé de Vento».

Farmácias

Lisboa PERMANENTE — **AREEIRO APEADEIRO: Nova Lisboa,** Rua Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **BAIRRO MONTE PEDRAL: Zema,** Rua General Justiniano Padrel, [illegible] 832580); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel,** Rua Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA: Mundial,** Largo D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onilda,** Av. João XXI, 13-A, (T. 886848); **LUMIAR: Patuleia,** Alameda Linhas Torres, 262-B (T. 790332); **MARTIM MONIZ: Ferrão,** Rua da Mouraria, [illegible] 860464); **[illegible] CHILE: Alcalis,** Rua Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **OLIVAIS NORTE: Central Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar,** Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes,** Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **SANTO AMARO: Correia Azevedo,** Rua Luís Camões, 42-B (T. 638625); **CARNAXIDE: H. Amaral,** Praceta António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Gonçalves,** Rua Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Pontinha,** Estrada Santo Elói, 4 Lote SE (T. 990220).

AMANHÃ-REFORÇO — AJUDA: Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo,** Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle,** Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); BENFICA - IGREJA: Marques, Estrada de Benfica, 648 (700096); **CAMÕES: Andrade, Rua do Alecrim, 125-127 (T. 322328); CAMPO SANTANA: Peninsular,** Campo Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308); **CAMPOLIDE: Pátria,** Calçada dos Mestres, 30-A (T. 680627); **LAPA: Rodrigues & Aires,** Rua da Lapa, 52-54 (T. 662246); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha,** Rua da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **PICHELEIRA: Marluz,** Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO - POÇO BISPO: Barros Gouveia,** Rua Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins,** Rua António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis,** Urb. Alfornel - Célula G - Lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Travessa das Prioras (T. 2519939).

OUTRA BANDA

ALMADA: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A (T. 2766498) Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues,** L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121) Permanente; **MONTE CAPARICA: Nova,** R. Trab. Rurais, 82 (T. 2954436) Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai,** Av. General Humberto Delgado (T. 2403218) Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna,** R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305) Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão,** Av. Liberdade, 13 (T. 2233471) Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado,** Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (T. 2043126) Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio,** P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862) Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima,** Est. Nacional, 244-A (T. 2040141) Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino,** Alfarim-Sesimbra (T. 2232841) Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro,** R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923) Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho,** P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560) Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene,** R. José Joaq. Marques, 142 (T. 2310370) Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha,** P. República, 16 (T. 2390029) Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão,** R. Cândido Reis, 30 (T. 2040020) Até às 19 horas; **ALCHOCHETE: Gameiro,** L. Ant.º Santos Jorge, 15 (T. 2340100) Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene,** R. Frei Agostinho Cruz, 51 (T. 22408) Permanente; **Bonfim,** Av. Rodrigues Manito, 12 (T ,24558) Permanente; **Bairros,** R. Rodrigues F. Costa, 27(T.23330) Até às 22 horas.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487) Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna,** Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235) Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães,** L. duartes, lote A-r/c (T. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho,** B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363) Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos,** R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central,** R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037) Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho Silveira,** R. A. Albuquerque, lote B-lj./2 (T. 2470361) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz,** Estrada Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana,** Av. Eng.º Bonneville Franco (T. 2435147) Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras,** L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485) Permanente; **PAREDE: Aisir,** Av. Gago Coutinho — B.º Caixas Previdência (T. 2472948) Permanente; **SASSOEIROS: Amaral,** Quinta das Encostas (T. 2461312) Até às 22 horas; **BIRRE: Imani,** Lote 7-B — Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira:** Rua A (T. 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes,** Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque,** Arcadas do Parque, 3 (T. 260191) Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia,** R. Regimento 19, 41 (T. 280141) Permanente.

LINHA DE SINTRA

AMADORA: Central, Av. Car[illegible] (T. 4932756) Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia,** P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523) Permanente; **QUELUZ: Serra & Pinto,** Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619) Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca,** R. Cid. Lisboa, 9-A (T. 2571626) Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá,** Est. Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781) Permanente; **MEM MARTINS: Química,** Est. Mem Martins, 285 (T. 9210012) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo,** R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço,** Calç. Rinchoa, 38 (T. 9262006) Até às 22 horas; **COLARES: Abreja,** (T. 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA: Valentim,** (T. 9230456) Permanente.

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE: Banha, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518518) Permanente; **SACAVÉM: Lourenço,** Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151) Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia,** Av. República, 29 (T. 9831240) Até às 22 horas; **AVEIRO: Avenida,** Av. Dr. Lourenço Peixinho, 296 (T. 23865) Permanente.

DL TEATROS

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a 6.ª-feira, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, às 16.00, 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de **César de Oliveira.**

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos às 16.00

«AQUI HÁ FANTASMAS», Original português de Henrique Santana. Interp. Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Maria Helena, Luís Alberto e António Feio.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes P

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sábado às 21.30 h
Domingos às 16.00 h

«As Senhoras das Quintas-feiras»
de Loleh Bellon pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Ruther. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigaro, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 1

De quarta a sábado ás 21.30; domingos, às 17.30

«O URSO NA CAMA», de Zé Gouveia/Geraldo Tuche. Interp. Geraldo Tuche e Octávio Rocha.

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Teatro dos Modestos

R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 2 04 12

Sala de Teatro da Casa da Cultura

De 3.ª a domingo, às 21.45

«OS RÚSTICOS», de Carlo Goldni, pelo Teatro da Rainha. Enc. de José Peixoto.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

(Por detrás do Pão de Açúcar de Cascais). De 3.ª a domingo, às 21.45; sábados e domingos, às 17

«APARECEU A MARGARIDA!», de Roberto Athayde, pela Companhia de Teatro de Lisboa. Enc. de Roberto Athayde e Graça Lobo. Int. de Graça Lobo e João Soromenho.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paula Borba — Tel. 2 91 30

A partir do dia 5

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30.

«BOAVIDA E O DIPLOMA», de Luigi Pirandelo, pelo Teatro de Animação de Setúbal. Enc. de Carlos César. Int. de Rui Paulo, Nuno Mello, Maria Simões, Gil António, Pompeu José, João Vítor, entre outros.

Porto — Tearto

Teatro Experimental do Porto

R. do Pinheiro, 4 — Tel. 315954; 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16

«UM HOMEM PARA QUALQUER PÁTRIA», de Miguel Rovisco, pelo TEP. Enc. de Mário Viegas.

Porto — Sala do Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31

«O TIO VÂNIA», de Anton Tchekov, pela Seiva-Trupe. Enc. de Fernando Uma na.

Inst. Franco Portugues

Av. Luís Bivar, 91 (Telef 544574/544389.

De 2ª a sáb. às 21.30. Domig. às 16.00

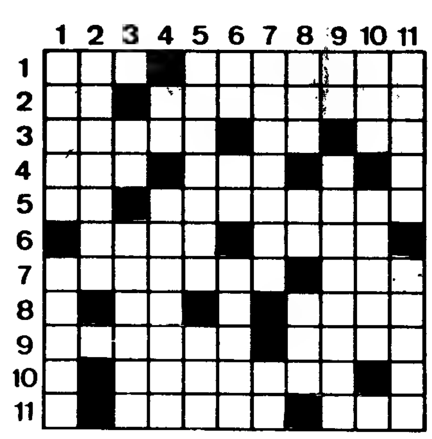
«SOCORRO SOU UMA MULHER DE SUCESSO», de Allosio Colli Gaber. Cen. João Rocha. Enc. lo Apolloni. Canções de Nno Gomes Santos. Interp. lo Apolloni.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17131

HORIZONTAIS:

1 Progenitor. Cortesã grega, esposa de Péricles.
2 Preposição. Sonítico.
3 Dormi (falando-se de crianças). Sufixo que designa estado. Letra grega (inv.).
4 Árvore indiana de fibras têxteis. Cousa nenhuma (acrescentando uma vogal).
5 Prefixo de privação. Perfurmada.
6 Rei de Judá. Ronda.
7 Freguesia do concelho de Barcelos. Sinal ortográfico.
8 Batráquio. Remédio.
9 Ligaras. Rates.
10 Preparos.
11 Cidade da Suíça. Bosque.



VERTICAIS:

1 Pov. da freguesia da Costa, concelho de Guimarães, distrito de Braga. Descendente.
2 Serenar. (fig).
3 Laço. Apelido.
4 Autores. Mulher cantadeira.
5 Sede do dep. de Vaucluse. Prefixo que designa ar.
6 Apelido. Duas vogais desiguais. Pessoa muito parecida com outra.
7 Gastador. Despido.
8 Prefixo que designa ar. Zomba. Nome de jogo.
9 Serviço Nacional. Sinuoso.
10 Sufixo que designa pequenez. Fora para fora.
11 Artéria que leva o sangue arterial a todas as partes do corpo. Frouxo.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **17130**

HOIZONTAIS:

1 BOA. MESA. Ta!
2 Escoaras. Te.
3 Ulo. Ganso.
4 Maré. Vareta.
5 Dominaram.
6 Dias. Omo.
7 Arrostam. És.
8 Sias. Odeon.
9 Ás. Asi. Ito.
10 Ms. Catetos.
11 Aba. Aço.

VERTICAIS:

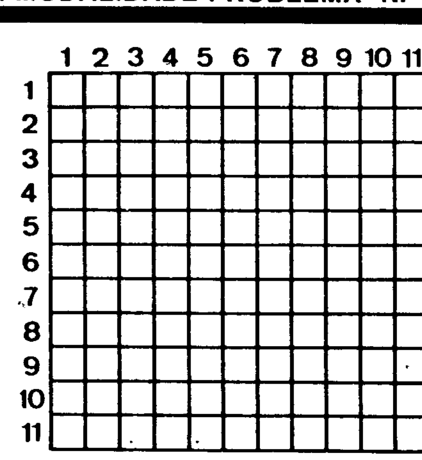
1 Bermuda. Mu.
2 Os. Irias.
3 Acordaras.
4 Oleosos.
5 MAU. Aca.
6 Ar. Vistosa.
7 Sagan. Adita.
8 Asara. Me. EC.
9 Nero. Oito.
10 TESTAMENTO.
11 Atoamos. Oso.

PROVÉRBIO: Boa mesa, mau testamento.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15956

HORIZONTAIS:

1 O mesmo que autópsia.
2 Romancista português autor de «A Ilustre Casa de Ramirez». Acerta.
3 Uma das Espórades. Concede. Preposição.
4 Reis. Procura. (fig). Centiare.
5 Estreitos. Reis.
6 Marcara (o gado) com ferro em brasa. Boro (s.q.).
7 Preparados com ópio. Azáfama.
8 Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Sela pequena e rasa.
9 Concedes. Mete em mala.
10 Antepassados. Centímetro. Quinhentos e dois em romano.
11 Ósmio (s.q.). Nome de Buda, na China. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso.



VERTICAIS:

1 Horror à morte.
2 Boatos. Nome de letra (inv). Verso.
3 Cabelos brancos. Servos.
4 Estacionavas.
5 Salários.
6 Planta vivaz e medicinal. Cobalto (s.q.).
7 Apelido. Remassem para trás.
8 Item. Carta de jogar. Preposição.
9 Suspiros. Canção antiga acompanhada de música sentimental.
10 Atracção sexual mórbida pelos cadáveres.
11 Leitos. Estimais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15955**

HORIZONTAIS:

1 Polichinelo.
2 Oba. Aa. Arar.
3 Tisnara.
4 Cão. Aleitar.
5 Nua. Iço.
6 Unta. Pó.
7 Sua. Nua. Co.
8 Aas. Há. Ba.
9 Cântaros.
10 Cá. Curado.
11 Arrotai. Sés.

VERTICAIS:

1 Polonesa. Ba.
2 Ob. Au. Uaí!
3 Lascaras. Cr.
4 Cão.
5 Catalunha.
6 Hail. Nuança.
7 Seita. Tui.
8 Nanica. Bar.
9 Erato. Caras.
10 Lara. Pó. Ode.
11 Orários. Usos.

Rádio

ANTENA UM
16.00: Pequeno jornal — «Rocklândia»; **18.00:** Regressos — Carlos Dias da Silva; **19.00:** Informação e música; **20.00:** No estúdio e no estádio — (Informação desportiva — 2.ª edição); **20.15:** Música portuguesa; **20.30:** A viver também se aprende; **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Títulos do jornal da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2
Rede Nacional (FM 2 Estéreo)
16.05: Efeméride musical — Estreia da ópera «Benvenuto Cellini» de Berlioz — Benvenuto Cellini — Carnaval Romano; **16.30:** Álbum musical — Obras de Vivaldi, Franz Lehar, Debussy e Tchaikowski; **17.00:** Sinfonia n.º 2, de Michael Tippett; **17.40:** Trechos de ópera; **18.40:** Duas suítes portuguesas de Rui Coelho; **19.00:** Integrais — Obras de Ravel, para piano, por Robert Casadesus — Le Tombeau de Couperin; **19.25:** Missa em si bemol maior «A Teresa» de Haydn; **20.10:** Suíte lírica, de Alban Berg; **20.40:** Música para violino — Sonata n.º 3 para violino e piano, de Beethoven; **21.00:** Histórias de música e outras; **21.30:** Orquestras de câmara; **22.00:** Música vocal comentada — 1.º acto da ópera «Um Giorno di Regno», de Verdi; **23.30:** Música sinfónica: Obras de Dvorak; **00.50:** Último andamento; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)
14.00: Programa da tarde; **17.00:** Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15;** Religiosos; **22.30:** Tempo e resultados; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** É de noite... já se vê; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.
RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)
15.00: Casa da música; **16.00:** Som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao fim e ao cabo; **20.00:** Nova geração; **21.00:** O sabor da música; **22.00:** As mil e uma noites; **23.00:** Em Órbitra; **00.00:** Morrison hotel; **02.00:** O rock pode esperar; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.
RÁDIO RENASCENÇA
(Canal 1)
Rede Nacional de OM-FM
15.00: Terceira vaga; **18.00:** Bola branca (3.ª ed.); **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Fim de tarde; **20.00:** Programa da LAR; **20.30:** Cidade nova; **21.00:** Luzes da ribalta; **23.00:** Bola branca (4.ª ed.); **23.30:** Suplemento (4.ª ed.); **23.30:** Meditando.
(Canal 2)
Rede Nacional de FM-Estéreo
20.00: Serra de estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico
Voz de Lisboa
15.00: Rádio da cidade; **18.00:** Bola branca; **18.30:** Sete colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Música no espaço; **22.00:** Cantar português; **23.00:** Bola Branca; **23.30:** As canções da meia-noite; **23.55:** Meditando.

TELEVISÃO

RTP 1

14.45 - Marmaduke
15.15 - Matinée
«Os Três Mosquiteiros»: O cavaleiro de Artagnan dirige-se a Paris para se alistar nos Mosqueteiros do Rei, e, durante a viagem, ajuda viajantes em apuros e é objecto de troça de Monsieur de Rochefort, capitão dos guardas de Pichelieu.
Realização: André Hunebelle

17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
«O Vento nos Salgueiros»

18.30 - Paris St. Lazare
5º Episódio

19.25 - Missões de Paz
«Formação Profissional na Armada»: Em dois grandes grupos de Escolas (Vila Franca de Xira e Alfeite), a formação profissional na Armada abarca os principais sectores das actividades técnicas e dos serviços, apresentando-se organizados segundo as metodologias mais modernas. A população anual daquelas escolas é de cerca de 4 mil alunos, incluindo 1.200 civis da Marinha Mercante, da Corporação de Bombeiros e de Empresas Estatais.

20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorologico

20.50 - Reviver o Passado em Brideshead
4º Episódio: Charles receia pelo futuro de Sebastian pois este tende a refugiar-se na bebida e quando Charles o tenta ajudar, é repudiado. Receando que tudo isto possa afectar a sua amizade com os Marchmain, Charles começa a sentir-se o homem mais só de Oxford.
Realização: Charles Sturridge

21.45 - Face a Face
Com Adriano Pinto da A. F. Porto

22.20 - Pecados
3º Episódio: Depois de se tornar modelo famoso Heléne vai dedicar-se inteiramente à moda, como estilista e como proprietária de uma das mais importantes casas de moda de Paris. Editar uma revista será o passo seguinte. Tudo isso graças à sua persistência e à sua capacidade de luta e de entrega ao trabalho. Ser uma mulher poderosa, rica e bonita traz-lhe, contudo, inconvenientes, o maior dos quais será a existência de falsos amigos que pretendem destruí-la, alguns pertencentes a um passado que Heléne não esqueceu e que a perseguem, ensombrando a sua vida.

23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate

Às 21.35 no 2º canal, mais um episódio da telenovela brasileira «O Tempo e o Vento»

No 1º canal às 21.45, Face a Face com Adriano Pinto

RTP 2

17.15 - Os Imigrantes
82º Episodio

18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Hitchcock Apresenta
73º Episódio

20.30 - Uma Família às Direitas
184ºEpisódio: Archie fica sem saber o que fazer quando a «outra mulher» que existiu na sua vida precisa realmente de ajuda

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - O Tempo e o Vento
23º Episódio

22.15 - A Conquista do Espaço
2º Episódio : As Missões Pioneer e Voyager. A chegada do Homem à Lua. A reportagem da expedição Apolo na Lua. A Nasa e as pesquisas científicas efectuadas em países como a URSS, a França e o Japão, constituem o tema essencial deste episódio.
No entanto, é também focada a destruição do meio ambiente, o crescimento imparável deste mundo novo onde não há lugar para os pobres e o progresso dos estudos meteorológicos.
Realizador: Benjamin Nicholas

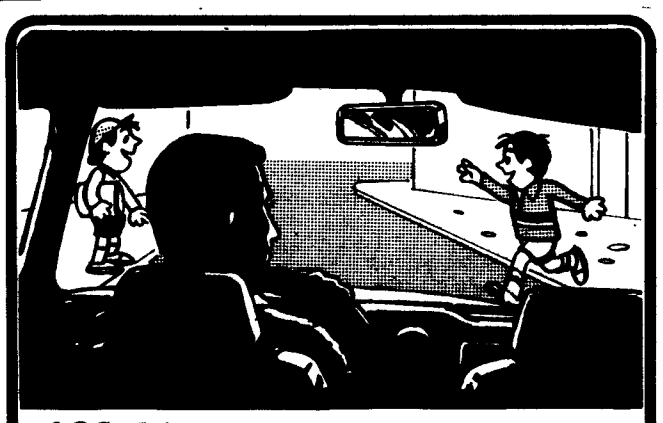
AMANHÃ

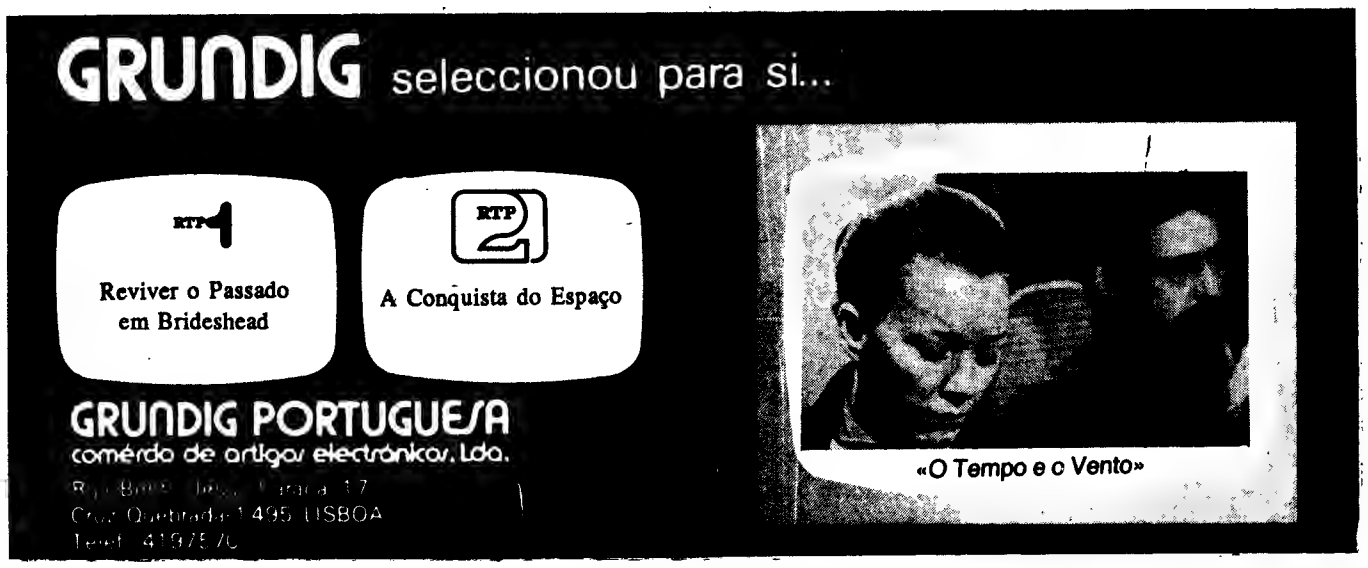
RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
14.10 - Foi Êxito na TV
15.00 - Seja Bem Vindo
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.30 - Paris St. Lazare
19.25 - Memoria Audio–Visual
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.40 - Mobil nos Caminhos de Portugal
20.55 - Reviver o Passado em Brideshead
21.50 - Tina Turner
22.50 - 24 Horas
23.20 - Remate
23.30 - Pela Noite Dentro

RTP-2

17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Estádio
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.05 - Os Desastres da Guerra
23.00 - Os Fazedores de Dinheiro
23.30 - Troféu





PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00 DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

A 49ª Volta a Portugal em Bicicleta que terminou em Matosinhos com a vitória de Manuel Cunha teve este ano quatro ciclistas com análises anti-doping positivas, segundo a Federação. Já eram conhecidos os nomes de Marco Chagas (Sporting) e Manuel Grilo (Feirense), a que vieram agora juntar-se os de António Alves (Boavista) e Marino Fonseca (Salgueiros). Cada um destes dois ciclistas foi multado em 1215 francos suiços e penalisado com um mês de suspensão, além de outras penalizações.

Sindicato do pessoal de voo acusa:

TAP deturpa acordo

O Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil (SNPVAC) acusa a TAP de «procurar um conflito gratuito» e de «violar a boa fé sindical», ao deturpar o conteúdo do acordo firmado entre a empresa e o sindicato.

Segundo afirmou João Tamagnini, presidente do SNPVAC, em conferência de imprensa realizada hoje de manhã, «está em causa o direito à livre contratação colectiva, consagrado na constituição». O conflito entre a TAP e aquele sindicato surgiu quando, no dia 29 de Julho, parte da tripulação de um voo destinado a Toronto se recusou a permanecer em serviço para além do tempo máximo previsto no acordo de empresa para situacões excepcionais.

Os dez elementos que constituíam a totalidade da tripulação foram então alvo de processos disciplinares e «suspensão preventiva» da prestação de trabalho sem perda de remuneração, ao mesmo tempo que a empresa iniciava um inquérito a todos os acontecimentos. Na nota de culpa enviada a estes trabalhadores, no dia 12 de Agosto, a TAP informava-os ainda que pretendia proceder ao seu despedimento, «com invocação de justa causa». A posição da empresa baseava-se numa portaria que prevê o prolongamento do serviço até às 18 horas, em situações excepcionais. Em reacção, o sindicato entregou um pré-aviso de greve de 10 horas para o dia 30 de Agosto.

Após o Conselho de Gerência ter afirmado que estava em condições de assegurar a realização dos voos programados para o dia da greve, recorrendo, segundo o SNPVAC, a trabalhadores «eventuais» que não estariam em condições de manter os padrões de segurança em situações de emergência, a TAP e aquele sindicato acordaram que, enquanto o SNPVAC anulava o pré-aviso de greve, a empresa levantava as suspensões preventivas a todos os trabalhadores. Chegou-se também ao seguinte consenso sobre os limites máximos de serviço de voo: o SNPVAC compromete-se a incentivar os seus filiados a exceder as 15 horas de voo «em situações excepcionais», de modo a garantir os direitos dos passageiros. É esta posição de cooperação do SNPVAC que o conselho de gerência parece agora deturpar, ao afirmar, sem mais, que o sindicato aceitou prolongar o tempo máximo até 18 horas. «Se a gerência da TAP não se retratar», poderão ser adoptadas «formas de luta», afirmou João Tamgnini.

Até ser dominada cerca das 23 e 30

Fuga de gás em Moscavide afectou circulação ferroviária

A rotura na conduta de gás butano da BP, ocorrida, tal como noticiámos, na manhã de ontem, em Moscavide, no perímetro de Beirolas, levou à interrupção do trafego automóvel na zona e à paralisação de comboios entre a estação de Santa Apolónia e a de Póvoa de Santa Iria, até cerca das 23.45 h.

Provocada por uma escavadora de trabalhos de desaterro, a rotura, seguida de inflamação, provocou um eventual risco de explosão noutros pontos locais da conduta danificada, nomeadamente junto ao apeadeiro ferroviário de Sacavém.

Pertencente à BP a conduta encaminha gás das instalações daquela empresa em Cabo Ruivo para Santa iria da Azoia.

O incêndio foi combatido por 150 homens dos Bombeiros Voluntários de Moscavide, Loures, Sacavém, Camarate e Odivelas, com a colaboração de elementos da Protecção Civil, da Polícia Municipal e da Administração do Porto de Lisboa.

DECLARAS

PEDRO PIRES regressa hoje a Cabo Verde, depois de uma visita de menos de 24 horas ao nosso país. O primeiro-ministro de Cabo Verde, que foi ontem recebido no aeroporto pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, não tem previstos quaisquer encontros com membros do Governo português ou da presidência da República. Pedro Pires chegou a Lisboa vindo da Suiça, onde se deslocou em visita oficial. Antes esteve duas semanas de férias na União Soviética e visitou oficialmente a Coreia do Norte.

PAULO DE CARVALHO tem novo álbum. Com o título «Terras da Lua Cheia», o disco, composto por 10 temas, tem produção do próprio artista. «Terras da Lua Cheia» inclui «Mãe Negra», canção angolana da autoria de Alda Lara, e «Coração Vagabundo», um dueto com Carlos do Carmo. Além de Paulo de Carvalho, nas teclas, participam também como músicos Luís Oliveira, (violas acústica e eléctrica), Alcino Frazão (guitarra portuguesa), Carlos Araújo (baixo), Francisco Perez (viola) e Guilherme Inês e Zé da Ponte (teclas e percussão).

NEY MATOGROSSO dará seis concertos em Portugal, no início do mês de Outubro, anunciou a gravadora do artista brasileiro. Assim, os espectáculos de Ney Matogrosso estão agendados para o Coliseu dos Recreios em Lisboa nos quatro primeiros dias de Outubro e nos dias 7 e 8 no Porto. O cantor desloca-se a Portugal para promover o seu último álbum, «Pescador de Pérolas», editado há cerca de três meses.

JOSÉ SARAMAGO tem o seu livro «Memorial do Convento» esta semana em sétimo lugar na lista dos livros de ficção mais vendidos no Brasil. Há 11 semanas consecutivas que o romance de Saramago faz parte da lista. Na semana passada encontrava-se em nono lugar. Gabriel Garcia Marquez com «Amor nos Tempos de Cólera», Patrick Suskind com «O Perfume» e Milan Kundera com «O Livro do Riso e do Esquecimento» são outros autores no top livreiro do Brasil.

CAVACO SILVA, Eurico de Melo e Freitas do Amaral não cumpriram o acordo pessoal celebrado em 1981 com Helena Roseta, no sentido de assumirem o poder após a demissão de Pinto Balsemão como primeiro-ministro, afirmou ontem perante as câmaras de televisão aquela arquitecta e actual deputada pelas listas do PS. Tal facto, que Helena Roseta só agora anunciou, terá justificado o seu afastamento de Cavaco Silva, que na ocasião apoiou. Da mesma situação decorreu também, segundo disse, a decisão de deixar a distrital de Lisboa do PSD.

TENESSEE WILLIAMS volta a estar em cena em Portugal, com a estreia do seu texto «Peça para Dois Actores» no dia 18 no Teatro da Trindade. Com encenação de Osório Mateus, a peça, considerada um dos mais importantes textos da dramaturgia norte-americana, e interpretada por Ana Jotta e António Pires, surge 11 anos depois da sua primeira versão ter sido encenada em Londres. O espectáculo é subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura.

Embaixadas não confirmam entrada de "clandestinos" de Leste

O Serviço de Estrangeiros, diz ser «segredo de justiça» o caso, ontem noticiado «em primeira mão» pela Rádio Renascença de três cidadãos estrangeiros, alegadamente naturais da Roménia, Hungria e Alemanha Democrática, que viajando num contentor de um camião TIR entraram em Portugal pela fronteira do Caia (Alentejo), tendo requerido asilo político.

Esta manhã, as embaixadas daqueles três países, contactadas pelo «DL», afirmaram «nada conhecer sobre o assunto». Menos lacónico, o porta-voz da Embaixada da Roménia referiu «parecer impossível, e até muito estranho, que três pessoas de países diferentes se tenham encontrado algures para seguirem num contentor rumo a Portugal».

Na versão da Rádio Renascença, os três homens abandonaram sábado passado o camião TIR de matrícula estrangeira no Vimeiro, onde o pároco da freguesia do Cano, no concelho de Sousel, Alberto Videira, os conduziu até à PSP de Évora, onde foram aconselhados a apresentar-se no Serviço de Estrangeiros, em Lisboa, o que fizeram.

Quanto às suas presumíveis nacionalidades, e, ainda de acordo com a RR, seriam a romena, a húngara, e a democrática alemã, tendo idades à volta dos 30 anos, e com as profissões de carpinteiro, electricista e empregado de restaurante.

Embora, mantendo sigilo sobre este caso em concreto, uma fonte próxima do Serviço de Estrangeiros revelou-nos esta manhã que o processo de pedido de asilo político dos três citados indivíduos já está «em marcha», devendo a decisão ser conhecida no prazo máximo de cinco meses. De referir que, embora não tenham sido divulgadas as razões invocadas pelos três «clandestinos» para o pedido de asilo político, estas terão de ser sempre de ordem religiosa, política ou racial.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 319

Torga novamente editado em Espanha

Eloísa Álvarez nasceu em Salamanca e é presentemente leitora de Espanhol na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem publicado diversos artigos sobre a obra de Miguel Torga, autor a que consagrará a tese de doutoramento em preparação. É autora (para já) das traduções das seguintes obras de Miguel Torga: *La Creación del Mundo,* 1986; *Cuentos de la Montaña,* Setembro de 1987; *Piedras Labradas,* a aparecer em Fevereiro de 88; e *Diário* (selecção de prosa e verso dos XIV volumes), a editar em Setembro do próximo ano. Segue-se uma breve entrevista com Eloísa Álvarez, conduzida, em Salamanca, por António Apolinário Lourenço.

A melhor homenagem que se pode fazer a um escritor é lê-lo. As suas traduções de Miguel Torga permitem ao leitor espanhol o contacto com um dos vultos dominantes da cultura portuguesa contemporânea, o qual não era contudo muito conhecido em Espanha. Porquê Miguel Torga?

O meu deslumbramento data de 1977, como consequência de um trabalho com Pilar Vázquez Cuesta sobre os *Contos da Montanha,* e foi intensificado pela leitura da sua obra, não apenas pelas evidentes qualidades literárias, mas também pelo que o homem-Torga representa — resistência decidida a qualquer tipo de opressão (pessoal, profissional, política) e que se encontra resumida num poema, *Depoimento:*

De seguro
Posso apenas dizer que havia um muro
E que foi contra ele que arremeti
A vida inteira

Posteriormente, o conhecimento pessoal foi decisivo para mim. Vejo-o frequentemente e trabalho em estreita colaboração com ele. Os seus comentários às minhas interpretações são sempre acertadas. E no caso concreto da poesia — devido à sua grande intuição poética — contribui decididamente para dar à minha palavra outra dimensão, outra transcendência.

A sua poética, partindo de um pós-romantismo presente na sua primeira obra (palavra desgarrada, vertida em tom de grito, queixume e revolta — expressão contudo dos problemas esseciais da condição humana), culmina num lirismo de desencanto, ténue, absolutamente depurado de qualquer pendor declamatório, em que a vivência interior da natureza e a busca da poesia total, pura, conjugando-se com a relação tempo (destrutor de vida e, portanto, da capacidade de criação poética)/homem, actuam frequentemente como um catalisador de emoções, o que podemos constatar nos poemas dos três últimos volumes do seu *Diário*.

■ Qual foi a receptividade da tradução espanhola de *A Criação do Mundo?*

Só posso avaliar pelas informações da editora, segundo a qual as vendas foram apreciáveis. Tendo em conta o volume do livro (580 páginas) e o preço (mais de três mil pesetas), penso que foi positivo. Estou segura que *Cuentos de la Montaña* e, sobretudo, o *Diário* terão ainda mais êxito.

■ Que pode dizer-nos sobre a aceitação da literatura portuguesa e da cultura portuguesa, em Espanha, no momento presente?

Em Espanha «lo portugués está de moda». Há traduções recentes de autores como Fernando Namora (este já anteriormente conhecido), Agustina, Cardoso Pires, Vergílio Ferreira ou Almeida Faria, entre outros, que demonstram a presença efectiva da nova narrativa portuguesa no meu país. José António Llardent conquistou o Prémio Nacional de Tradução do corrente ano com a sua versão dos *Sonetos* de Antero de Quental, o que me parece significativo. O jornal «El Pais» cobriu as últimas eleições portuguesas com informação muito ampla. A TVE emitiu recentemente programas sobre as cidades portuguesas. Há inclusivamente um público interessado no novo cinema português.

Em resumo: o «españolito» começa a ver que Portugal é algo mais que um «mercadillo» onde se compra mais barato e se come bem. O fenómeno Pessoa chegou a Espanha. Fernando Pessoa e José Saramago (pão não falar nos clássicos) são muito conhecidos e os seus livros alcançam altos níveis de venda.

Creio que o velho «fantasma» do expansionismo espanhol, a que em determinados momentos de crise se deita mão para ocultar problemas de fundo, só pode prejudicar o entendimento entre os dois povos.

António Apolinário Lourenço

■Os livros

Vem aí Outubro, o mês das coisas novas, a «saison»: galerias de arte, concertos, dança, discos, vídeo... e também os livros. Mas será que os livros não estarão a ser vencidos pelas manifestações audiovisuais...? Sobre o assunto, as considerações de Italo Calvino.

Págs. 4 e 5

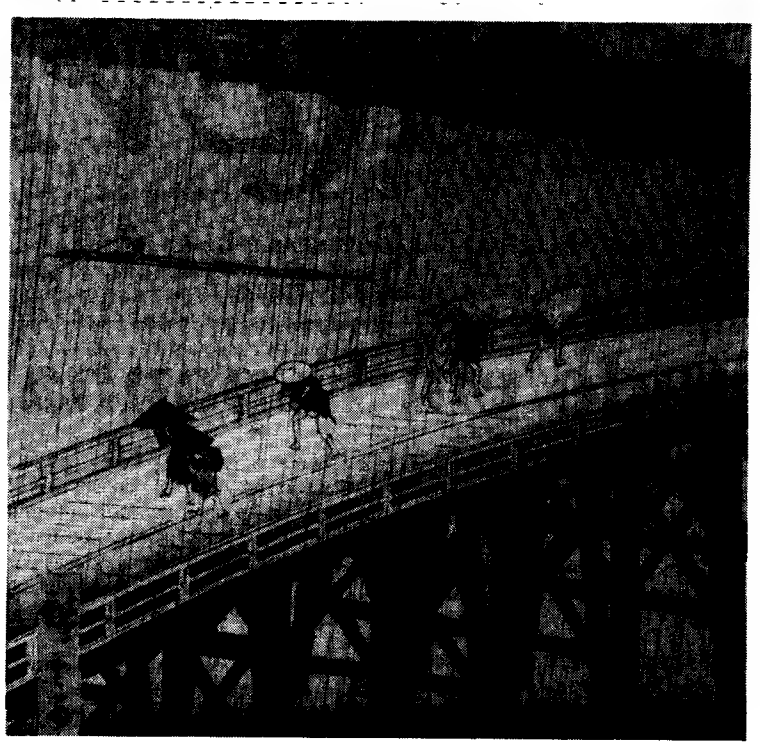
■ A tentação do silêncio

Os caminhos da poesia são invioláveis. Não é que não possa alterar um verso ou proceder a constantes e consecutivas emendas sobre eles. É que o interesse de um tal labor, quando comparado com o interesse de certas outras experiências me parece ínfimo e até irrisório — este um testemunho pertinente que inserimos na página 6, o qual (certamente) levantará uma certa polémica. Interessa, para já, acentuar o tom límpido deste escrito.

página 6

O Samurai
Shusaco Endo
Dom Quixote

Já ninguém duvida da excelência dos motores Honda, das máquinas Nikon ou do equipamento militar Toshiba. Mas com excepção dos nomes já consagrados de Mishima ou Kawabata, o vigor da actual literatura japonesa permanece largamente ignorado entre nós. A Dom Quixote acaba de dar mais um passo para colmatar essa lacuna com a publicação de *O Samurai* de Shusako Endo.



A acção de *O Samurai* decorre no início do século XVII, quando se prepara a definitiva unificação do Japão num reino monolítico, fechado a influências exteriores. Já se passaram várias décadas desde que Francisco de Xavier, cuja evangelização pioneira conseguira entusiásticas conversões, escrevia optimisticamente que dificilmente voltariam a encontrar um povo tão acolhedor como o japonês. Agora, os ventos mudaram e a perseguição aos cristãos está em curso. E embora alguns senhores feudais se mostrem ainda condescendentes, essa receptividade, aliás precária não é desinteressada: em troca dela pretendiam-se obter condições privilegiadas de comércio com o ocidente. Para assegurar esse objectivo, quatro modestos samurais, orientados por um missionário espanhol nutrindo a secreta ambição de vir a ser nomeado bispo do Japão, rumam às colónias espanholas da América e, posteriormente, pérante o insucesso dos contactos, para Espanha e Roma. O enredo do romance centra-se na narração dessa aventurosa, pioneira — e historicamente verídica — peregrinação.

Endo é um dos escritores japoneses vivos mais bem conhecidos no ocidente. Incensado por Graham Greene, que não hesitou em classificar *O Silêncio*, obra publicada em 1967, como um dos mais importantes romances contemporâneos, Endo tem as suas principais obras traduzidas em inglês, francês, sueco, russo... e em português, por editoras brasileiras. Isso não significa que se aplique aqui o provérbio segundo o qual ninguém é profeta na sua terra. Endo recebeu o prémio Akutagawa, o mais prestigiado prémio literário japonês, («D'Aprés» Ryunosuke Akutagawa, escritor do princípio do século, fortemente influenciado pela literatura ocidental e que, muito apropriadamente para o homem que escreveu que «toda a vida humana não vale um poema de Baudelaire», se suicidou em 1927), o prémio Tanizaki (Junichiro Tanizaki é outro nome grado da literatura nipónica da primeira metade deste século), o prémio da revista literária «Schincho» («A nova maré»), o prémio cultural do jornal «Mainichi» (que, segundo uma prática corrente nos quotidianos nipónicos, publica regularmente romances em folhetim), «et j'en passe»...; não sem referir que *O Samurai*, que venceu o prémio Noma, disputa com *O Silêncio* a primazia de ser considerado o seu melhor romance. Embora considere pessoalmente que este último, cuja acção decorre nos anos seguintes aos de *O Samurai* e narra a resistência de um missionário para manter a sua fé perante todo o tipo de coacções físicas e psicológicas, nos oferece um debate filosófico mais rico e que o retrato da personagem principal — Sebastião Rodrigues, um jesuíta português educado no seminário de Campolide — é mais profundo e cativante que o de qualquer das personagens de *O Samurai*.

Não se leia a obra de Endo à procura de um exotismo turístico de «gueishas» e «kamikases», nem sequer à espera de encontrar aquelas idiossincráticas — e frequentemente enigmáticas — representações da sensibilidade japonesa que abundam nos romances de um Kawabata ou nos filmes de um Mizogushi. Endo nasceu em Tóquio, em 1923, cidade onde ainda reside. Mas licenciou-se em Literatura Francesa, estudou posteriormente durante vários anos em Lyon, e desloca-se com frequência ao estrangeiro. Além disso, é lícito pensar que o principal factor que tornou este autor de escrita escorreita e objectiva no mais ocidental dos romancistas nipónicos foi a sua profissão de fé católica — e talvez precisamente porque foi uma conversão não isenta de dúvidas e conflitos. «Fui baptizado ainda em criança», esclareceu Endo numa entrevista «Por outras palavras, o meu catolicismo era uma espécie de fato pronto-a-vestir... Tive que optar entre fazer com que o fato me servisse ou livrar-me dele e encontrar outro. (...) Senti frequentemente vontade de me libertar do meu catolicismo, mas acabei por ser incapaz de o fazer (...) Desde que comecei a escrever até hoje, esta confrontação entre o meu 'eu' católico e o 'eu' subjacente tem, como a constante repetição de uma frase por um idiota, ecoado e voltado a ecoar na minha obra. Sentia que tinha que encontrar uma forma de reconciliar ambos.» Também em *O Samurai* o cristianismo aparece como paradigma da cultura ocidental e principal factor de choque com a tradição japonesa. Alternando narrações na primeira e na terceira pessoa, umas vezes sob o ponto de vista do samurai outras o do missionário — e convém salientar como a eficácia dessas variações demonstra um perfeito domínio das técnicas narrativas — o romance espelha esse confronto entre duas culturas milenárias e vigorosas, com visões do mundo contraditórias e frequentemente antagónicas.

O Samurai considerava estranha a vida de Jesus. Sem nunca ter conhecido homem, a sua mãe pariu-o num estábulo, e após isso tornou-se com naturalidade a mulher de um carpinteiro. No entanto, logo apos o seu nascimento, Jesus foi nomeado o Rei que salvaria os homens e as nações e, respondendo à chamada do Céu, abandonou a terra natal e dedicou-se ao ascetismo sob a direcção de um padre chamado João. Finalmente, regressou à sua própria terra, reuniu discípulos, realizou milagres perante multidões e ensinou-as a viver. Por causa dos seus muitos seguidores foi odiado pela Igreja e pelos padres, sofreu perseguições e foi condenado à morte e executado. Jesus considerou ser esse o caminho que conduziria ao Céu, e submeteu-se sem resistência à tortura e à morte. Três dias mais tarde, ressuscitou do túmulo e ascendeu ao Céu.

História fantástica, absurda e inverosímil... mas perante a qual é difícil ficar indiferente. Endo (e, «malgré soi», o samurai protagonista do romance) parecem concordar com Chesterton, escritor humorístico inglês e também ele num convertido ao catolicismo: perante a inverosimilhança de tal história só há duas hipóteses: ou o homem é louco ou fala verdade. Ora nunca ninguém afirmou que Jesus Cristo — esse rei colocado ao nível, e frequentemente abaixo, do comum dos homens — fosse louco...

O catolicismo japonês conseguiu sobreviver na clandestinidade a mais de dois séculos de repressão — e talvez seja essa história recente de condições adversas que permite a Endo capturar muito do que se adivinha ter sido o vigor do cristianismo primitivo — mas nunca se viria a impor. Falhanço devido, na opinião de Endo, à sua incapacidade em operar as modificações radicais necessárias à sua inserção na tradição cultural japonesa. Aliás, e talvez porque no Japão o sangue dos mártires não foi a semente da Igreja, o seu catolicismo é mais o da admiração pela figura de Cristo e a sua mensagem igualitária que o da obediência às estruturas eclesiásticas, com as suas hierarquias, rivalidades e jogos de poder. Talvez não seja abusivo esperar que isso venha a contribuir para a sua popularidade num país como o nosso, tão tradicionalmente católico como tradicionalmente anticlerical.

O catolicismo — não sou o primeiro ateu a afirmá-lo — é a mais completa das religiões: o seu imbricado corpo doutrinário apela à razão, a sua fantástica mitologia ao sentimento. Endo reconcilia com particular felicidade os dois aspectos, como se conseguisse reunir em si as motivações de um jesuíta cerebral e as de uma camponesa visionária. Deixemos a cargo de Loyola e Joana d'Arc decidir se esse esforço é suficiente para lhe reservar um lugar no Paraíso. Mas já que está subjacente ao sucesso de toda a obra artística uma precária unidade de contrários entre autocontrolo e espontaneidade, rigor e imaginação, inteligência e emotividade, constatemos que Endo é um homem de emoções cerebrelizadas e de raciocínios apaixonados e que essa conjugação lhe reservará seguramente um lugar na história da literatura.

Tradução de José-Pedro Gonçalves

José F. Lourido

Notas e Comentários

NO Norte e no Centro do País é cada vez maior o número de galerias de arte (e afins, acrescente-se). Não disponho de números, mas apercebo-me do crescimento disto (esta realidade) quando passo por vilas e cidades aonde não ia há muito: não havia nada, e agora já há. Nem será tanto assim isso a que se possa chamar galerias: mais, por certo, o que, sem especiais exigências, se pode dizer espaços de exposição — abertos e ocupados, quase permanentemente, por trabalhos de artistas que ali se propõem, numa variedade (esses espaços) que chega a abarcar livrarias, papelarias, hotéis, postos de turismo, cafés, bares, casas de mobiliário e decoração, quase qualquer lugar onde haja uma pequena área reservável para esse fim. Por vezes, juntamente com galerias, funciona um comércio de artesanato. Aos mais exigentes isto é capaz de provocar alguma relutância e até apreensão. Mas não se deve ser demasiado exigente, e parece evidente que sempre é melhor haver isso, nessas condições, do que não haver nada, com a justificação de que faltam condições. Depois, é indiscutível que haver isso — galeria ou seja o que for — tem quase sempre fundamento sério e justificação objectiva: há artistas que precisam de mostrar o trabalho que fazem e, naturalmente, precisam também de vender algum desse trabalho. E há público que compra, — e, se compra, nada faz supor que não é também por uma necessidade objectiva. Comprar um quadro dum artista quase sempre pouco conhecido não se pode dizer que seja um grande investimento, — por vezes nem pequeno. Por vezes pode tratar-se de qualquer coisa de que se fale em termos de prazer e desejo, desejo de prazer.

Braga

De passagem por Braga no dia da inauguração, fui ver a exposição «Braga vista pelos seus artistas», na galeria da Universidade (dirigida — e criteriosamente, dizem-me — por Nuno Barreto). A galeria é um espaço para aí de 80 metros quadrados, divisória ao meio, grandes vidros dando para a rua e insinuando aquilo tudo — quadros, esculturas, sob luz indirecta, — à curiosidade dos passantes. Não sei. Por estranho que possa parecer — se parecer —, há sempre passantes que não entram, por timidez ou falta de hábito destas coisas. Podem então ver a exposição do lado de cá do vidro, mais à vontade fora dos horários de abertura. Tenho, porém, para mim, que não se deve proporcionar tudo à devassa desta curiosidade exterior e um pouco alheia, quase sempre ocasional. Deveria haver, sempre, desse espaço interior, uma boa parte oculta, a sustentar talvez certo mistério, para além da simples curiosidade. Por outras palavras, para se ver tudo, deveria ser preciso entrar. Não falta quem pense que uma galeria deveria ser, por fora, qualquer coisa de parecido com um bar interdito a menores de 18 anos: à porta estaria um cartaz, nada mais. Quem assim pensa é capaz de ter razão. Mas talvez a solução melhor esteja no meio termo, solução de compromisso entre o escancaramento e a grande discrição. Seja como for, neste caso tratava-se duma exposição mais ou menos temática, mas isso por certo que não implicaria opções estéticas para os artistas, pintores e escultores. E uma dezena deles tinham ali trabalhos. Perdi o catálogo, esqueci-me de alguns nomes. Mas retenho que me prenderam especialmente a atenção três desenhos de Jorge Ulisses — nome já conhecido, embora mais como escultor — e dois óleos de Tomás Taborda (dizem-se que pseudónimo de Nuno Barreto). Num relance pelos preços — que a maior parte dos quadros era para vender, — eles iam de 20 a 160 contos, e a média andaria pelos trinta, quarenta. No primeiro dia, um pintor, Jerónimo, já tinha vendido dois, a 25 cada um.

Vida difícil

Vida difícil, diz-me, algures, um destes pintores, licenciado pela ESBAL, professor de Educação Visual numa escola preparatória dos subúrbios de Coimbra, dez anos de experiência destas coisas. Como artista, considera-se um amador (profissional, é-o do ensino). Já participou em colectivas, já fez individuais. As colectivas, não, mas as individuais dão prejuízo, ou quase. Nas colectivas cedem-se dois quadros disponíveis. Nas individuais há todo um outro trabalho de preparação. Geralmente, os resultados não pagam este trabalho, que vai da feitura ou acabamento de certas obras até à intervenção na feitura do catálogo, pago pela entidade (organismo, instituição, ou particular) que expõe, que cede o espaço para a exposição, mas que convém não deixar entregue ao critério, à arbitrariedade, ao gosto de outros, passando pelos encaixilhamentos, com as respectivas despesas. Correm estas últimas por conta do artista. Por conta do expositor — que não raro as regateia, com o artista, — correm, além do catálogo, os convites, o «cocktail», chamemos-lhe assim, do dia da inaugração (aonde vem sempre gente, embora faltem muitos convidados, em regra instâncias, autoridades e personalidades locais, quase tudo de prestígio devido ao institucional, com quem, não raro, convém ter boas relações, para eventuais apoios). Depois, vendem-se dois quadros ou três (geralmente os mais baratos) e apura-se para aí uma centena de contos. Quase sempre as despesas foram além das receitas, e isso sem contar o valor do trabalho, o tempo de labor, por parte do artista. Há-os que vendem quase sempre quanto baste para poderem até viver disso. Mas são excepções. A regra é uma pobreza (para não dizermos miserabilismo) disfarçada de diletantismo. Enfim, nem sequer há jornais onde se fale já nem se diz do trabalho que cada um anda a fazer, mas até do acontecimento que poderia ser uma inauguração (com alguma alusão, fugitiva que fosse, aos quadros). E isso faz falta, ao menos como compensação. Por vezes os jornais locais nem dão uma notícia de cinco linhas. E talvez esse silêncio seja melhor do que os termos em que por vezes falam disso. Há casos inúmeros de mau acolhimento jornalístico às propostas dos artistas. Aparentemente, compreendem-se ou explicam-se pela falta de informação dos jornalistas locais, para os quais é falsificação a denunciar tudo o que não seja convencional e tradicional paisagismo.

Luís de Miranda Rocha

Ser-se *adivinho*

O talento de Tchekov desenvolve-se, toma uma amplitude extraordinária em cerca de cinco anos. Em 1884 aparece uma primeira recolha: *Os contos de Melpómena* — e em 1886 surgem as *Narrações Sarapintadas*, etc., etc. Desde então o seu nome é conhecido e a sua notoriedade aumenta, pouco a pouco, gradualmente, à força de trabalho, de obstinação, de paciência. Tchekov nada recebeu de graça, tudo pagou com sofrimento. E, como na sua obra, assim foi também na sua vida material, penosa, sempre a correr atrás do dinheiro, sempre a bater-se por um mínimo de bem-estar.

Nos primeiros anos do seu trabalho literário, ele criou tipos como *O Camaleão*, e o célebre *Adjunto Prichear*, e escreveu *O Infortúnio*, *Vanka*, *Os Garotos*... O autor falará modestamente, com uma voz branda de *speaker*, que se limita a indicar os jogos de cena e a descrever os lugares, para se apagar por detrás das personagens do drama ou da comédia.

Que extraordinária diferenciação de linguagem, de aspectos de pensamento...

Esses pequenos contos tinham o dom de fazer surgir tipos da multidão anónima com que cruzamos todos os dias. Subitamente, um transeunte achava-se iluminado, penetrado até ao fundo do coração, do destino, revelado desde a epiderme até aos pensamentos secretos. Pessoas terríveis e patéticas, grandes e pequenas, ricas e pobres.

Bastava que Tchekov pousasse o seu olhar sobre um homem para que este se tornasse uma pesonagem, deixasse de ser não importa quem, o mero transeunte, e que saído da multidão anónima constituísse um «tipo». Dos lugares-comuns humanos, ténues como os rostos numa multidão, manchas pálidas, aglomerados de luas, Tchekov fazia homens e mulheres inolvidáveis.

Cada qual se tornava uma chave para compreensão de dezenas de milhar dos seus semelhantes. O autor não parecia ter observado, anotado, estudado: era um adivinho que lia nos outros como em si próprio, ou, melhor ainda, cada homem era sempre o próprio autor...

É isto que seu irmão mais velhos, Alexandre, diz tão bem numa carta, a respeito da admirável narrativa *A Felicidade* (1887): «As cabras adormecidas — escreve ele — são postas no papel de uma maneira tão miraculosamente imaginosa e animada que, estou certo disso, quando sentiste e descreveste todos esses sentimentos cabreiros, tu próprio eras carneiro...»

A história de *Vanka* (1886) é a de todos os pequenos aprendizes da época, furiosamente explorados e espancados pelos patrões, tratados como pequenos escravos... Vanka, nove anos, posto como aprendiz na cidade, por seu avô, guarda-nocturno da aldeia, escreve-lhe (porque a menina da casa lhe ensinara o abc) uma carta cheia de patético humor onde conta a sua vida, as suas desventuras, suplicando ao avô que vá buscá-lo... Uma vez a carta terminada, ele põe o seguinte endereço: «Ao avô, na aldeia» — e deita-a na caixa do correio.

Centenas, pois, de pequenos contos. Com Anton Tchekov todas as coisas se convertiam em temas: objecto, homem, animal, qualquer pequeno facto, estavam para ele tão bem ligados ao vasto mundo que se tornavam por isso dignos de interesse. Assim, o mundo, a matéria literária de Tchekov, ampliava-se sempre...

(A vida de Anton Tchekov, Elsa Triolet, Portugália Editora, esgotado)

O pombo e o volante

SE olhares com atenção, vêem-se às vezes pombos tresloucados que atravessaram a cidade em linha recta de uma ponta à outra. E nessa viagem cega devem ver coisas terríveis, porque a cidade é terrível como elas, no seu gelo de fumo e de metal.

Acontece, às mais variadas horas do dia ou da noite, um desses pombos, no seu percurso exacto e deciso esbarrar com um obstáculo imprevisto. Isso pode originar terríveis cataclismos, alguns dos quais estão, ainda hoje, por acontecer. Mas na maior parte dos casos, são os próprios pombos, esbarrando num desses obstáculos súbitos, que morrem instantaneamente, não chegando sequer a saber qual seria a sua missão ao chegar ao outro extremo da cidade. Por isso mesmo é fácil, de madrugada, deparar com pombos mortos, em geral já empurrados para a valeta pelo fluxo das águas jorradas dos camiões municipais de limpeza, que tão mal executam as vias principais da capital.

Mas naquele domingo de manhã, um cataclismo desses estava para acontecer. O pombo, dessa vez, tinha uma missão precisa, ia talvez veloz e correcto, cumprindo o percurso que lhe tinha sido atribuído; voava mais baixo do que é habitual, orientando-se por veias urbanas possíveis, de avenida em avenida, executando através de cortes bem concisos a sua linha recta.

Ela, tinha saído do automóvel; ia fazer qualquer tarefa domingueira, ninguém se lembra já se às compras, se à missa, se simplesmente ao jardim para dar milho aos pombos, distracção de infância há muito alheada dos seus hábitos principais. Ia satisfeita. Tinha tomado banho e o cabelo ainda lhe escorria, de propósito, pois era Verão e as gotas de água podiam lutar, ao escorrer pela pele suave e marota, contra o calor, já forte naquelas onze da manhã.

Estava apaixonada. Tinha conhecido um homem, na véspera, e ao olhar para os olhos verdes com que esse homem lhe falara ouvira lábios longínquos murmurarem promessas de esperança e de vinho: estava apaixonada. No carro, a rádio desligada emanava músicas silenciosas e atordoadoras, que lhe subiam ao cérebro como outros tantos beijos, os beijos que um homem ainda não lhe tinha dado. Também ela tinha uma linha recta na mente, mas como guiar traz muitas curvas, não a podia cumprir e isso violentava-a um pouco.

Foi então que o pombo, vindo ao encontro de pára-brisas, bateu no vidro de raspão, o que a fez sobressaltar, dar uma guinada ao volante e galgar o passeio, indo parar ao sopé de uma estátua representando certa personagem histórica, a qual com o seu ar sisudo continuou a vigiar a calma matinal daquele domingo urbano.

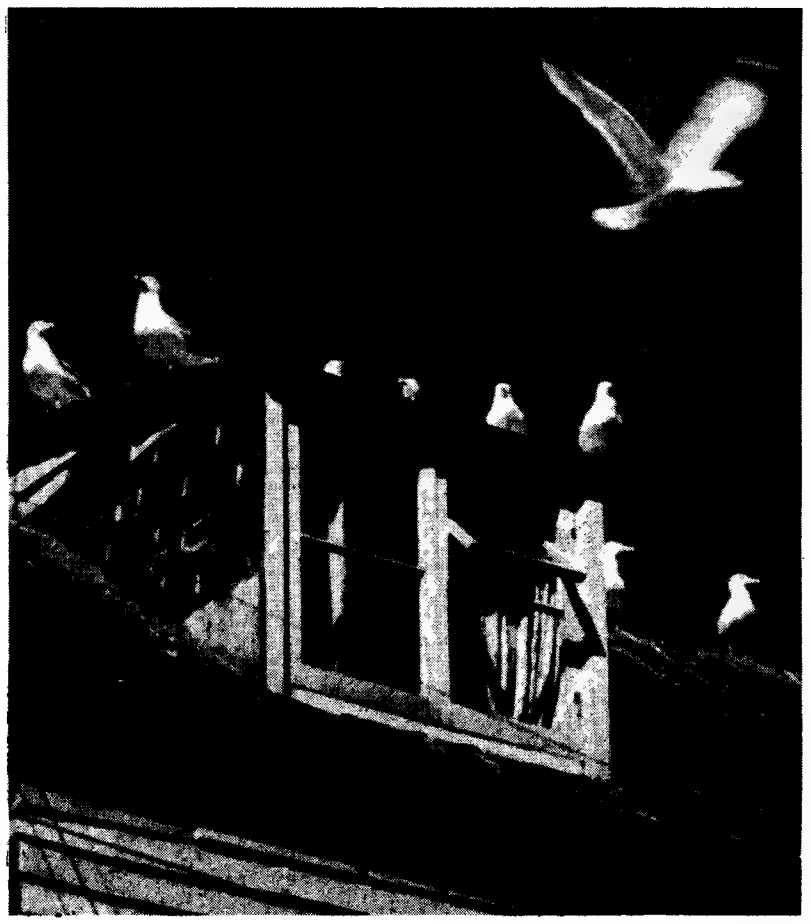
Ainda mal refeita do susto, olhou à sua volta. Viu o que lhe tinha acontecido e não entendeu bem porque é que a música antes exalada pela rádio deixara de repente de se ouvir. Tentou lembrar-se da cor dos olhos do homem que conhecera na véspera e não conseguiu. Apenas sabia dos seus cabelos negros, e de um ar triste em que não reparara antes, pelo menos com tanta força como agora.

Sacudiu um pouco o cabelo, já quase seco, compôs a camisa branca de motivos floridos como a música agora emudecida e olhou em volta do automóvel para tentar compreender se o pombo tinha ou não morrido com o choque. Mas não viu pombo nenhum. Meteu a mudança, tirou o carro do sopé da estátua e ainda um pouco abalada seguiu para casa sem fazer nada daquilo que inicialmente previra.

O pombo, com o embate, não tinha morrido. Mas a linha recta, a missão a executar e mais todas as outras razões que o faziam seguir em frente, com a exactidão da alegria, naquela manhã de domingo, tudo isso se baralhou com o choque, fazendo-o ziguezaguear algumas centenas de metros, até que aterrou num banco de jardim muito sujo, com uma trave a menos e a pintura a desfazer-se sem sombra de ilusões.

Agora, é apenas um pombo. Desses que a cidade, na sua confusão amolgada esconde, como se fosse ela o milho, e eles o veneno mais indicado para esse milho vir a engordar.

Manuel Cintra



O livro, os livros, o quê?

«A leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, em suma, de liberdade». Estas palavras são de Italo Calvino. Com sensibilidade e conhecimento, Calvino, um andarilho das feiras internacionais do livro, aborda alguns dos mais interessantes aspectos do «mar de papel impresso», incluindo os desafios a que o sujeitam o actual tempo dos *media*. (Transcrito, com a devida vénia, do n.º 5 de *A Phala,* boletim da Assírio & Alvim).

A o dirigir-me a vós, aqui, tratarei de analisar as minhas sensações cada vez que visito uma grande exposição do livro: uma espécie de vertigem perder-me neste mar de papel impresso, neste interminável firmamento de capas coloridas, nesta multidão de caracteres tipográficos; a abertura de espaços sem fim como uma sucessão de espelhos que multiplicam o mundo; esperar que me surpreenda um novo título que me estimule a curiosidade; o desejo imprevisto de ver reimpresso um velho livro impossível de encontrar; a angústia, e ao mesmo tempo o consolo, de pensar que os anos que me restam de vida, apenas chegarão para ler ou reler um número limitado de volumes que se estendem sob o meu olhar.

São, claro, sensações diferentes das que uma grande biblioteca provoca: nas bibliotecas deposita-se o passado como estrato geológico de palavras silenciosas; numa feira do livro é o renovar da vegetação escrita que se perpeeeeectua, é o fluxo das frases depois de impressas, o que trata de chegar aos futuros leitores, o que luta por verter-se nos seus circuitos mentais.

Creio não ser mera casualidade as grandes feiras internacionais do livro terem lugar no início do Outono: Francoforte em Outubro, Buenos Aires em Abril. Para um italiano como eu, o início do Outono é a época da vindima: e tal como esta celebra todos os anos a multiplicação das uvas cheias de suco, também a feira do livro celebra a renovação de um ciclo, o da multiplicação dos volumes. O mesmo sentido de abundância e profusão preside a estas duas festas outonais; a fermentação da tinta tipográfica emana uma atmosfera de embriaguez não menos contagiosa que a do mosto que borbulha nos tonéis.

Os livros estão feitos para ser contra outros; um livro só tem sentido quando se confrota com outros livros, quando continua e precede outros livros. Assim tem sido desde que os livros eram rolos de papiro que se alinhavam sobre as estantes das bibliotecas, cilindros verticais como os tubos de um órgão, cada um com a sua voz própria, grave ou delicada, ousada ou melancólica. A nossa civilização funda-se na multiplicidade dos livros: só encontramos a verdade se a seguirmos através das páginas de um volume até às de outro volume, como uma borboleta de asas matizadas que se nutre de diversas linguagens, de confrontações, de contradições.

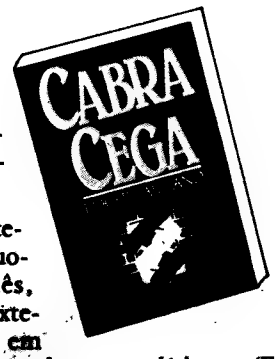
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

sugere-lhe

Criações da imaginação

3.ª Edição

4.ª Edição



CASA DE CORRECÇÃO, de Urbano Tavares Rodrigues

...viagem no interior do horrível quotidiano português, inundado de luz exterior e sepultado em doçuras piores que todos os suplícios... (Eduardo Lourenço.)

CABRA-CEGA, de Roger Vailland

Uma das obras mais representativas de uma época. Tendo como pano de fundo a RESISTÊNCIA à ocupação alemã da França.

BAIA DE TODOS-OS-SANTOS

[illegible] aos recantos e às lendas, à gente e à [illegible] e aos cultos da mais velha de todas [illegible]

O livro mágico e o do saber absoluto

Houve certamente civilizações religiosas e povos que se reconheceram num único livro: «O Livro», que podia porém conter uma multiplicidade de livros, como aquele a que justamente chamamos A BÍBLIA, o que quer dizer *ta biblia,* «os livros» no plural e não «o livro». E mesmo quando o texto sagrado é na verdade um livro no singular, como O CORÃO, exige uma produção interminável de comentários e exegeses, de modo que podemos dizer que quando mais se considera um livro definitivo e indiscutível, mais este se multiplica enchendo bibliotecas inteiras.

Também na literatura pagã nos aparece a ideia de um livro absoluto, como o Livro com éle maiúsculo imaginado por Mallarmé, que me dirão ser uma tentação do diabo; é antes o gesto perplexo e modesto de quem se encolhe perante o seu próprio livro como se fosse uma glosa de livros escrita antes dele, ou considera a sua obra como capítulo de um superlativo composto por todos os volumes já escritos ou ainda por escrever, de autor conhecido ou ignorado, em todas as línguas.

A imaginação popular atribuía à palavra escrita poderes sobrenaturais e fantasiava um livro que tornasse possível o domínio do mundo àquele que o possuísse e soubesse encontrar a palavra exacta entre as suas páginas. O livro mágico aparece como instrumento sobrenatural nas fábulas, nas lendas, nas aventuras cavalheirescas; os seus poderes amiúde se voltavam para o mal, mas a mesma magia nefasta podia transformar-se em ajuda providencial em mãos justas.

No ORLANDO FURIOSO, o mago Atlante faz surgir do seu livro mágico um palácio onde tudo é ilusão, povoado pelos fantasmas dos paladinos mais valorosos e das damas mais formosas. Cavaleiro que se perdesse naqueles muros que se desvaneciam, para perseguir uma sombra na qual reconhecia o seu inimigo mortal ou a mulher amada, jamais encontrava a saída; o livro fechava-se e o palácio desaparecia no nada. Mas quando o livro mágico chega às mãos de Astolfo, cavaleiro que tem uma fé especial em tudo o que é maravilhoso, aquele adquire o poder de montar Hipógrifo e de voar até à lua.

No poema de Ariosto, que ressoa com o férreo rumor das armas, lanças, espadas e cimitarras, assim como com as primeiras detonações de arcabuz — é nestas páginas que a pólvora dos disparos faz a sua aparição na literatura cavalheiresca —, a principal arma é o livro mágico. Qual é o poder da palavra que o livro mágico encerra? Poderá a palavra mudar o mundo? Ou melhor, tem o poder de dissolver o mundo, de ser ela mesma o mundo, de substituir a própria totalidade com a do mundo não escrito?

O ORLANDO FURIOSO é um livro que contém todo o mundo, e este mundo contém um livro que quer ser mundo. Mas o que está escrito neste livro mágico não o sabemos. Talvez o volume que Astolfo consulta enquanto voa montado no cavalo alado seja o poema que ele narra sobre si mesmo, sobre o cavalo alado e sobre uma viagem à lua.

Quem pode ler o livro do mundo?

A metáfora do livro como um mundo e do mundo como um livro tem uma longa história, desde a Idade Média até aos nossos dias. Quem pode ler o livro do mundo? Somente Deus ou também o homem? Tem sido a metáfora do livro-mundo o centro de discussões teológicas acerca da sabedoria divina e dos limites do conhecimento humano.

No início da Era Moderna, tanto Francis Bacon como Galileo Galilei contrapõem à autoridade dos livros escritos nas línguas dos homens, o livro da natureza que Deus escreveu na sua língua e que resta ainda ao homem para decifrar. Tommaso Campanella condena esta ideia num soneto: «Il mondo e il Libro dove il Senno Eterno scrisse i propii concetti...» Galileo precisa que o livro do mundo foi escrito por Deus num alfabeto matemático e geométrico.

Não era por acaso que o poeta preferido de Galileo era Ludovico Ariosto: assim como Astolfo montado no Hipógrifo sobrevoa os territórios da lua com a ajuda do livro mágico, do mesmo modo Galileo, com a ajuda do raciocínio matemático, explora com o seu telescópio a paisagem lunar e a descreve com as suas sombras e a sua brancura deslumbrante.

Há em Galileo uma página, na qual o cientista florentino defende que todo o mundo pode estar contido num pequeníssimo livro: o alfabeto. O alfabeto é, segundo Galileo, a maior das invenções feitas pelo homem, pois com a combinação de uma vintena de signos se pode dar conta de toda a riqueza multiforme do universo. Do mesmo modo, diz a tela do pintor basta para representar todo o visível mediante a combinação das cores básicas. O alfabeto permite a rápida transmissão do pensamento entre pessoas que estão longe, entre pessoas de séculos diferentes, entre os mortos e os vivos...

Acaso os poderes da palavra residem então nas potencialidades infinitas que abre a *ars combinatoria?* Da época medieval de Ramón Lull ao século XVIII de Leibniz, a *ars combinatoria* aparece às mentes mais ambiciosas como a chave de todo o conhecimento e nelas provoca o sonho do livro universal.

Surge da China, trazido pelos missionários jesuítas, um livro onde estão contidos os destinos humanos em combinações de seis linhas, interompidas ou contínuas: o «livro das mutações», chamado I-CHING. Leibniz estuda os sessenta e quatro hexagramas deste antigo livro chinês, não para averiguar o futuro, mas sim para deduzir um sistema de cálculo binário que dois séculos mais tarde será o da informática.

O livro mágico, o livro absoluto, cujos mistérios superam o limite de toda a linguagem, não seria então apenas o modelo de um cérebro electrónico? Contudo, o ordenador só tem valor porque pode memorizar e executar uma grande quantidade de programas que elaboramos e inserimos nos seus microcircuitos. Voltemos à multiplicidade como condição primeira de qualquer acto de conhecimento. Assim como o ordenador não tem nenhum sentido sem programas, sem o seu *software,* do mesmo modo, o livro que pretenda ser considerado «O Livro» não tem sentido sem o contexto de muitos, muitos livros à sua volta.

O livro enciclopédia: o romance

Outra tentação que volta a apresentar-se desde os tempos mais antigos é a de concentrar o saber de todos os livros num só discurso: a enciclopédia. Podemos afirmar que este desejo parte das motivações mais razoáveis, de uma necessidade de ordem e de método: traçar um mapa dos territórios do saber humano, verificar as fronteiras do nosso conhecimento. Talvez todas as civiliza-

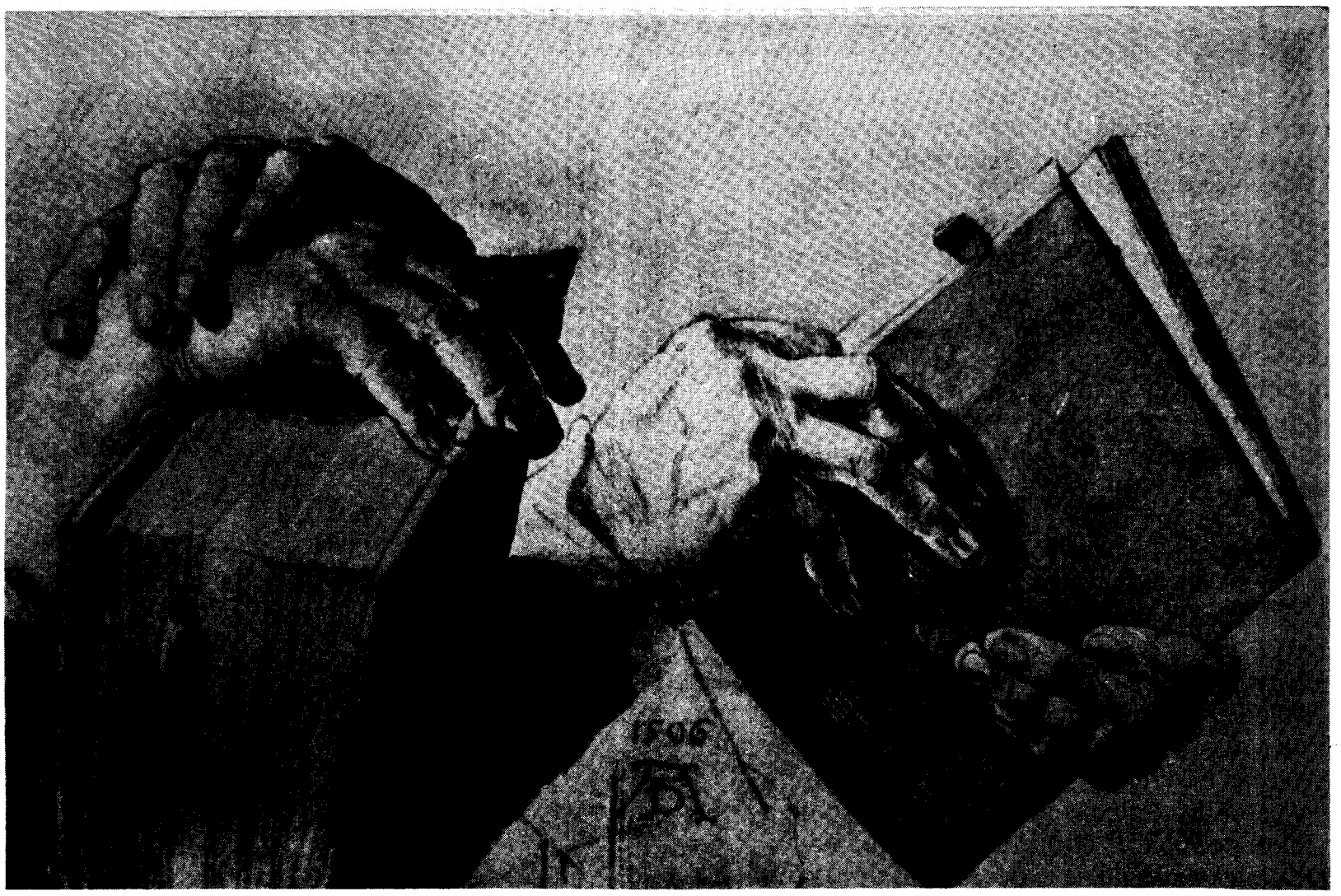
esidem
as que
ca me-
XVIII
aparece
omo a
e nelas
rsal.

missio-
estão
n com-
idas ou
ções.
uda os
ste an-
guar o
sistema
os mais

soluto,
de toda
enas o
ónico?
or por-
r uma
as que
us mi-
cidade
ualquer
omo o
do sem
ve, do
nda ser
sentido
s livros

ance

presen-
gos é a
s livros
. Por
rte das
na ne-
traçar
er hu-
nosso
viliza-

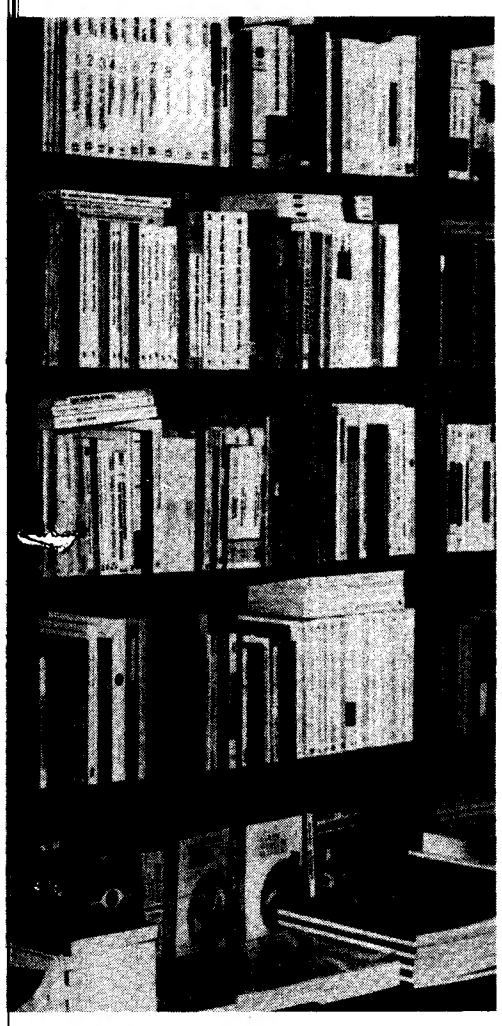


ções, todas as épocas não tenham conseguido mais do que tentar a empresa enciclopédica; contudo, também é certo que esta intenção de unificar os saberes plurais se revelará sempre como uma ilusão, já que cada tipo de conhecimento tem um método e uma linguagem distinta de outros métodos e de outras linguagens, o que não permite inseri-lo num círculo como o que sugere o próprio nome de enciclopédia.

Porém, o que desejo sublinhar agora é que nos primórdios da Idade Moderna se assiste ao nascimento de um género literário, o romance, que comporta, desde as suas origens, uma vocação enciclopédica. Rabelais acumula nos livros de Pantagruel todo o saber das universidades e das tabernas, a linguagem dos doutos e dos plebeus, e é assim que meio século mais tarde Cervantes nos faz assistir ao encontro entre o sublime da poesia e o prosaico da vida quotidiana, o mundo ideal dos livros e da fantasia e o sentido elementar e comum dos provérbios, a sabedoria rude das ruas poeirentas e das estalagens a cheirar mal: uma mistura explosiva e elementos que transborda na loucura de D. Quixote e inaugura a literatura moderna.

Esta vocação enciclopédica continuará a fazer-se sentir na história do romance: de facto, no nosso século, os romances-enciclopédia são os mais significativos, de A MONTNHA MÁGICA ao HOMEM SEM QUALIDADES e sobretudo ao ULISSES de Joyce, que fixa em cada capítulo um estilo distinto e um distinto território da experiência humana. Em Itália, o romancista enciclopédico por excelência é Carlo Emilio Gadda, que no QUER PASTICCIACCIO BRUTTO DE VIA MERULANA condensa numa trama policial os dialectos de Roma e da Itália medieval, a arte barroca e a epopeia de Virgílio, a psicologia e a fisiologia, e sobretudo uma filosofia do conhecimento.

Talvez os romances sejam as únicas enciclopédias que compõem verdadeiramente um quadro da totalidade a partir da singularidade das existências humanas, das vicissitudes individuais, sempre pariais, sempre contraditórias, sempre ambíguas, nunca unívocas. A totalidade é um conceito dos filósofos que permanecerá sempre abstracto; o que os escritores de romances querem é tecer uma rede que ligue a experiência durante séculos guardada nos livros com a dispersão das experiências que todos os dias encontramos nas nossas vidas e que nos aparece sempre mais inacessível e indefinível.



O livro como espelho ou auto-retrato

O livro, os livros. Pensar que os livros se geraram a partir de livros, como que por uma força biológica própria do papel escrito, pode provocar angústia: se é o discurso escrito que passa através da mão que escreve, se o autor não é mais do que um instrumento de algo que *se escreve* e que é independente dele, talvez não sejamos nós que escrevemos os livros mas os livros que nos escrevem a nós.

Aqueles que consideram esta hipótese alarmante preferirão crer que a página que escrevem é um espelho no qual se projecta a sua própria imagem: o livro como equivalente escrito da própria pessoa no que esta tem no seu interior, um prolongamento da individualidade, manifestação da própria existência única e irrepetível. O indivíduo como um livro por decifrar, o livro como espelho ou auto-retrato: este é também um modo de perceber a escrita que assinala o início da cultura moderna, segundo a lição de Montaigne, e continua através de Rousseau até aos nossos dias, até Proust e para além dele; «This is no book; / who touches this, touches a man», dizia Walt Whitman.

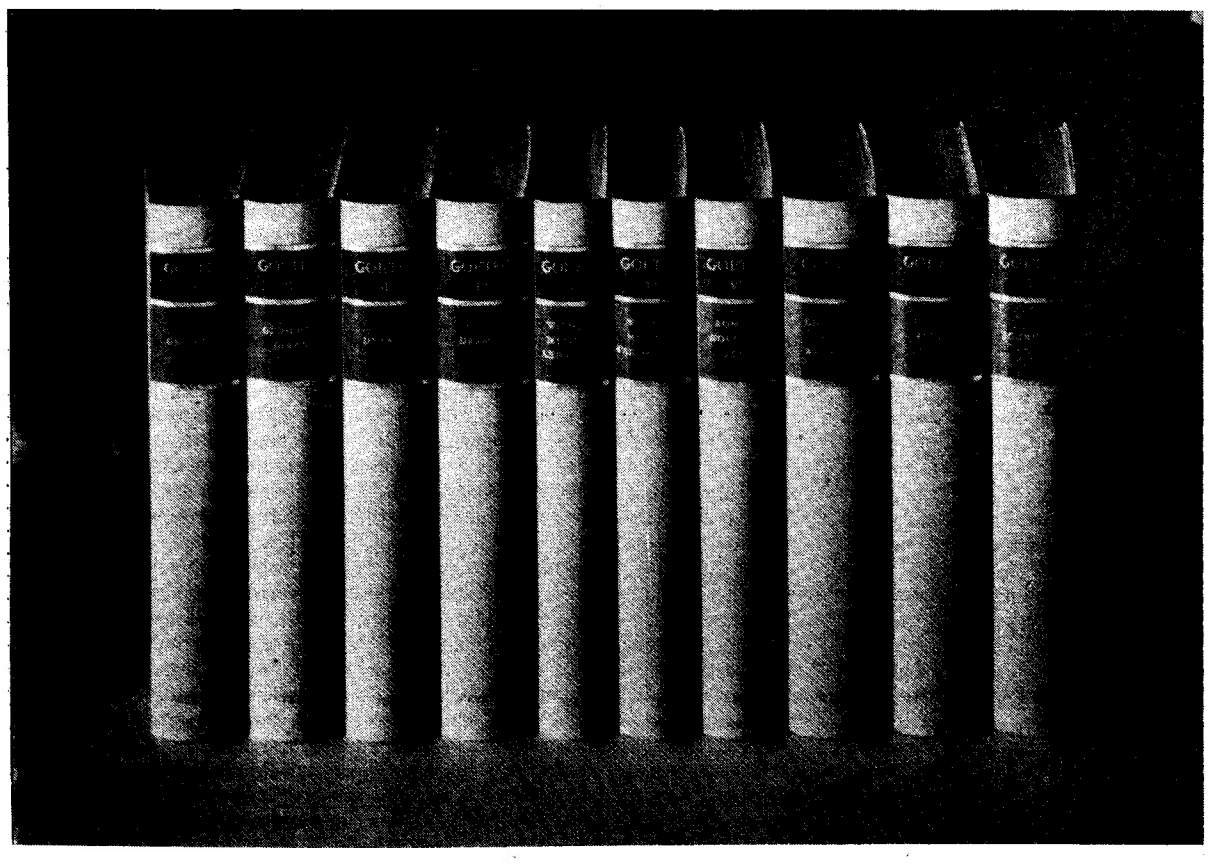
Contudo, os livros nos quais um ser humano se narra e descreve com a evidência de uma verdade nunca antes alcançada são raros e extraordinários, e penso que não teriam importância se fossem mais numerosos, a menos que se queiram ver multiplicados os desplantes e narcisismos que tanto abundam na literatura. Um grande livro tem valor não tanto porque nos ensina a conhecer determinado indivíduo, mas porque nos apresenta um novo modo de compreender a vida humana, aplicável aos outros, e que também podemos utilizar para nos reconhecermos a nós mesmos. Se cada pessoa contivesse em si um livro e não lhe restasse mais que deixá-lo no papel (ou pô-lo, como a um ovo), as bibliotecas estariam repletas de intermináveis populações de folhas impressas de todos os vivos e mortos, menos inconsistentes que os corpos de carne e osso que se amontoaram no vale de Josafat, perspectiva que seria, esta sim, a mais angustiosa de todas. Eu prefiro acreditar numa biblioteca ideal que acolha os exemplares modelos de experiência, os protótipos, as formas essenciais a partir das quais se pudesse deduzir todo o possível.

Sobreviverá o livro à concorrência dos audiovisuais?

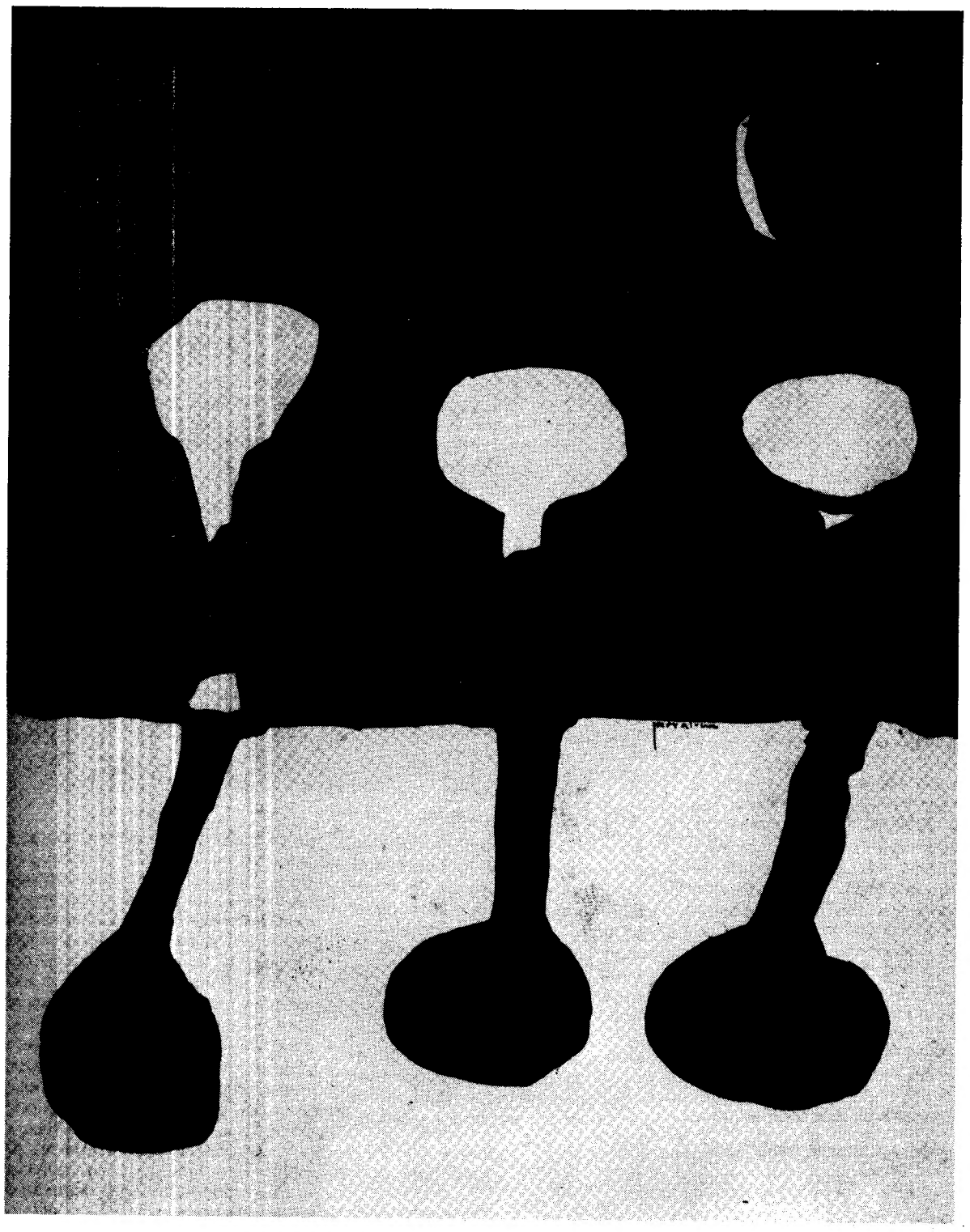
Talvez agora devesse ter em conta uma pergunta que ouvimos com frequência hoje em dia e que é uma questão pragmática numa Feira do Livro: fala-se dos livros como algo que sempre foi e que sempre será, mas estamos nós seguros de que o livro tem um futuro à sua frente? Sobreviverá à concorrência dos meios electrónicos audiovisuais? Como se irá transformar ou o que irá substituí-lo? Em que se vai converter o escritor?

Bem, a minha resposta só pode ser uma, de fidelidade ao livro, aconteça o que acontecer. Introduzamo-nos na perspectiva dos séculos. Os livros circularam durante muitos séculos antes da invenção de Gutemberg e nos próximos séculos certamente encontrarão novas formas de sobrevivência.

A primeira editora de cujas actividades temos notícias detalhadas através das cartas de Cícero, foi fundada em Roma no ano 50 aC por Tito Pamponio Attico para a difusão dos clássicos gregos e das novidades latinas; estava organizada de modo não muito diferente das editoras dos nossos dias, com a diferença de que em vez de tipógrafos havia um grande número de escrivães. (...)



A tentação do silêncio



Acredito que os caminhos da poesia são invioláveis. Não é que não possa alterar um verso ou proceder a constantes e consecutivas emendas sobre eles. É que o interesse de um tal labor, quando comparado com o interesse de certas outras experiências, me parece ínfimo e até irrisório.

É preciso começar a pôr de lado uma concepção demasiado oficinal de poesia. O trabalho oficinal em poesia parte sempre do pressuposto de que um poema não quer dizer nada e que com ele o poeta nomeia mais as palavras do que a realidade que elas designam.

É aqui, na encruzilhada destas duas formas de fazer, que o labor sobre as palavras se pode tornar, se demasiado preso a si mesmo, requentado. Eu parto dessa linha poética que sempre sentiu a necessidade de uma intencionalidade oculta e de uma reinvenção da realidade. Quando digo num poema uma palavra estou a nomear, pela primeira vez, uma realidade que até aí não tinha qualquer nome para mim. Só falo verdadeiramente quando nomeio com a palavra poética. E é frente à mais nua das realidades que a palavra desce-me como um sinal indispensável.

Não acredito na arbitrariedade da palavra ou do signo linguístico. As articulações entre a palavra e a coisa, ou o elo que existe entre o significado e o significante, parecem-me cada vez mais necessários. Há palavras que não poderiam ser outras. É impossível para mim concebê-las, do ponto de vista da minha língua natal, fora do quadro dos seus fonemas. Areia, por exemplo, é uma palavra indispensável para nomear essa realidade leve, branca e arredondada e é perfeitamente impossível, dentro do quadro de propriedades do seu referente, idealizar-lhe qualquer outra modificação.

O policiamento da linguagem verbal, típico de uma concepção oficinal da poesia, é um dado próprio da escrita e de uma mentalidade que perdeu um relacionamento infantil com as coisas. Trata-se, no fundo, de uma concepção *escolarizada* de poesia (aprendida às vezes com muito custo nos bancos de *escola*) que contrasta com a necessidade que toda a criança tem em relacionar-se de forma simbólica e mágica com a língua. E com o real.

Falar é neste caso um acto de participação activa e intensiva naquilo que nos rodeia. A língua não estabelece uma distinção entre o real e o homem, mas antes um elo de ligação entre os dois. A palavra é um dado cósmico e *natural* que integra o homem na natureza e que nada tem de arbitrário. Ela não é um mero dado da produção cultural humana. Neste sentido, os antigos esquimós mudavam de nome conforme iam mudando de idade.

A memória do nosso primeiro poema é sempre a memória de uma fala em idade pré-escolar. As palavras inseriam-se aí como as imagens necessárias de um mundo à procura dos seus nomes. Nesse continente à deriva, frente a um real ainda virgem, a aprendizagem da língua materna era também o primeiro discorrer livre sobre o poema. É uma memória recuada, como se tivesse sido vivida num país longínquo, mas suficientemente forte e impressiva para dela me socorrer.

Exalto por isso a espontaneidade e a naturalidade (ainda que controlada) em poesia. O poema não é dito nem é escrito, mas sim imaginado ou inventado. O poeta reencontra a criança, o ponto de vista da criança e o real está para um como para outro ainda por dizer. Trata-se por isso de *imaginar* as palavras que o digam ou que o signifiquem. A língua torna-se uma espécie de corpo materno onde não apenas se bebe, mas onde o real se prolonga como a mãe se prolonga a partir de nós próprios. Entre a linguagem verbal e o real os elos são afinal tão fortes e solidários, do ponto de vista do poeta, como entre a mãe e o corpo do recém-nascido. Um cordão os alimenta, nesse momento precário e os une, mesmo fantasticamente, para sempre.

Só a exaltação (ou o *trespasse* como dizia recentemente um jovem poeta) me pode restituir essa relação privilegiada, apesar de tão elementar, com a língua. É ela que melhor se equivale, no plano dos acontecimentos psíquicos, não só a essa necessidade de imaginar a língua como também à espontaneidade que defendemos em poesia. A exaltação, que pode ser traduzida por uma combustão suficientemente avançada, perto do grau de fervura, é a melhor garantia de que a espontaneidade (ou pelo menos aquilo que eu chamo de espontaneidade) também sabe operar, pelos seus próprios meios, uma selecção. Pelo contrário, o rigor, como forma de policiamento da escrita, ou a disciplina, como forma de recalcamento do espontâneo, são formas que tendem a anular o momento rubro da inspiração e a substituí-lo por formas mais arrefecidas ou requentadas de poesia.

Uma das mais velhas metáforas do poema é a fonte que brota do interior escuro e telúrico de uma terra pobre e aparentemente seca e pedregosa. Não é só o facto de a poesia ser uma espécie de sede e o poema, quando generosamente dado, uma água pura que nos liberta dessa sede que faz a força da metáfora. É o facto da fonte ser ainda o princípio, o início de tudo, o ponto onde todas as águas brotam, aparentemente chegadas do nada, que faz com que esta associação do poema com a fonte se torne profundamente significativa. Também o poema tem simbolicamente a sua boca encostada às traves do mundo e irrompe sempre, como uma verdadeira trovoada, de um modo súbito e inesperado.

É por isso que criança, o primitivo ou o adolescente são aqueles que melhor podem compreender a actividade do poeta. Também eles estão ainda muito próximos do centro do mundo e demasiado próximos de tudo. Adão, numa alegoria cheia de significado, foi encarregado de arranjar nomes para todos os animais que o rodeavam. Como primeiro homem (e cada um de nós se institui na vida como primeiro homem) ele tinha a necessidade e (o poder) de nomear. E o nome, que é a melhor tradução para o mistério do *Logos* grego, é poder absoluto, uma marca indissolúvel, uma cifra.

Para os antigos egípcios o nome é muito mais do que um simples signo de identificação, de carácter livre e arbitrário. Ele é uma das dimensões essenciais da pessoa que o usa e a sua má utilização pode trazer consequências físicas graves. Nenhum nome é inocente, arbitrário, e todos eles trazem um elo mágico, um elo misterioso que faz com que o conhecimento do nome seja ainda, por uma equivalência simbólica, um conhecimento mais íntimo da própria coisa que o usa.

A poesia é, por excelência, o acto de nomear. Aí, as palavras, que são antes de mais nada nomes, não surgem como mera substituição das coisas, mas como partes essenciais dessas mesmas coisas. Uma coisa sem nome arrisca-se ela própria a deixar de existir. Nomear é por isso, do ponto de vista do poeta que o faz, um acto eminentemente pessoal. Apesar da língua, que, como sistema social o liga a uma comunidade que o supera, o poeta consegue nomear de outra forma uma determinada coisa. Para isso não necessita de cunhar novas palavras, mas apenas de utilizar ou de imaginar outros nomes para essa mesma coisa. Trata-se de um processo de deslocação do significado de um nome para outro e não de uma simples invenção de significantes.

Daí me parecer que, nomear em poesia seja geralmente, em virtude do uso constante da metáfora, um acto de subversão e de reinvenção da realidade. Nomear é reinventar o real e não substituir esse real. As palavras não substituem a realidade, nem se tornam realidades que apenas se designam a elas um no poema, as palavras inventam, de forma nova e diferente, essa mesma realidade que designam.

O poema não é um mundo fechado e hermético onde a realidade não entre. Um poema que se pretenda substituir à própria realidade, abstraindo-se da sua existência, é um poema que respira uma concepção demasiado factual ou oficial da poesia. Eis então porque um poema se arrisca a perder necessariamente a sua temperatura primitiva. É necessário reaver o instante, o instinto e com ele a abóbada estrelada do universo. Aí, sob um tecto intacto e primitivo a palavra recupera o seu raio. Ela é relâmpago que fende a noite escura com a sua poderosa descarga de júbilo e de tempestade.

A realidade mais viva de um poema são esses momentos inesperados (e indispensáveis) em que a palavra abre de repente um entendimento superior às coisas do universo. Sem ele nunca se poderá acender um poema. Por isso, repito: os caminhos da poesia são invioláveis, não se pode impunemente retroceder neles.

António Cândido Franco

(Extraído, com a devida vénia, *Logos*, publicação filosófica semestral, n.º 6, Dez. de 1986)

O cinismo de Somerset Maugham

Somerset Maugham tornou-se um autor de sucesso a partir do dia em que publicou o seu primeiro romance. Depois da publicação do segundo, «Mrs. Craddock», abandonou os estudos de Medicina, quando já era interno de um hospital londrino. Tinha vinte e seis anos.

O sucesso como escritor, que não deixaria de se acentuar nos anos posteriores. Curioso, no entanto: o leitor de *élite*, nos primeiros tempos, virou as costas ao escritor, ao passo que a grande maioria anónima começou desde logo a respeitá-lo. Por fim, sob as coroas de louro com que o agraciavam, em parte devido às suas peças de teatro e a Hollywood, Maugham pôde gritar como Voltaire, quando do sucesso de *Irène*, face aos seus admiradores: «Não me sufoquem sob as rosas!»

Maugham manteve-se fiel às linhas tradicionais e já muito experimentadas da narrativa. Acreditava, como Kipling e Chesterton, dois ilustres contemporâneos seus, que uma história que ultrapassasse as cinco ou seis páginas, necessitaria de um cavalete para «segurar» o interesse do leitor. Além disso, nunca menosprezou as linhas da intriga. Assim sendo, preferia Maupassant a Tchekov.

Somerset Maugham nasceu em Paris, em 1874, onde viveu até aos 10 anos. Passaria, aliás, muito tempo em França, aí morrendo em 1965 com a idade de 91 anos, na sua propriedade da Côte d'Azur, a qual de maneira nenhuma era indigna das suas personagens ricas.

A leitura do *Journal* de Jules Renard tinha constituído para ele um encontro capital. Em certa medida, foi essa leitura que determinou a sua vocação. Por estas e outras razões, afirmou-se de Maugham que era o mais francês dos escritores ingleses. Puro engano, porém: ele foi sempre, e a sua obra prova-o, imperturbavelmente inglês.

Mrs. Craddok conta a história de Bertha Ley, uma jovem da aristocracia latifundiária, orfã, a viver com uma tia, no campo, numa casa dotada de uma excelente biblioteca.

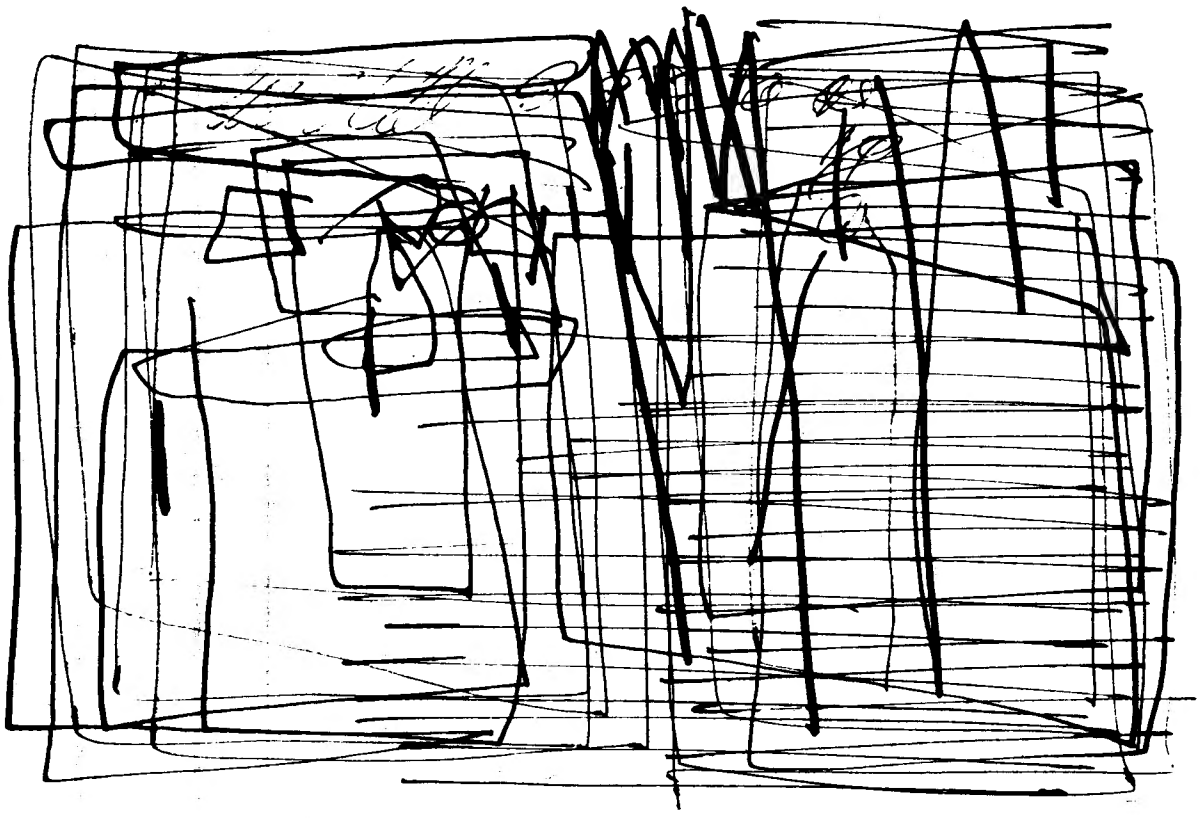
Miss Ley, a tia, é uma personagem directamente saída de uma comédia de Oscar Wilde. Horroriza-a quaisquer expansões do coração: para o casamento, por exemplo, tem uma justificação decente: a corte erótica que o homem faz a uma mulher. Considera hipócritas as pessoas virtuosas — e tem por estúpidas aquelas que acreditam no paraíso...

A sobrinha acaba por casar-se com Edward Craddock, dado aos cavalos, ao tabaco, um homem que afunda as botas na terra. O exemplar de homem que a tia lhe descreveu óptimo para o casamento. Sucede, no entanto, que Edward, a despeito do seu sentido prático, revela-se um homem delicado, que teme que a leitura seja prejudicial ao espírito da mulher. Quanto à música que ela cultiva, bem...

O desenvolvimento é trágico e de um cinismo que quase conduz ao sorriso: ao cabo de dez anos de vida conjugal, Edward, o macho aconselhado pela tia, suicida-se, atirando o cavalo a galope de encontro a uma árvore. Quando do regresso do funeral, Bertha é encontrada a ler, precisamente voltando a página que tinha deixado em suspenso quando lhe vieram anunciar a morte do marido...

Publicado vinte e seis anos antes de *O Amante de Lady Chatterley*, não há dúvida que o romance de Maugham o anuncia. Mas uma coisa é certa: um livro precursor não passa fatalmente do rebento de uma obra-prima. É o caso (embora se leia) de *Mrs. Craddock*.

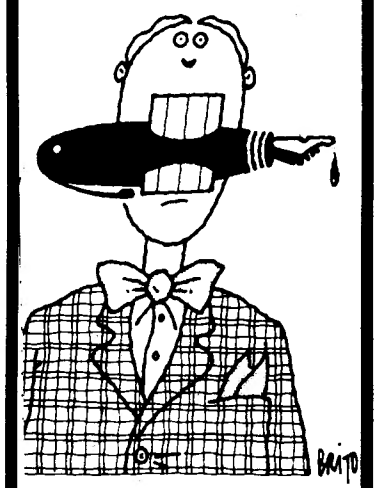
Hector Bianciotti



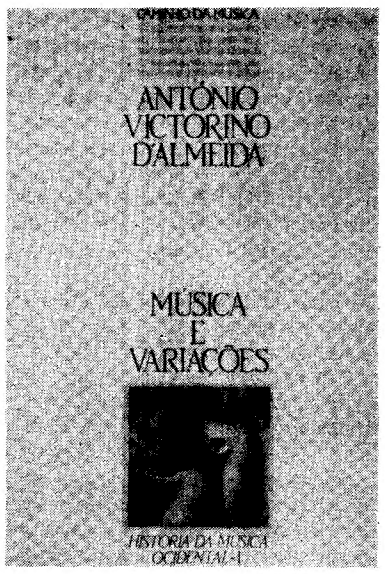
Na terça-feira

Sete Ponto Sete

Quanto rende a publicidade feita em suportes especializados? Faça a experiência



Acabados de chegar



■ Música
e Variações
António Vitorino
d'Almeida
Caminho

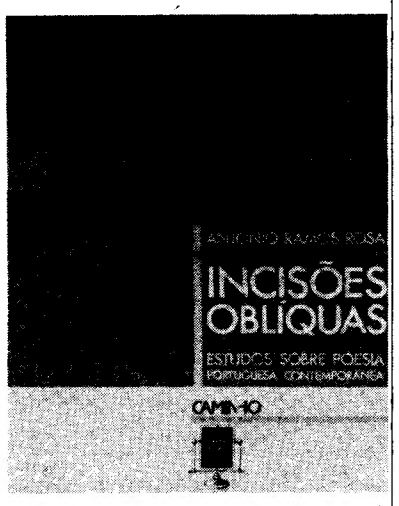
Afirma o autor em brevíssimo prefácio: «Apenas aceitaria o título, sempre ambicioso, de *História da Música* para este livro — cujo primeiro volume ora se apresenta — se pudesse esclarecer, em defesa da verdade e do rigor: história da música... que eu conheço! É em plena connsciência que não abordo nestas páginas temáticas e repertórios que me são estranhos, havendo que atribuir essa estranheza ou ignorância a uma ausência de tempo e de oportunidades para me ocupar de tais matérias, e jamais a uma menor curiosidade perante os fenómenos musicais de alta valia que marcam as culturas africanas, a China, a Índia, o Bali e múltiplos outros pontos do globo — para já não referir todo o património legado, e só parcialmente decifrado, pelas civilizações da Antiguidade. O leitor encontrará nos dois volumes previstos deste trabalho uma súmula das minhas reflexões sobre a grande aventura da música que me foi dado contactar em termos vivenciais...» Digamos, no entanto, que uma coisa é certa: o leitor que goste de música, mas não especialista nas múltiplas estruturas da sua construção, tem neste livro de Vitorino d'Almeida uma obra aliciante, que não só enriquecerá os seus conhecimentos sobre a matéria, como lhe mostrará, através de uma fina ironia, como, ao longo dos tempos, têm sido tratados os verdadeiros criadores. Leia-se, por exemplo, a aventura de Bach... Um livro, pois, que é também uma certa forma de denúncia dos intrincadíssimos processos que levam a que se enalteçam certos nomes (que nada valem) e se menosprezem outros (que tudo valem). É ler, é ler. Até porque, para além de tudo o mais, há nestas páginas (350) a límpida escrita de quem sabe gargalhar sobre os actos mesquinhos dos homens. Ou por outras palavras: somos tomados por uma pedagogia que não nos curva a espinha. Capa de Henrique Cayatte.

■ Ciladas de Amor
e Raiva
A. Vicente Campinas
Edição do Autor

Vasta é a obra poética e de ficção de A. Vicente Campinas. É um fluir de palavras, uma persistência de longos anos na defesa de certos valores, de um sentido que o autor nunca abandonou. Neste livro que ora nos chega à secretária, Campinas introduz o leitor através das seguintes palavras de Michel Giacometti: «A poesia é a forma mais directa e, ao mesmo tempo, mais natural de um povo contabilizar a sua história.» Assim se apoiando, logo no primeiro poema nos diz: «Amanhecemos de um ventre de aventura / para entrarmos doídos de mistério / no futuro. // Tudo é incerto ao certo nesta dura / mistura de alegria em flor e em tédio / em que prostrados frente a um muro / temos dificuldade em prosseguir. (...)» Recolha de poemas de vários anos (os anos cruciais para a instauração da democracia em Portugal), esta colectânea oferece-nos, por assim dizer, um ponto particular de uma situação muito portuguesa, muito nossa. É uma voz coerente, a de Vicente Campinas. Merece, por conseguinte, atenção — embora outros discursos haja que outros caminhos apontam impregnados de dignidade, aventura e profecias a cumprir no tempo oportuno. Na capa, um desenho belo de simplicidade de Luís Rodrigues.

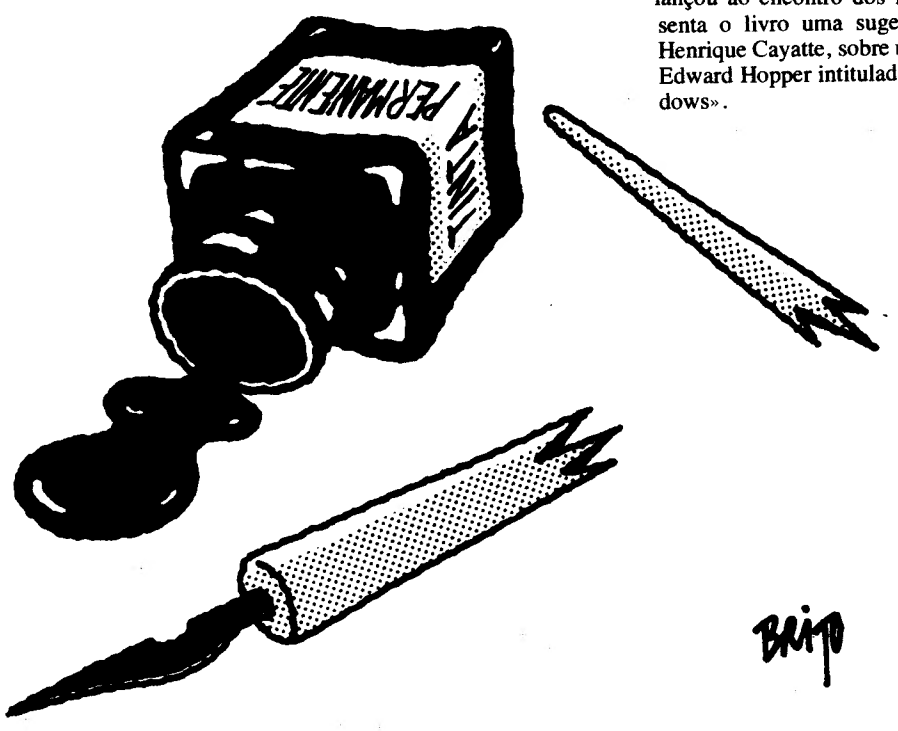
■ O Azul Deserto
da Tarde
Eunice Cabral
Europa-América

Prémio de Revelação de Ficção de 1987 da Associação Portuguesa de Escritores, *O Azul Deserto da Tarde*, de Eunice Cabral, é um romance sobre o qual nos debruçaremos, oportunamente, em *Lemos para Si*. De momento, fica aqui o registo, pois que o livro se encontra já nos escaparates. Integrado na Colecção Século XX da editora que o lançou ao encontro dos leitores, apresenta o livro uma sugestiva capa de Henrique Cayatte, sobre uma pintura de Edward Hopper intitulada «Night Windows».



■Incisões Oblíquas,
Estudos sobre poesia
portuguesa contemporâ-
nea,
Caminho, Colecção Uni-
versi
tária

Um livro de consulta (e não só) para todos quantos se debruçam sobre o fenómeno poético. São vinte e seis ensaios, incisivos, sobre nomes da poesia portuguesa contemporânea. Ei-los: José Gomes Ferreira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Mário Cesariny de Vasconcelos, Alexandre O'Neill, Alberto de Lacerda, Egipto Gonçalves, João Rui de Sousa, Ruy Belo, Herberto Hélder, Pedro Tamen, Fernando Guimarães, José Augusto Seabra, Fernando Echevarria, Albano Martins, Maria Teresa Horta, Luiza Neto Jorge, Casimiro de Brito, Fiama Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Ângelo Varela (ainda sem livro publicado), António Franco Alexandre, José Agostinho Baptista, Laureano Silveira, Rui Magalhães e António Magalhães. Edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura. Capa de Ivone Ralha.



O eu nos outros

O todo e a parte

A paisagem só se enquadrou no vidro da carruagem uns minutos após o comboio ter largado da estação. Primeiro passaram os grandes prédios, as chaminés industriais, as pequenas casas dos subúrbios — e só depois é que os campos, os renques de árvores, o céu longínquos se foram sucedendo como quadros na atenção de Eurico...

«Uma exposição de quadros a não sei quandos quilómetros à hora» — pensou ele, com uma certa ironia, batendo discretamente no vidro da janela com os nós dos dedos.

Alguém, num solavanco da viagem, lhe assentou uma palmada no ombro:

— Que faz o menino por aqui...? De viagem até aonde...?

Era Artur R., de fato azul-marinho, impecável no nó da gravata.

— Mas que maneira essa de viajar! — exclamou Eurico, abraçando-o e tirando-lhe o lenço do bolso do casaco.

— Encontros... — disse o outro, um sorriso nos lábios, um piscar de olhos rápido e verde.

— Ah, bem! — dissse Eurico, encolhendo imperceptivelmente os ombros.

— Pois eu vou até ao Porto. Passar uns dias em casa do meu irmão... Estou de férias, já fiz praia, sabe bem regressar às raízes.

E Artur R., o dedo pelo bigode muito aparado:

— Sozinho...?

— Sim... Quando visito uma exposição de quadros, gosto, na verdade, de me encontrar só.

O outro sentou-se à frente de Eurico:

— Uma exposição de quadros?... A que exposição te referes...?

Eurico cruzou a perna, distendeu os braços, quase se desfez num bocejo — e disse:

— Ora, não interessa... Que eu saiba, nunca te interessaste por pintura. É uma exposição que visito todos os anos. Quase sempre pelas minhas férias...

— Uma exposição em pleno mês de Agosto...?

— É verdade. E com milhares e milhares de quadros... De todas as escolas, estilos e vanguardas.

— Reproduções, não...? — insistiu Artur R.

— Quais reproduções! Tudo original, quase tudo inédito...

O outro levantou-se, um olho semicerrado:

— Bem, vou até ao bar... Não tomas nada...?

Eurico, que no momento se extasiava com um Vieira da Silva, disse não com a cabeça. Artur só regressou quando os grandes óleos da entrada do Porto captavam por absoluto a atenção de Eurico.

— Saímos os dois...? — perguntou.

Eurico comoveu-se com aquela tímida deferência. E disse, tomando o braço de Artur:

— Não saímos os dois... Saímos todos!

Quando se despediram, já fora da estação de Campanhã, Artur R., com um abraço, disse:

— Diverte-te, homem! No entanto, espero que a exposição te satisfaça...

E Eurico, sorrindo:

— De tantos quadros, escolher um é que me embaraça.

Pedro Alvim